



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação

JULIANA ALINE GOMES VIANA

**TESSITURAS ENTRE MARACATU E EDUCAÇÃO:
PERCURSOS FORMATIVOS DE INTEGRANTES DA NAÇÃO ENCANTO
DO PINA**

Campinas
2024

JULIANA ALINE GOMES VIANA

**TESSITURAS ENTRE MARACATU E EDUCAÇÃO:
PERCURSOS FORMATIVOS DE INTEGRANTES DA NAÇÃO ENCANTO
DO PINA**

*Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da
Universidade Estadual de Campinas como parte dos
requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra
em Educação, na Área de Educação.*

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Norma Silvia Trindade de Lima

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL
DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA
JULIANA ALINE GOMES VIANA E ORIENTADA PELA
PROF.^a DR.^a NORMA SILVIA TRINDADE DE LIMA.

Campinas
2024

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Biblioteca da Faculdade de Educação
Gustavo Lebre de Marco - CRB 8/7977

V654t Viana, Juliana Aline Gomes, 1984-
Tessituras entre maracatu e educação : percursos formativos de integrantes da Nação Encanto do Pina / Juliana Aline Gomes Viana. – Campinas, SP : [s.n.], 2024.

Orientador: Norma Silvia Trindade de Lima.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Faculdade de Educação.

1. Maracatu. 2. Educação. 3. Infância. 4. Memória. 5. Decolonização. I. Lima, Norma Silvia Trindade de. II. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Faculdade de Educação. III. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: *Weaving between maracatu and education : formative paths of members of the Nação Encanto do Pina*

Palavras-chave em inglês:

Maracatu

Education

Childhood

Memory

Decolonization

Área de concentração: Educação

Títuloção: Mestra em Educação

Banca examinadora:

Norma Silvia Trindade de Lima [Orientador]

Inês Ferreira de Souza Bragança

Dulcinéia de Fátima Ferreira

Data de defesa: 01-08-2024

Programa de Pós-Graduação: Educação

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-7273-3608>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/4488981841802256>

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação

DISSERTAÇÃO

**TESSITURAS ENTRE MARACATU E EDUCAÇÃO:
PERCURSOS FORMATIVOS DE INTEGRANTES DA NAÇÃO ENCANTO
DO PINA**

JULIANA ALINE GOMES VIANA

COMISSÃO JULGADORA:

Prof.^a Dr.^a Norma Silvia Trindade de Lima
Prof.^a Dr.^a Inês Ferreira de Souza Bragança
Prof.^a Dr.^a Dulcinéia de Fátima Ferreira

A Ata da Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de
Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

2024

DEDICATÓRIA

Pela semente lançada e cuidada e pelo apoio por toda a vida, que me possibilitou chegar até aqui. À minha mãe, Julia, e ao meu pai, Delfino (*in memoriam*), dedico.

AGRADECIMENTOS

À força divina, que me ampara por toda a minha existência, sou grata. Aos orixás, que em suas manifestações têm me mostrado como pode ser bonita e íntegra a vida que se deixa inundar pelas forças da natureza, agradeço imensamente.

Tem meu reconhecimento e gratidão profunda a professora doutora Norma Silvia Trindade de Lima, minha orientadora. Primeiramente, por acreditar na minha pesquisa, quando esta era ainda um projeto que começava a tomar forma apenas na minha cabeça. Ter me dado a oportunidade de ser sua orientanda possibilitou-me adentrar campos de estudo que qualificaram consideravelmente meu trabalho. Agradeço por me indicar caminhos, pela partilha de seus conhecimentos, pela leitura cuidadosa de minhas produções e pela companhia em momentos de fruição da vida, nos quais a festa, enquanto ato político, também se fez sinônimo de abertura de frestas. Admiro a pujança e agradeço ao “Nós”, grupo tão inclusivo que se insere no PHALA, da Faculdade de Educação da Unicamp, e é coordenado pela professora Norma. Dialogar, aprendendo muito com Mayris, Mariana, Leyllane, Ivete, Luís, Luciano, Ana Paula e Analice, alimentou minha crença na educação que extrapola os muros da escola formal e coloca diversificados saberes em roda. As observações feitas por vocês foram essenciais para a conclusão deste estudo. Torço muito pelo sucesso de cada um/a e desejo que possam seguir brilhantes em suas atuações acadêmicas e profissionais.

Foram alguns semestres cursando disciplinas do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Educação da Unicamp e do Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva (PPGBIOS) na disciplina integrada, ministrada conjuntamente pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), dos quais me aproximei e aprofundei o olhar para noções científicas que hoje são tão caras a mim. Deixo meu agradecimento às professoras e professores Norma Silvia Trindade de Lima, Inês Ferreira de Souza Bragança, Adriana Varani, Carmem Diolinda da Silva Sanches Sampaio, Guilherme do Val Toledo Prado, Heloísa Andreia de Matos Lins, Ana Lucia Goulart de Faria, Marcelo José Derzi Moraes, Rafael Haddock Lobo e Elisa de Magalhães, bem como às e aos colegas que estudaram comigo e colaboraram para a ampliação dos meus horizontes.

Pelas valiosas contribuições das professoras da banca de qualificação e de defesa, sou grata. Docentes Inês Ferreira de Souza Bragança, Dulcinéia de Fátima Ferreira, Mayris de

Paula Silva e Mariana Semião de Lima, depósito agora um trabalho que contém muitos entrelaçamentos feitos a partir de seus olhares.

Agradeço às/aos componentes de todos os coletivos de maracatu pelos quais passei: Ilus de Assuada, Maracatucá, Nação do Maracatu Porto Rico e vários grupos pelo Brasil afora, onde estive aprendendo e ensinando. Estar com vocês tocando, dançando e cantando me fez potencializar o sentimento de ser partícipe dessa manifestação, o que trouxe um novo e belo significado à minha vida. Especialmente à Nação do Maracatu Encanto do Pina, sou grata e muito feliz por integrar. Um grande salve a essas mulheres e a esses homens que, apesar das adversidades, continuam espalhando sementes, e cujas ações transformam o mundo num lugar mais possível de se viver. São muitas/os para nomear, mas gostaria de que soubessem do meu carinho por todas/os/es. A importância de vocês para minha constituição enquanto pessoa, batuqueira e pesquisadora é imensurável. Ao Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher, meu respeito e gratidão. Com vocês, ando melhor!

Mestra Joana Cavalcante, Ogan Deivson Santana e Dama do Paço Mariana Bianchi, obrigada por aceitarem o convite e tecerem comigo esta narrativa. Aprendo muito ao ouvi-los e ao observar suas práticas. Tenho a senhora e vocês como inspiração.

À minha mãe, Julia, e ao meu pai, Delfino (*in memoriam*), por me colocarem no mundo e me darem bons exemplos para a formação do meu caráter, sou grata. Aos demais familiares, agradeço a torcida.

Às amigas que compreenderam minha ausência nos tempos de imersão na pesquisa, obrigada pelo incentivo e por guardarem sempre um abraço quentinho em meus retornos.

À Nathalia, pelo cuidado e profissionalismo na revisão, agradeço.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (Capes) — Código de Financiamento 001, que por meio dos editais de auxílio financeiro, apoiou as idas a campo em 2023 e 2024.

Axé!

*“Canto forte a memória de um povo
Que esse chão fortaleceu
No Pina eu rego a semente
Que Vó Quixaba nos deu”*

(A força [...], 2024).

RESUMO

O estudo aborda as relações entre maracatu e educação na Nação Encanto do Pina, localizada na comunidade do Bode, bairro do Pina, na cidade pernambucana de Recife, pela via da memória de três integrantes que assumem funções de liderança: a Mestra da Nação, Joana D'arc da Silva Cavalcante; o batuqueiro e Ogan, Deivson Lima de Santana; e a Dama do Paço e coordenadora pedagógica, Mariana Bianchi. As narrativas dos três membros recebem a escuta e o atravessamento da quarta integrante, que é pesquisadora e, também, narradora. Esta dissertação traça possíveis caminhos para o entendimento de como as pessoas participantes do maracatu, frequentadoras desse espaço, recebem e percebem as simbologias e as concepções sobre saberes do povo negro, sobretudo os que têm relação com o maracatu, e como tais concepções refletem em seus percursos formativos. A investigação, de abordagem qualitativa, tem como referenciais teórico-metodológicos a *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica e os estudos decoloniais. A pesquisa de campo na sede da Nação do Maracatu, bem como a apreciação documental de registros iconográficos possibilitaram a realização de *entrevistasconversas* com as três pessoas participantes. As narrativas derivadas dessas investigações foram apreendidas e tecidas em diálogo com os autores de referência e a partir das experiências da pesquisadora que integra o campo. Concluímos que as pessoas participantes da pesquisa, imersas no território educativo-formativo da Nação Encanto do Pina, ao apropriarem-se de suas trajetórias de vida, constroem sentimentos de pertencimento étnico-racial e social e ressignificam a visão historicamente transmitida da inferioridade de pessoas africanas e afrodescendentes, convertendo-a em apreço a esses povos. Assim, afirmam-se como sujeitos dotados de saberes e dignos de direitos, ensejando a abertura de espaços e alargamento das brechas de inserção nesta sociedade que, notadamente, reserva espaços marginais às práticas afrodiaspóricas.

Palavras-chave: maracatu; educação; infância; memória; decolonialidade.

ABSTRACT

This study addresses the connections between maracatu and education in the *Nação do Maracatu Encanto do Pina*, located in the *Bode* community, *Pina* neighborhood, in the city of Recife, state of Pernambuco. The study looked into the memories of three participants with leadership roles within the *Nação de Maracatu*: the Head of the Nation, Joana D'arc da Silva Cavalcante; the African drum player and *ogan*, Deivson Lima de Santana; and the *Dama do Paço* and pedagogical coordinator, Mariana Bianchi. The narratives of these three members are analyzed and intersected by a fourth participant of the *Nação*, who is, at the same time, the researcher and the narrator. This thesis outlines possible paths for understanding how these individuals, who are part of the *Nação de Maracatu*, receive and perceive symbols and notions within Afro-Brazilian knowledge, especially when it is related to *maracatu*, and how such conceptions reflect on their own formative paths. With a qualitative approach, the research has as its theoretical and methodological references the autobiographical narrative *researchformation* and decolonial studies. Field research at the headquarters of the *Nação de Maracatu do Encanto do Pina* as well as the documental appreciation of iconographic records enabled interviews in the form of conversations with the three participants. The narratives derived from these investigations were compiled and woven into a dialogue with reference authors and with the experiences of the researcher. We can conclude that the participants of the study, as they appropriate their lifelong trajectories, immersed as they are in the educational-formative territory of the *Nação Encanto do Pina*, build feelings of ethnic-racial and social belonging, while they also reframe the historically transmitted view of African and Afro-descendant inferiority and transform it into appreciation of their ancestrality. Furthermore, they assert themselves as individuals endowed with knowledge and worthy of rights, promoting the opening of spaces and widening of opportunities for inclusion in a society that, notably, reserves marginal spaces for Afrodiasporic practices.

Keywords: maracatu; education; childhood; memory; decoloniality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Banner na comunidade do Bode	15
Figura 2 — Faixa de abertura	38
Figura 3 — Mães do Pina	46
Figura 4 — Representantes dos orixás regentes da Nação e carro com a sereia	47
Figura 5 — Fachada da Nação antes da reforma	48
Figura 6 — Yalorixá Mãe Maria de Sônia de Yemanjá (em pé)	49
Figura 7 — A força maior. Vó Quixaba e as Calungas	51
Figura 8 — Maria Clara e eu, dentro do ônibus, a caminho de uma apresentação	52
Figura 9 — Na companhia de outros batuqueiros, durante a Noite dos Tambores Silenciosos (no primeiro plano, eu com agbê, Mãe Andréia com mineiro e Ogan Deivson Santana com alfaia)	52
Figura 10 — Ensaio do Baque Mulher na favela do Bode	60
Figura 11 — Mestre Joana na regência do Baque Mulher Campinas	61
Figura 12 — Ala dos chitões passando pelo baque percussivo	63
Figura 13 — Roda de conversa no Encantinho do Pina	66
Figura 14 — Atividade socioeducativa no Encantinho do Pina	66
Figura 15 — Banners de enfrentamento aos preconceitos	69
Figura 16 — Mestre Joana na Noite dos Tambores Silenciosos	73
Figura 17 — A Mestre durante roda de conversa em Campinas	74
Figura 18 — Deivson na adolescência (início dos anos 2000)	84
Figura 19 — Mestre Joana e Deivson no Maracatu Nação da Ilha	85
Figura 20 — Deivson com as crianças durante o trabalho como arte-educador	87
Figura 21 — Deivson com adolescentes em oficina de construção de alfaias	87
Figura 22 — Dama do paço Mariana Bianchi e a calunga de Yemanjá	90
Figura 23 — Mariana com crianças do Encantinho do Pina	91
Figura 24 — Diversas gerações juntas durante ensaio	96
Figura 25 — Rei e rainha	99
Figura 26 — Final de desfile oficial	103

LISTA DE VÍDEOS

Vídeo 1 — Desfile Oficial — Nação Encanto do Pina na Passarela.....	43
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Levantamento de pesquisas selecionadas	114
---	-----

SUMÁRIO

1	O MEU EU COLETIVO	15
1.1	Tecendo com os referenciais	26
1.2	Narrativa (auto)biográfica e memória	30
1.3	Uma ala de “batuqueiros-pesquisadores”	33
2	ABRE-ALAS: OS MARACATUS ADENTRAM A PASSARELA	38
2.1	Mães na passarela e em ação: nascimento da Nação do Maracatu Encanto do Pina	46
2.2	Elas vêm por todas nós: Ala das baianas e o Baque Mulher	53
3	A ALA DOS CHITÃOS, DOS LANCEIROS, DOS CABOCLOS E OS CRUZAMENTOS ENTRE MARACATU E EDUCAÇÃO: AS LIDERANÇAS NA NAÇÃO ENCANTO DO PINA	62
3.1	Pausa... uma vida ceifada	70
3.2	Mestra Joana D’Arc da Silva Cavalcante	71
3.3	Ogan Deivson Lima de Santana	79
3.4	Dama do Paço e coordenadora pedagógica Mariana Bianchi	90
4	CONSOLIDANDO A TRAVESSIA: A CORTE REAL	99
	REFERÊNCIAS	105
	APÊNDICE A — Levantamento das pesquisas selecionadas	114
	ANEXO A — Termos de Consentimento Livre e Esclarecido	116
	ANEXO B — Autorização da Instituição para Pesquisa de Campo	125

1 O MEU EU COLETIVO

“Ó meu povo, venha ver o meu Encanto
Rei e rainha coroa seu manto
Na avenida a desfilar
Minha história, esta eu trago no peito
À minha Nação, o meu respeito
Vim aqui pra lhe saudar”

(Coroou [...], 2023).¹

Figura 1 — Banner na comunidade do Bode



Fonte: Autoria própria.

Peço licença para chegar e saudar, por meio deste estudo, a Nação do Maracatu Encanto do Pina. Permita-me, comunidade, esforçar-me para exaltá-la com a relevância que merece, mas com a consciência de que as palavras grafadas não serão suficientes para revelar a grandiosidade desta experiência tocada, cantada, dançada e sentida. Valho-me também de imagens e vídeo, mas, ainda assim, nada comparável aos afetos provocados ao estar presente, inteira, entregue à pulsação do maracatu, que me transporta a dimensões indescritíveis.

¹ Trecho da loa feita por Tenily Sales da Silva, conhecida como Yabá Tenily Guian por ser filha do orixá Oxaguian. É recifense, integrante da Nação Encanto do Pina, sendo responsável por diversas funções formativas e religiosas na Nação e no Ylê Axé Oxum Deym. Atualmente, reside no Rio de Janeiro, onde coordena os grupos Baque Mulher RJ e o Baque Mulher Niterói. Mariana Bianchi, uma das pessoas participantes da pesquisa, durante *entrevistaconversa*, atribui à Tenily, à Mestra Joana, à Jhayanna Cavalcante (*in memoriam*, filha da Mestra Joana) e a si própria a ideia de criação do projeto socioeducativo Encantinho do Pina.

A imagem acima (Figura 1), feita durante a pesquisa de campo para a produção desta dissertação (Anexo B), indica, além da direção, um local onde se pode deparar com trajetórias de vidas perpassadas pelo maracatu. Vestir hoje uma camiseta da Nação de maracatu é carregar no peito muito mais do que o logotipo que a representa graficamente, é também trazer comigo as histórias de lutas, dores, resistências e glórias de povos cujos ancestrais foram sequestrados no continente africano e aqui, no Brasil, tiveram de reelaborar suas existências. A diáspora — espalhamento, dispersão do seu local de origem (Hall, 2003) —, a partir da atuação violenta do império português, levou à reorganização da vida desses povos nas mais variadas dimensões. Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel (2018, p. 18) nos dizem que

[...] os africanos escravizados e seus descendentes, participantes dessa diáspora forçada, contribuíram com a criação e a invenção de uma nova cultura, elaborando novas formas de espiritualidade, conhecimento, subjetividade, sociabilidade. As novas culturas criadas são também projetos políticos, que trazem em seu bojo não somente a dimensão da resistência, mas também a dimensão da esperança. E essas culturas — que para efeito de clareza podemos chamar de culturas políticas — não são ‘mumificações’ históricas, senão passam cotidianamente pelo processo de recriação a partir de fluxos e trocas de ideias, valores e projetos que circulam pelo mundo afrodiaspórico.

A responsabilidade com este tema de pesquisa, a saber, as confluências entre maracatu e educação — que traz uma alta carga de satisfação pessoal —, imbui-me do desejo de contribuir para que os fazeres e saberes desse coletivo que componho sejam vistos e reconhecidos na academia.

Leitoras, leitores, sintam-se convidadas(os) a viajarem comigo a Recife, nas linhas que se seguem, nas quais partilho meu encantamento com a Nação Encanto do Pina. O convite que faço é para a leitura de possibilidades, vidas e mundos outros, daqueles que temos que inventar e insistimos em fazê-lo, pois é preciso construir “sentidos de (re)encantamento da vida” (Do Lugar [...], 2022).

O meu caminhar, que atravessou os becos da comunidade do Bode, no bairro recifense do Pina, adentrou no Ylê Axé Oxum Deym — sede da Nação Encanto do Pina — e conduziu-me à presente pesquisa, que foi e é efetivada na companhia de muitos outros seres.

Meus pés percorrem os rastros deixados por outros. Mesmo não sendo praticante do candomblé (e de nenhuma outra religião), sinto a força advinda dos orixás, dos quais o conhecimento e a conexão iniciaram-se a partir do meu encontro com o maracatu. O percurso também é acompanhado por pessoas que, de alguma maneira, ajudaram-me ou permitiram-me estar na Nação, seja porque despertaram em mim o desejo de conhecer as manifestações culturais brasileiras, guiaram-me por Recife, ensinaram-me a tocar os instrumentos e a dançar

as coreografias, mostraram-me como auxiliar nos preparativos de fantasias e adereços para o desfile de carnaval, ou porque acolheram-me em suas casas e compartilharam comigo seus saberes. São muitas, o que me impede de nomeá-las, pois, decerto, esqueceria de alguém. Não é meu intento, neste momento, fazer agradecimentos, embora todos esses seres mereçam, mas já há uma parte dedicada a isso neste estudo. A minha intenção é, sim, falar da importância da ancestralidade e da coletividade para a minha constituição enquanto integrante do maracatu. Posso dizer que o processo de me tornar batuqueira de maracatu começa antes mesmo da minha chegada no maracatu, visto que as experiências vividas anteriormente predisuseram-me a esse encontro.

Quantos fios são necessários para tramar a urdidura de um processo formativo de pedagoga, artista e militante das questões étnico-raciais? Para começar a tecer essa reflexão, remeto-me ao início dos anos 2000. Talvez 2003, quem sabe, 2004.

Durante a graduação em pedagogia, na Faculdade de Educação, um evento que estava ocorrendo ao longo da semana marcou definitivamente minha trajetória. Na saída da palestra no Salão Nobre, muitas cores e sons convidaram-me a adentrar em um universo de beleza e potência ancestral. Era a apresentação de uma manifestação cultural chamada “sambalênço”, feita pelo grupo campineiro de cultura afro-brasileira Urucungos, Puítas e Quijengues. Fundado em 1988, o grupo é fruto de um curso de extensão ministrado na Unicamp no ano anterior pela folclorista, artista plástica, coreógrafa e pesquisadora Raquel Trindade, filha do poeta Solano Trindade. O curso denominado Danças populares afro-brasileiras e sincretismo religioso tinha apenas uma pessoa negra matriculada, o que fez com que Raquel Trindade escrevesse uma carta para o reitor, solicitando a abertura do curso para pessoas que trabalhassem na Universidade, seus familiares e comunidade externa, possibilitando, desse modo, a entrada de grande número de artistas populares negros, que se sentiram motivados a fundar o grupo Urucungos, Puítas e Quijengues após o término do curso de extensão. Pois bem, lá estava o grupo me fascinando durante a apresentação na Faculdade de Educação. Percebi-me encantada com o batucar dos tambores, com a melodia entoada e com o rodar das saias longas e floridas que as mulheres usavam. Essa experiência foi surpreendente para mim, pois jamais havia visto uma apresentação que me provocasse tanta emoção e vontade de fazer parte como aquela. Vislumbrei, naquele momento, que aquela temática me daria os fios para constituir, de maneira multifacetada, meus processos formativos.

Em especial, as saias despertaram-me a atenção. Uma fibra que é transformada em fios, que são entrelaçados, viram tecidos e, posteriormente, ganham formas e caimentos pelas mãos das costureiras.

Essa vivência durante a graduação ajudou-me a trilhar o caminho da minha formação, que vai além de profissional docente. É, sobretudo, humana. A disciplina Educação, Corpo e Arte contribuiu muito para mim, porque possibilitou uma aproximação ainda maior com os grupos de cultura afro-brasileira de Campinas.

Tão logo me foi possível, comecei a participar de um grupo de maracatu aqui na cidade e o meu profundo envolvimento me fez iniciar uma trajetória de brincante-pesquisadora dessa manifestação, o que me levou ao berço dessa tradição: a cidade de Recife. Em 2020, fez nove anos ininterruptos de idas à capital pernambucana. Já desfilei na corte das Nações numa das ocasiões, sendo porta-estandarte, na ala das baianas e, agora, componho a ala percussiva, tocando o instrumento agbê, a saber, um instrumento de origem africana, feito de cabaça com uma trama de fios e miçangas.

Acima, narrei às/aos leitoras e leitores sobre a primeira vez que assisti a uma expressão cultural brasileira de matriz africana; no entanto, gostaria de contar-lhes mais. Quero partilhar uma experiência que antecede a apresentação que vi durante a graduação, pois, ao longo da produção desta pesquisa, minha memória foi convocada. Lembrei-me de uma experiência que me sugere uma ligação ancestral com o instrumento de maracatu que tanto gosto de tocar, o agbê.

Antes que eu conhecesse o maracatu ou qualquer outra manifestação que faça uso desse instrumento, participei de uma oficina de construção de brinquedos com materiais reutilizáveis. A proposta era que pensássemos (nós, participantes da oficina) acerca do impacto de nossas ações para o meio ambiente, reduzindo, então, o consumo e reutilizando materiais que antes iriam para o lixo. Assim, éramos incentivados a colaborar com a preservação do meio ambiente. Os encontros aconteceram semanalmente, no decorrer de alguns meses. Em um dos dias da oficina, a proposta era que cada participante construísse um instrumento, utilizando os materiais disponibilizados. Como modelo, a formadora havia exposto um chocalho simples, feito com um pequeno pote com tampa, e no interior, sementes foram colocadas. Olhei para aquele chocalho e fiquei pensando de que maneira eu poderia construir uma espécie de chocalho, diferente daquele, um chocalho no qual o som percutisse de sua parte exterior. Com essa ideia em mente, lancei-me a este desafio de construir algo que só existia em meus pensamentos (assim, eu imaginava). Peguei um frasco de água sanitária que tinha o seguinte formato: a parte inferior com uma grande circunferência e a parte superior bem fina. Também peguei barbante e macarrõezinhos que pareciam miçangas e os colorei com tinta guache. Quando secaram, fui fazendo uma trama, colocando os macarrõezinhos no barbante e este, no frasco. Ao final da oficina, levei para minha casa esse instrumento que eu tinha construído, coloquei-o dentro de

uma caixa localizada em cima de um armário. Lá, ela ficou por muito tempo. Eu nem me lembrava mais do conteúdo dessa caixa, até que, anos mais tarde, quando eu já estava no maracatu, abri-a. Minha surpresa foi imensa. Um arrepio percorreu meu corpo diante da constatação de que eu havia construído um “agbê”, sem antes ter visto um, dando-me conta de que a linha encerada do instrumento tece também o meu elo com quem veio antes de mim, deixando semeada em minha memória e inscrita em meu corpo uma trama de saberes, tal como anuncia Rufino (2019, p. 19), “não esqueceremos as nossas sabedorias ancestrais encruzadas no Atlântico, reinventadas nas bandas de cá como possibilidade de vida”. A ancestralidade, elemento fundante das culturas de matriz africana, é abordada por Oliveira (2012, p. 3-4):

[...] a ancestralidade torna-se o signo da resistência afrodescendente. Protagoniza a construção histórico-cultural do negro no Brasil e gesta, ademais, um novo projeto sócio-político fundamentado nos princípios da inclusão social, no respeito às diferenças, na convivência sustentável do Homem com o Meio-Ambiente, no respeito à experiência dos mais velhos, na complementação dos gêneros, na diversidade, na resolução dos conflitos, na vida comunitária entre outros. Tributária da experiência tradicional africana, a ancestralidade converte-se em categoria analítica para interpretar as várias esferas da vida do negro brasileiro. Retro-alimentada pela tradição, ela é um signo que perpassa as manifestações culturais dos negros no Brasil, esparramando sua dinâmica para qualquer grupo racial que queira assumir os valores africanos. Passa, assim, a configurar-se como uma epistemologia que permite engendrar estruturas sociais capazes de confrontar o modo único de organizar a vida e a produção no mundo contemporâneo.

O maracatu me envolveu e, neste momento, trago para minha pesquisa de mestrado os demais integrantes da “minha”² Nação Encanto do Pina, a fim de pensarmos juntos os atravessamentos entre educação e maracatu pela via da memória. Isso porque o meu “eu” é repleto de “nós”, a minha singularidade somente pode ser construída imbricada no outro, assim como nos diz Bragança, Prado e Araújo (2021, p. 4-5):

A pesquisa que toma a experiência humana como conceito central, traz implicada a autoprodução da vida e da cultura, em relações indissociáveis entre o indivíduo e o coletivo, a ética e a materialidade e, nesse sentido, é aberta à produção do conhecimento e à formação.

² Utilizo o pronome possessivo “minha” para sinalizar meu sentimento de pertencimento à esta Nação, não tendo, portanto, o sentido de propriedade, quer seja da Nação ou da pesquisa — uma vez que sua tessitura também é feita a muitas mãos, enunciando a voz das demais pessoas narradoras e da comunidade que forma o campo desta pesquisa. Além disso, ao optar pelo uso de tal pronome, reitero a indissociabilidade entre meu percurso formativo, trajetória acadêmica e experiências de vida, denotando meu envolvimento com a Nação — que é constituída por um coletivo de pessoas que eu também integro, enquanto participante do maracatu e pesquisadora. O mesmo estilo de escrita pode ser encontrado em outras páginas deste texto, como em “meu grupo”. “Minha” e “meu”, portanto, podem ser lidos não a partir de uma mera perspectiva individualizante, mas como uma trajetória particular que está impregnada de coletivo.

A trama do tecido da saia, o entrelaçamento das múltiplas dimensões da formação humana e a trama do agbê. Todos esses emaranhados fazem-me pensar sobre os percursos educacionais formativos no interior de uma manifestação que só é feita a muitas mãos e tem seus sentidos partilhados pela coletividade de uma comunidade que se reúne para dar significado à vida. Apesar de sofrer com o ostensivo projeto de aniquilamento em curso na sociedade, desde a invasão de territórios e escravização de povos até os dias atuais, a comunidade persiste na tentativa de (re)encantamento do mundo.

Retornando ao início dos anos 2000, trago com mais detalhes, neste momento, o período da graduação. Meses depois de assistir à apresentação cultural na Faculdade de Educação, decidi que seria no campo da educação não-formal que eu faria meu trabalho de conclusão de curso. Ao iniciar minhas observações no espaço Projeto Gente Nova (Progen)³, minha satisfação foi imensa ao saber que uma das oficinas ministradas aos adolescentes do espaço, e que eu acompanharia, seria de cultura popular. Nesse lugar, fui conhecendo melhor outras expressões culturais nacionais, como o jongo e o maracatu. Eu estava no meu campo de pesquisa, onde minha participação deveria ser a de observadora, acompanhando oficinas que os arte-educadores ministravam. Porém, eu estava afetada por esse universo que se descortinava diante dos meus olhos. Eu saía das observações com vontade de não “somente” refletir acerca das relações educativas que tinham a cultura popular como ferramenta, mas também com o desejo de fazer parte disso. Para isso, os arte-educadores do Progen mostraram-me o caminho: além do grupo Urucungos, Puítas e Quijengues, cuja apresentação eu já tinha presenciado, existia a comunidade de jongo Dito Ribeiro e o grupo de maracatu Ilus de Assuada. Todos eles em Campinas e permanentemente abertos para quem quisesse visitá-los. Fui conhecer e, como já era de se imaginar, gostei. Voltei no encontro seguinte, e no outro, e assim foram meses no grupo de jongo e anos no grupo Urucungos. Neste, aprendi com o Alceu Estevam (*in memoriam*) e com as matriarcas do espaço — Sinhá Rosária Antônia, Dona Ana Maria Miranda, Rosa Pires, entre outras — diversas expressões culturais, como o samba de bumbo campineiro, o samba lenço rural paulista, o jongo mineiro e o boi pernambucano.

No maracatu cheguei depois, em 2010, quando já era outro grupo. O Ilus de Assuada tinha se desfeito e tinha surgido o Maracatucá. A Nil⁴ — coordenadora da ala de dança desse

3 O Projeto Gente Nova atua desde 1984 na região Noroeste de Campinas. A Organização da Sociedade Civil atende crianças, adolescentes e grupos familiares, promovendo a convivência, a formação para a cidadania e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. Para mais detalhes sobre o trabalho socioeducativo promovido pelo espaço, ver Viana (2006).

4 Nilvanda Sena, conhecida como Nil, é pedagoga, agente comunitária de saúde, promotora Legal Popular, griota (para alguns povos africanos, o termo refere-se àquela responsável por narrar histórias, transmitindo tradições

grupo — convidou-me para dançar durante um ensaio do grupo que eu estava assistindo na Casa de Cultura Tainã⁵. Quem conhece a Nil, sabe como ela tem um jeito afetuosos de acolher. Seu convite era irrecusável. Juntei-me a ela e às demais pessoas que se expressavam por meio do corpo em movimento. Pelos meus poros, transpiravam suor e felicidade. Como aquilo me fazia bem!

Na semana seguinte, o grupo viajou para uma apresentação em Minas Gerais e lá estava eu, de mala, cuia e emoção. Fui apresentada pela Nil aos demais participantes como a nova integrante do grupo.

Eu compus a ala de dança por um ano, enquanto admirava o encaixe do instrumento agbê no baque, até que ele veio parar em minhas mãos. A cabaça, da qual é feito o agbê, é colhida, aberta na parte superior e limpa. Depois, recebe uma trama com linha e miçangas, que pode formar variados desenhos e com diversas cores. A ala das agbezeiras e dos agbezeiros (quem toca esse instrumento) vai à frente do baque, sendo o instrumento de abre-alas. Passei, então, para essa ala e comecei a acompanhar o trabalho desenvolvido pela Mestra⁶ Joana Cavalcante — a maior referência existente desse instrumento e uma das narradoras da pesquisa. Com a vivência dela nos terreiros de candomblé desde pequena, ela conferiu às pessoas tocadoras desse instrumento, das Nações que coordenou, o papel de desempenhar várias funções concomitantes: cantar, tocar e dançar, inclusive fazendo toques e danças específicos para os orixás. A Mestra criou uma coreografia para cada loa (música) e trabalhou para que integrantes dessa ala dançassem e tocassem em sincronia. No segundo semestre de 2010, ela veio a Campinas para dar oficina de agbê ao grupo Maracatucá, juntamente com Chacon Viana, da Nação do Maracatu Porto Rico. Ele, Mestre da Nação, e ela, nessa época, coordenadora da ala de agbês dessa mesma Nação e Mestra da Nação Encanto do Pina. As duas Nações, sediadas em Recife/PE, passaram a ser referências para nós aqui de Campinas. Lembro-me da admiração que comecei a nutrir nesse momento pela Mestra Joana. O agbê nas mãos dela parecia flutuar, seu corpo pulsava graciosamente com o maracatu e ela executava de maneira

às gerações futuras) e ativista cultural, atuando em diversos movimentos na cidade de Campinas que envolvem música, dança, teatro e performance.

5 Localizada nas dependências do Centro Esportivo dos Trabalhadores — equipamento da Prefeitura Municipal de Campinas, a Casa de Cultura Tainã foi fundada em 1989. É uma entidade cultural e social sem fins lucrativos, que, coordenada por Antônio Carlos Santos Silva (conhecido como TC), configura-se como um importante espaço de luta e resistência na periferia da cidade, onde a ancestralidade é valorizada e tecnologias livres são produzidas (Calixto, 2021).

6 Alguns termos que se referem aos cargos na Nação ou no Ylê, tais como: Mestra, Yakekerê, Babalorixá, Ogan. Embora pertencentes a uma classe gramatical cuja grafia é orientada para a utilização de letra minúscula, opto, neste trabalho, pelo emprego da inicial maiúscula, dada a grandiosidade dessas funções, sendo coerente, dessa forma, com a proposta de visibilidade e relevância da trajetória dessas pessoas — pretendida nesta pesquisa.

fascinante os variados toques para orixás que, no maracatu, ficam a cargo do agbê e do timbal (ou atabaque).

Percebemos no grupo a necessidade de realizarmos constantes oficinas com a Mestra e o Mestre, a fim de apreendermos a linguagem das Nações. Eles vieram a Campinas e fizeram-me um convite: integrar as duas Nações em Recife a partir do carnaval seguinte. Sem hesitar, aceitei. Mal podia esperar pelas minhas férias em janeiro de 2012 para ir até as Nações.

Chegando em Recife fui tomada por muitas sensações e sentimentos que me atravessaram nas três semanas em que estive lá. Muitas foram as recomendações acerca do cuidado que eu deveria ter ao transitar por essa capital brasileira que figura entre as mais violentas do país⁷. No entanto, pelo menos durante a circulação pela comunidade do Bode, estar vestida com as roupas das Nações tranquilizava-me, sentia-me protegida mesmo que tivesse que me deslocar pelas desabitadas madrugadas.

Senti uma alegria imensa por estar na ala de agbê, que realiza um trabalho de excelência — fruto do comprometimento da Mestra Joana que leva para o baque percussivo os fundamentos religiosos, colocando as agbezeiras para tocar e dançar para os orixás. Experimentei o privilégio de receber as bênçãos de Dona Maria da Quixaba (Yalorixá⁸ do Ylê Axé Oxum Deym — terreiro que sedia a Nação Encanto do Pina) e de Dona Elda Viana (Yalorixá do Ylê Oxóssi Gangoubira — terreiro sede da Nação do Maracatu Porto Rico). Enxerguei-me como uma aprendiz com sede de conhecimento, querendo saber mais e mais sobre maracatu, manifestação protagonizada por africanos em diáspora e afrodescendentes, com influências também indígenas e portuguesas.

Porém, não somente de momentos alegres foi marcada minha primeira ida à capital pernambucana. As agbezeiras das Nações, adolescentes, em sua maior parte, não estavam acostumadas com pessoas “de fora” (como diziam) em suas alas. Pessoas de outros estados até já participavam do desfile oficial, mas, até então, mais em outras alas, como na ala das alfaias e dos caixas. Algumas dessas adolescentes me tratavam como uma intrusa, o que eu procurava compreender, pois aquele espaço do maracatu era o ambiente delas, onde estavam desde a infância, e o carnaval era o momento privilegiado que tinham para mostrar à sociedade a beleza que faziam. Era a oportunidade que tinham de ver suas existências — historicamente desvalorizadas, mas, por fim, admiradas por milhares de pessoas que acompanham o desfile ao

7 Dados do Conselho Cidadão para Segurança Pública e Justiça Penal, de 2013, apontam que Pernambuco estava entre os seis estados brasileiros que lideravam o ranking de óbitos por armas de fogo: 30,3 a cada 100 mil habitantes (Pernambuco, 2013).

8 Yalorixá é um cargo feminino, o mais alto posto em um terreiro.

vivo ou pelas telas. Gonzalez (2020, p. 91) aborda a subversão presente no carnaval, protagonizada por pessoas negras:

[...] aquilo que chamamos de Carnaval Brasileiro possui, na sua especificidade, um aspecto de subversão, de ultrapassagem de limites permitidos pelo discurso dominante, pela ordem da consciência. Essa subversão, na especificidade, só tem a ver com o negro. Não é por acaso que nesse momento a gente sai das colunas policiais e é promovida a capa de revista, a principal focalizada pela TV, pelo cinema e por aí afora. De repente, a gente deixa de ser marginal pra se transformar no símbolo da alegria, da descontração, do encanto especial do povo dessa terra chamada Brasil.

Um episódio, ocorrido num dos primeiros anos que eu estava lá, contribuiu ainda mais para a rejeição de algumas meninas a mim: uma emissora de TV agendou uma gravação com a Nação Porto Rico para uma matéria de um jornal que iria ao ar em horário nobre. Nesse dia marcado, todas nós deveríamos estar com nossos figurinos e fazer uma produção com adereços e maquiagens. Pois bem, assim fizemos. Na matéria, o jornalista explicava, em linhas gerais, o que é o maracatu, mostrando todas as alas que o compõe. Acontece que, na edição que os jornalistas fizeram, somente eu apareci na tela durante a veiculação da matéria, enquanto o repórter falava sobre o agbê. Esse fato fez com que aumentasse o estranhamento de algumas por mim. Assim sendo, nos primeiros anos de ida a Recife, somente consegui aproximar-me de parte das agbezeiras, que compreendiam que eu, apesar de não morar lá na comunidade, não estava no local apenas para me divertir, mas porque também amo e respeito essa manifestação. Aos poucos, a aproximação foi acontecendo com as demais também, sendo que hoje há vínculos bem fortes construídos com várias delas.

Impossível também não me afetar com a realidade de desamparo social que se encontram as comunidades do maracatu. Nelas vivem, em sua maioria, pessoas que residem em habitações precárias, têm subempregos, baixo nível de escolaridade e tornam-se mães e pais bastante jovens. Para muitas dessas pessoas, o maracatu representa também a possibilidade de uma fonte de renda, mesmo quando os indivíduos da comunidade não fazem parte do maracatu, pois alugam suas casas para quem vem de fora passar o carnaval, enquanto ficam em casas de parentes. Além disso, montam bancas de comidas e bebidas para vender durante os dias de ensaio e apresentações, sem contar as cestas básicas que recebem por meio das campanhas de arrecadação de alimentos promovidas pelas Nações.

Um momento muito marcante foi durante um dos ensaios da Nação Encanto do Pina. Como a sede — que agora está passando por reforma e ampliação — era bem pequena, não comportando todos os batuqueiros, nós íamos para uma rua próxima ao Ylê, que é um pouco mais larga que as demais. Muitos moradores de lá costumavam ficar nas calçadas assistindo aos

ensaios e, em um dia em especial, algumas crianças tiveram a ideia de pegar garrafas de plástico e colocar pedrinhas ou sementes dentro. Elas observavam atentamente a ala das agbezeiras da Nação e ficavam tentando fazer as coreografias como nós, enquanto balançavam suas garrafas como se fossem agbês. No ensaio seguinte, lá estavam elas novamente e mais algumas crianças. A fila de “garrafinhas” aumentou e se juntou a elas também aspirantes a batuqueiros, que improvisaram suas alfaias (tambores) com caixa de papelão e suas baquetas com gravetos. Pouco tempo depois, essas crianças foram acolhidas pelo Encantinho do Pina — um projeto socioeducativo que foi fundado pela Nação Encanto do Pina. Lá, passaram a ganhar instrumentos de verdade, alimentação, reforço escolar, oficina de capoeira, de dança, entre outras atividades. Alegro-me por elas que têm a oportunidade de conhecer, ainda na infância, saberes e culturas do povo negro — e compartilhados por ele próprio.

Durante a estada em Recife, ensaiar nas Nações é apenas uma das minhas ocupações. Eu auxilio também na confecção de adereços e figurinos que serão usados no desfile oficial — momento esse muito esperado pela comunidade do maracatu. Tudo é pensado nos mínimos detalhes, pois cada pluma e paetê conta para a riqueza dos figurinos que serão observados pelos jurados, cujas notas resultarão na campeã do concurso. Em alguns anos, ao longo da permanência em Recife, ocupei-me também de oferecer oficinas educativas para as crianças do Encantinho (Nação Encanto do Pina) e do Baque Mirim (Nação Porto Rico).

De 2012 a 2020, nove anos nos quais passei todas as minhas férias em função do maracatu. Em alguns desses períodos, estive lá também por um final de semana, em setembro, para participar do evento Noite do dendê⁹, promovido pela Nação Porto Rico. As idas a Recife deram-me a oportunidade de conhecer muitos integrantes de grupos de maracatu pelo Brasil afora, pois uma grande rede se formou, conectando pessoas que se encontram nos meses de janeiro e fevereiro em Recife e, nos demais meses do ano, estão em suas cidades, fazendo maracatu com seus grupos locais. Os convites para que eu oferecesse oficinas de agbê foram chegando. O primeiro por indicação da própria Mestra Joana. Com o aval dela e do Mestre, estive em diversas cidades do interior e litoral paulista, além de outros estados nesta e em outras regiões do país, para compartilhar um pouco do que aprendi enquanto agbezeira das Nações do Pina. Também estive em todas as edições do evento intitulado Intensivão de agbês da Mestra Joana, atuando, em vários deles, como auxiliar da Mestra durante o ensino do toque desse instrumento para centenas de pessoas que desejavam aprender ou aperfeiçoar suas habilidades.

⁹ É um festival que celebra as culturas afro-brasileiras, iniciando com uma cerimônia religiosa e contando com a apresentação de outras Nações e grupos de maracatu, samba, coco e afoxé e que gera renda para a comunidade, a qual comercializa alimentos e bebidas.

O carnaval de 2022 foi o segundo ano de afastamento físico das Nações de maracatu, decorrente da pandemia de coronavírus¹⁰. Todavia, o contato com os Mestres e com outros integrantes maracatuzeiros continuou e não faltaram encontros online e planos para quando a retomada pudesse ser feita. E ela aconteceu em 2023, com o retorno dos desfiles oficiais das Nações de maracatu organizados pela Secretaria de Cultura do governo do estado pernambucano. Nesse ano, retornei à comunidade do Bode, mas, dessa vez, também como pesquisadora, além de integrante das Nações.

O maracatu é, para mim, esse lugar do encontro com o outro, mas também comigo mesma. A emoção indescritível que sinto durante um cortejo ou apresentação, ora me fazendo sorrir, ora me arrepiando, por vezes me fazendo chorar, é sinal de que venho da raiz desse povo que, no passado, bateu tambor para festejar e para lutar. Hoje, posso também colaborar para que essa manifestação continue viva. Sinto uma felicidade imensa ao ver pessoas da comunidade do Bode viajando para ministrar oficinas de baque do maracatu ou de confecção de instrumentos, figurinos e adereços e para realizar rodas de conversa. A mesma situação ocorreu ao presenciar a Mestra Joana receber condecorações, virar personagem de livro de literatura infantil, fazer a primeira viagem internacional para dar oficina de maracatu, bem como ver que crianças e jovens do maracatu possuem referências potentes perto deles hoje, pessoas que são da mesma comunidade e pertencem, em sua maioria, à mesma etnia e têm seus saberes notórios considerados pela comunidade.

Fazer parte de coletivos que (re)existem, celebram os saberes afrodiaspóricos e oferecem resistência aos modos universalizantes e coloniais de pensar, ser e estar no mundo, imbui-me de vontade tanto de oportunizar vivências dessa natureza no cotidiano do trabalho com as crianças com as quais atuo enquanto professora de Educação Básica I, quanto de debruçar-me sobre o tema na pesquisa acadêmica.

Nesses 12 anos de convivência com o maracatu na sua fonte de origem, vi muitas pessoas chegando, outras se afastando. Vivi lutos por pessoas que se foram, vivi relacionamentos amorosos com integrantes também do maracatu. Senti-me, por vezes, valorizada, em outros momentos, injustiçada. Tenho o maracatu como um dos elementos primordiais da minha constituição e acredito no potencial de mudança que ele pode provocar também na vida de outras pessoas, assim como fez na minha. A constituição de algumas figuras

10 A covid-19, doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2, foi declarada como pandemia pela Organização Mundial da Saúde em 11 de março de 2020, fazendo com que os desfiles oficiais das Nações do maracatu ficassem suspensos nos anos de 2021 e 2022 para manter o isolamento e distanciamento social como medidas preventivas para evitar a disseminação do vírus.

centrais que atuam na Nação Encanto do Pina também perpassa pelo maracatu, pois hoje, adultas, já têm uma longa história de envolvimento com essa expressão da cultura afro-brasileira. O maracatu, enquanto manifestação afrodiaspórica, reúne pessoas cujos projetos de sociedade tendem a convergir. Sendo inconcebível pensar em transformações sociais que não levem em consideração a educação, esta pesquisa busca compreender, conjuntamente com as pessoas participantes da pesquisa (Mestra Joana, Ogan Deivson Santana e Dama do Paço Mariana Bianchi), quais as relações possíveis de serem estabelecidas entre maracatu e educação, a partir das narrativas (auto)biográficas que se valem das memórias e dos documentos, como os registros iconográficos.

1.1 Tecendo com os referenciais

Abordar uma manifestação afrodiaspórica, o maracatu, no espaço acadêmico constitui-se como uma possibilidade de oferecimento de outras chaves de entendimento do mundo à medida que visibiliza vozes produzidas como ausentes nesse ambiente de tradição eurocêntrica (Lima, 2021a). É um duplo desafio, visto que, além do exposto acima, encontro-me implicada nesse processo de investigar algo tão caro a mim ao trazer minhas experiências entrelaçadas às narrativas das demais pessoas participantes da pesquisa, contrariando a lógica positivista das ciências, as quais orientam a neutralidade da pessoa pesquisadora com seu objeto de estudo.

Aspirando à valorização das contribuições conferidas à sociedade por esta comunidade de saber que é o maracatu, pareceu-me coerente a escolha da Faculdade de Educação da Unicamp para o desenvolvimento deste estudo, a qual vem numa progressiva abertura para processos outros de construção do conhecimento, alinhados a um projeto de valorização da pluralidade na sociedade. Em especial, destaca-se o Grupo de Pesquisa em Educação, Linguagem e Práticas Culturais (PHALA), o qual integro e encontro eco para este modo de pesquisar. Nós, orientandas e orientandos da professora doutora Norma Silvia Trindade de Lima, temos, através de nossas pesquisas, a possibilidade de darmos visibilidade aos saberes que a herança colonial banuiu do universo acadêmico por considerá-los inferiores.

A presente investigação científica aborda as relações entre maracatu e educação na Nação do Maracatu Encanto do Pina pela via da memória de três integrantes que assumem funções de liderança: a Mestra da Nação, Joana D'arc da Silva Cavalcante; o batuqueiro e

Ogan¹¹, Deivson Lima de Santana; e a Dama do Paço¹² e coordenadora pedagógica, Mariana Bianchi. As narrativas dos três integrantes recebem a minha escuta e atravessamento, em que ocupo a posição de pesquisadora e de narradora. Assim, traço possíveis caminhos para o entendimento de como as pessoas maracatuzeiras, frequentadoras desse espaço, recebem e percebem as simbologias e as concepções sobre saberes do povo negro, sobretudo os que têm relação com o maracatu, e como tais concepções estão articuladas aos seus processos formativos.

O estudo tem como um dos referenciais teórico-metodológicos a *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica¹³, que encontra aporte nas produções de Inês Ferreira de Souza Bragança e Maria Passeggi, e tem como dispositivo privilegiado a *entrevistaconversa*, do qual faço uso para dialogar com as pessoas participantes da investigação. Tal dispositivo dispensa roteiro de perguntas previamente definido, pelo contrário, formula-se a partir da escuta ativa do que é manifestado verbalmente no início do diálogo, o qual lança fios para seguirem sendo tramados, em diálogo também com as experiências vivenciadas no campo de pesquisa e compreendendo a implicação da pesquisadora-narradora no coletivo que a forma e ajuda a formar. Lanço mão aqui do mecanismo de junção de palavras e o seu destaque em *itálico*, apresentado pela professora Inês Ferreira de Souza Bragança em sua bibliografia e, também, durante suas aulas da disciplina História, Organização da Profissão Docente e Cotidiano Escolar (FE 190-A), da pós-graduação da Faculdade de Educação da Unicamp no 2º semestre de 2022. As aulas foram ministradas em parceria com as professoras Adriana Varani, Carmem Diolinda da Silva Sanches Sampaio e com o professor Guilherme do Val Toledo Prado.

A contribuição que Bragança (2018) nos faz aponta para a impossibilidade de dissociar conceitos que estão intrinsecamente relacionados e visa a ampliação de sentidos, de forma que esses transbordem os limites impostos pelas palavras e pela dicotomia colocada pela ciência moderna. Essa forma de fazer pesquisa, que traz narrativas de trajetórias e que envolve investigadora e participantes, busca a afirmação das histórias e vozes de sujeitos em seus processos formativos, em contextos escolares e não escolares, mantendo a rigorosidade metódica, e implica compromisso político “na indissociável relação com os muitos outros, com os projetos de sociedade que insistimos em construir” (Bragança, 2018, p. 68).

[...] este é um conceito [*pesquisaformação*] em constante processo de resignificação, múltiplo e polifônico. Justamente, por fundamentar-se como um princípio constituído

11 Responsável principalmente pelos toques no terreiro, chamando assim, as divindades para a terra durante os rituais religiosos, entre outras funções. Em alguns estudos, encontra-se também grafado “ogã”.

12 Responsável por conduzir a boneca sagrada (calunga) durante o cortejo de maracatu.

13 A autora faz uso dos parênteses em “auto” para indicar que a narrativa de si, tecida a partir das experiências na vida comunitária, sempre traz as vozes dos outros numa relação de interdependência.

em profundo diálogo com o outro. Nesse sentido, nas relações estabelecidas entre os sujeitos, em cada uma das *pesquisaformação*, que em alteridade são constituídas, há a produção de novos e singulares sentidos. Assim, percebemos que *pesquisaformação* é uma palavra-conceito, que não se esgota em uma única definição, mas que desafia constantemente as matrizes científicas modernas, ao estabelecer um modo outro de fazer ciência social, em especial, na Educação (Motta; Bragança, 2019, p. 1046).

Essa modalidade de pesquisa qualitativa ancora-se no princípio de reconhecimento da legitimidade das narrativas produzidas pelas pessoas participantes de pesquisas e em suas capacidades de empreender processos reflexivos acerca de suas histórias, bem como de ressignificar experiências, apreendendo suas singularidades, as quais são informadas pelo contexto sociocultural e configuradas como importantes também para a pessoa pesquisadora, que se forma durante a pesquisa e dela participa. Dessa forma, o feitiço narrativo desta pesquisa é expresso não somente na seção anterior — “O meu eu coletivo” —, que focaliza meu memorial de experiências que culminou na escolha do tema de investigação, mas no modo de escrita de todo o trabalho, sendo tecido, por vezes, na primeira pessoa.

Christine Delory-Momberger (2012, p. 526), estudiosa da pesquisa biográfica, ao abordar a finalidade da entrevista, diz que:

O fato de esta fala (e a experiência que relata) ser atravessada pela história, pelo social, pelo político, de ser em grande parte feita de representações, crenças coletivas, de discursos alheios, em suma, o fato de ela ser uma fala de sua época e de sua sociedade é plenamente reconhecido pela pesquisa biográfica que vai mais além: faz dela uma dimensão constitutiva da individualidade.

Também utilizo os estudos decoloniais, sobretudo os de Joaze Bernardino-Costa, Nelson Maldonado-Torres e Ramón Grosfoguel (2018), como referências teórico-metodológicas nesta pesquisa, já que trato de uma expressão cultural produzida por descendentes de africanos dispersos violentamente em solo brasileiro, de forma a apreender “os processos de resistência e a luta pela reexistência das populações afrodiaspóricas, especialmente a população negra brasileira” (Bernardino-Costa; Maldonado-Torres; Grosfoguel, 2018, p. 9). Tais autores trazem a urgência da superação da presunção, por parte de quem se situa no polo hegemônico da sociedade, de que as formas de existir e os conhecimentos do povo negro (e dos demais grupos subalternizados) são inferiores. Contribuindo para o debate, incluindo gênero, raça e sexualidade, ao pensar a colonialidade do poder, María Lugones (2020, p. 60) diz: “Ainda que na modernidade eurocêntrica capitalista sejamos todos/as racializados/as e um gênero nos seja atribuído, nem todos/as somos dominados/as ou vitimizados/as por esse processo. O processo é binário, dicotômico e hierárquico”. Vale ressaltar que gênero, enquanto categoria social que coloca os seres em posições de vantagem ou desvantagem em relação aos

outros, é uma imposição ocidental, visto que nas comunidades Yorubá — um dos grupos étnico-linguísticos africanos — tal categoria era inexistente antes do contato, de forma direta, com o ocidente.

As manifestações culturais afrodiaspóricas são permeadas por estigmas que trazem como consequência a percepção reduzida das produções negras como desqualificadas. A valorização da diversidade epistêmica, ainda mais em um país plurirracial como o Brasil, é improrrogável e demanda a célere inclusão do aporte cultural do povo negro.

A superação dessa posição arrogante da ciência dá-se por meio de uma reconstrução epistemológica que confronte o seu apogeu como única e legítima forma de conhecimento e a multiplicidade e o dinamismo dos outros conhecimentos, outras leituras, outras formas de conhecer a realidade produzidas na dinâmica social, pelos coletivos sociais diversos existentes na sociedade (Gomes, 2019, p. 24).

Por serem emitidas por vozes que, historicamente, sofreram silenciamentos, tendo seus direitos negados à produção de discursos, essas narrativas podem ser consideradas contranarrativas à medida que provocam aberturas de fendas nos muros erguidos pelo sistema opressor, desestabilizando, assim, os dominantes modelos epistemológicos eurocêntricos. A dominação nas esferas jurídica, econômica e política de algumas nações sobre o restante do mundo — colonialismo — indica que, mesmo com o fim desse sistema, ele perdura, sendo atualizado continuamente, impactando nos âmbitos do poder, ser e saber. Dessa forma, o regime subalterniza as populações das nações outrora colonizadas e configura o que os pensadores contemporâneos denominam de “lógica da colonialidade” (Bernardino-Costa; Maldonado-Torres; Grosfoguel, 2018; Mignolo, 2017).

As populações categorizadas como inferiores pelas rígidas grades do pensamento moderno racista e patriarcal, ao defrontarem-nas com suas vozes, conhecimentos e atuações, movimentam-se no processo de descolonialidade que, de acordo com Mignolo (2008, p. 304-305), chama a atenção para a necessidade de rejeição às formas autoproclamadas universais de organização das sociedades:

Descolonial significa pensar a partir da exterioridade e em uma posição epistêmica subalterna vis-à-vis à hegemonia epistêmica que cria, constrói, erige um exterior a fim de assegurar sua interioridade. Não ouvimos todos os dias nos discursos do Presidente Bush, um discurso que era comum entre os cristãos ocidentais do ocidente nos séculos XVI e XVII, liberais seculares dos séculos XIX e XX, neoliberais e marxistas? Descolonial implica pensar a partir das línguas e das categorias de pensamento não incluídas nos fundamentos dos pensamentos ocidentais.

Pensar descolonialmente — que inclui o agir descolonialmente, uma vez que o campo dos projetos descoloniais não abriga o binarismo das ciências modernas, as quais

separam teoria e prática (Mignolo, 2008) — é uma tomada de posição por parte de quem busca forjar perspectivas inclusivas na educação e no mundo:

Almejamos que as novas gerações possam pensar e viver um outro mundo, de outro modo, podendo se aceitar, reconhecer-se, usufruir direitos constitucionais conquistados por movimentos e lutas sociais empenhadas por aqueles e aquelas subalternizadas, exploradas, negadas e produzidas como ausentes na esteira de um projeto civilizatório desumano, avassalador, que ainda se reitera por meio de uma episteme hegemônica colonial, racista, presente nas práticas formativas e escolares. É cruel, injusto e retrógrado manter o silêncio e atualizar genocídios, epistemicídios, racismos, sexismos e tantas outras violências corporais, materiais, discursivas e simbólicas presentes ainda em nossas práticas, em nossos modos de interpretar, nomear e educar (Lima; Lima, 2023, p. 412).

À educação fica, portanto, o desafio de descolonizar, fazendo frente à empreitada colonial que exterminou corpos, desejou extirpar sabedorias e permanece diligente na colonialidade.

Os documentos iconográficos — fotos, banners, cartazes, faixas e certificados apresentados a mim pelas pessoas emissoras e observados ao longo dos anos vividos na Nação e/ou produzidos durante o campo — são também utilizados como fontes. As fotografias feitas também por mim, mas, principalmente, cedidas pelas pessoas participantes da pesquisa, apresentam-se como recursos que narram histórias e colaboram para a compreensão de como os indivíduos concebem suas trajetórias, por meio do fragmento do real que escolhem eternizar.

1.2 Narrativa (auto)biográfica e memória

Produzir uma narrativa de minha experiência, na relação com os outros e enquanto partícipe da Nação Encanto do Pina, só é possível pela construção de sentidos que faço ao que me acontece enquanto estou no maracatu. Larrosa (2002, p. 22) alerta para o perigo da sociedade que somente busca informação, traduzindo “informação” como sinônimo de conhecimento e aprendizagem, e que tem como obsessão a busca pelo saber e pela opinião, anulando as possibilidades de experiência e de construção coletiva de significados para as experiências comunitárias. Ele nos diz que:

A primeira coisa que gostaria de dizer sobre a *experiência* é que é necessário separá-la da informação. E o que gostaria de dizer sobre o *saber de experiência* é que é necessário separá-lo de saber coisas, tal como se sabe quando se tem informação sobre as coisas, quando se está informado. É a língua mesma que nos dá essa possibilidade. Depois de assistir a uma aula ou a uma conferência, depois de ter lido um livro ou uma informação, depois de ter feito uma viagem ou de ter visitado uma escola, podemos dizer que sabemos coisas que antes não sabíamos, que temos mais informação sobre alguma coisa; mas, ao mesmo tempo, podemos dizer também que

nada nos aconteceu, que nada nos tocou, que com tudo o que aprendemos nada nos sucedeu ou nos aconteceu (Larrosa, 2002, p. 22).

O autor nos adverte ainda para a impossibilidade de se criar memória, quando se almeja a velocidade na busca por novidades, pois isso não permite deixar vestígio de qualquer acontecimento.

“Memória é um lugar de restabelecimento de vínculos”¹⁴. “Memória é a dialética entre lembrar e esquecer”¹⁵. O que, então, sucede-nos de forma tão intensa que encontra um espaço para permanecer de maneira altamente nítida? O que, ainda que sendo acontecimento singular, passa deixando apenas alguns vestígios e permitindo alguns lampejos? E, ainda, em quais espaços ou para quais interlocutores certas memórias encontram um ambiente profícuo para sua exposição?

Eu mesma me vi numa condição de quase deixar a memória recolher-se sem a chance de ser exprimida e, assim, deflagrar processos de percepção da ancestralidade em mim. A experiência que narrei da construção de agbê somente foi rememorada e passou a integrar este trabalho após conversas com colegas do Nós (Grupo Phala), que me questionaram se não havia de minha parte alguma experiência anterior com manifestações culturais, antes da apresentação que assisti na FE durante a graduação¹⁶.

Assim, o convite que fiz para as pessoas participantes deste estudo também buscou incentivar a recordação de suas memórias, a fim de tecermos conjuntamente o enredo de suas experiências. “Memorar o passado, torná-lo presente no hoje e ajudar, assim, a inaugurar o futuro” (Caciatori; Ferreira, 2022b, p. 10). Tratamos, desse modo, de (re)criarmos enquanto recuperávamos os sentidos do vivido.

Se nas comunidades tradicionais a memória é justamente o que permite a manutenção da manifestação cultural, pois projeta para o futuro os valores importantes para as pessoas que nelas convivem, aqui neste trabalho ela encontra espaço privilegiado para sua enunciação. É por meio da oralidade — característica fundante das culturas de matriz africana — que os saberes e fundamentos que alicerçam as práticas são partilhados, criando condições para suas continuidades. Aqueles e aquelas que, ao observarem e ouvirem as guardiãs e os

14 Anotação da fala proferida pela professora Adriana Varani, durante disciplina FE 190-A, em 1º de setembro de 2022.

15 Anotação da fala proferida pela professora Inês Ferreira de Souza Bragança, na disciplina FE 190-A, em 1º de setembro de 2022.

16 Mariana Semião, doutoranda (na ocasião), em conversa informal, fez-me esse questionamento. Semanas depois, durante a prévia da qualificação para meu grupo de pesquisa, o colega e mestrando Luciano Medina trouxe à tona novamente essa memória ao me questionar. Portanto, entendemos nesse momento que minha experiência precisava constar na pesquisa.

guardiões de uma manifestação, lançam-se à experiência de tomarem para si a responsabilidade de contribuir para sua continuidade, estão imersas e imersos em processos educativos que perpetuam sentidos e significados comuns para o grupo. Ao falarem sobre os valores civilizatórios afro-brasileiros, Caciatori e Ferreira (2022b, p. 11) destacam também a oralidade como elemento primordial presente nas culturas populares:

É nesse *estar* da cultura popular onde tudo se emaranha: o contato intergeracional, a troca de saberes, a produção e reprodução dos sentidos da existência. E tudo isso é permeado por processos educativos, que acontecem principalmente a partir da oralidade e da inserção prática dos sujeitos nas dinâmicas. Se aprende vivenciando.

Krenak (2019) fala-nos da importância de aprofundarmos vínculos com nossa memória ancestral, de forma a mantermos as referências que amparam os sentidos elaborados e partilhados pelos nossos grupos de origem.

O não esquecimento faz-se essencial enquanto estratégia para reinventar a vida ameaçada pela barbárie colonial. Lembra-nos Rufino (2019) de que, entre nós que ritualizamos a ancestralidade, precisamos temer o esquecimento, pois isso seria, sim, a morte:

a ancestralidade é a vida enquanto possibilidade, de modo que ser vivo é estar em condição de encante, de pujança, de reivindicação da presença como algo credível. A morte, nesse sentido, não está vinculada simplesmente aos limites da materialidade, mas se inscreve como escassez, perda de potência, desencante e esquecimento (Rufino, 2019, p. 15).

Para Sodré (2002, p. 53), a memória coletiva de grupos afrodiaspóricos encontra possibilidade de vicejar na reterritorialização:

O patrimônio simbólico do negro brasileiro (a memória cultural da África) afirmou-se aqui como território político-mítico-religioso, para a sua transmissão e preservação. Perdida a antiga dimensão do poder guerreiro, ficou para os membros de uma civilização desprovida de território físico a possibilidade de se ‘reterritorializar’ na diáspora através de um patrimônio simbólico consubstanciado no saber vinculado ao culto aos muitos deuses, à institucionalização das festas, das dramatizações dançadas e das formas musicais.

As relações socioculturais construídas nas constantes idas a Recife permitem-me construir uma narrativa (auto)biográfica que se produz e se expressa com os demais integrantes da Nação e que parte da premissa de que

Viver a pesquisa em educação como *experiência* com muitos outros traz limiares entre as abordagens metodológicas (auto)biográfica e narrativa. A *relação com* implica o encontro, o diálogo, o círculo virtuoso entre palavra e escuta (Bragança, 2018, p. 69, grifo próprio).

E ainda:

[...] convoca as complexas relações que o indivíduo estabelece com representações, crenças e valores que circulam em seu entorno, mediante uma infinidade de narrativas, que lhes são transmitidas e as que ele próprio elabora sobre o que acontece e o que lhe acontece (Passeggi; Nascimento; Oliveira, 2016, p. 114).

As pessoas narradoras escolhidas para participarem desta investigação, por meio da partilha de suas experiências durante as *entrevistas conversas*, fazem parte do meu círculo pessoal, das relações que estabeleci na convivência desses anos de proximidade com o maracatu. Em datas e horários previamente agendados com cada uma das três participantes da pesquisa, fui ao encontro delas e utilizei o gravador de voz do aparelho celular para registrar as *entrevistas conversas*. Não fiz uso de roteiro e/ou questionário. Iniciei com uma pergunta que objetivava a rememoração do encontro de cada um(a) com o maracatu. Ofereci escuta para que dialogássemos acerca das narrativas que estavam sendo comunicadas, de modo que as perguntas ou colocações que se seguiram até o final de cada encontro fossem tecidas ali, no decorrer do processo. Tentei captar os fios temáticos anunciados na narrativa decorrente da primeira pergunta para que as entrevistadas e o entrevistado prosseguissem narrando.

O passo seguinte foi proceder às transcrições das *entrevistas conversas*, que respeitaram o modo de dizer de cada participante. Transcrevi de forma a preservar os silêncios, as ênfases, os coloquialismos, os titubeios e o tempo para elaboração da fala, expressos através das narrativas orais. Agendei um novo encontro, desta vez, virtual, no qual expus para cada participante a transcrição feita, para que o emissor(a) pudesse avaliar se já estava contemplado ali o que queria partilhar, havendo espaço para complementações ou supressões, caso existissem.

Convém acrescentar que as *entrevistas conversas* foram realizadas durante o trabalho de campo¹⁷, nos meses de janeiro e fevereiro de 2023¹⁸, após aprovação, em 18 de setembro de 2022, pelo Comitê de Ética (Sistema CEP/CONEP, parecer consubstanciado nº 5.650.373). As pessoas participantes da pesquisa consentiram com a gravação em áudio, assinando o *Termo de consentimento livre e esclarecido* (TCLE), que se encontra ao final deste trabalho (Anexo A).

1.3 Uma ala de “batuqueiros-pesquisadores”

17 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001.

18 Em janeiro e fevereiro de 2024, realizei o segundo período da pesquisa de campo, também com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001.

Alguns pesquisadores já se debruçaram sobre o maracatu, tratando de sua história, religiosidade e as questões de gênero envolvidas nesse espaço. Porém, a abordagem nas pesquisas acadêmicas sobre as relações entre educação e maracatu ainda é incipiente.

[...] os patrimônios imateriais são bens culturais pouco prestigiados por instituições formais de reconhecimento e prestígio social, como as escolas e as universidades. Os conhecimentos acadêmicos ocupam e mantêm um lugar privilegiado e hierarquizado em relação a outros saberes, os não acadêmicos, tradicionais ou populares, como é o caso dos patrimônios imateriais afrodiáspóricos (Lima; Mendes; Fernandes, 2020, p. 320).

No entanto, ainda que não haja pesquisas sobre os cruzos que proponho neste estudo a partir das narrativas, o maracatu, em diálogo com outros conceitos, campos e temáticas, apresenta-se como objeto de estudo em alguns trabalhos. Utilizo a noção de “cruzos” a partir de Rufino (2019), que os traz com a ideia do que extrapola os limites do mundo binário empreendido pela modernidade ocidental. “Cruzo” é ampliação, é atravessamento, é compor com, é transgredir, sem a intenção de aniquilar o outro, mas revelando a parcialidade dos regimes que a colonialidade mantém.

Há uma similaridade entre os pesquisadores de maracatu: boa parte é composta por indivíduos que integram uma Nação ou um grupo de maracatu. Tal como na manifestação, durante um cortejo de carnaval, onde a Nação se organiza por alas: das baianas, dos batuqueiros e das batuqueiras, do chitão, entre outras, tomo aqui a liberdade de chamar o grupo de quem decide debruçar-se academicamente sobre essa temática que lhe atravessa de “ala de batuqueiros-pesquisadores” ou “ala de batuqueiras e batuqueiros pesquisadoras e pesquisadores”. De alguns desses, inclusive, obtive conhecimento de suas pesquisas antes mesmo de encontrá-las nas plataformas de busca, por conhecer essas pessoas por intermédio das Nações.

Esta pesquisa pretende somar-se com a bibliografia já produzida e lançar novos olhares, colaborando para a compreensão sobre a relação do maracatu com a educação. Trabalhei com três plataformas: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), especificamente com a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), o Sistema de Bibliotecas da Unicamp (SBU) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). A revisão foi realizada no período de julho de 2022 a abril de 2023.

Foram cinco descritores utilizados: “maracatu”, “educação”, “infância”, “decolonialidade” e “memória”. “Infância”, enquanto categoria, não foi pesquisada neste estudo, mas compôs os descritores, pois pôde auxiliar a identificar, nas plataformas de busca,

trabalhos que remetessem a envolvimento de longos períodos de participantes no maracatu. Inicialmente, a pesquisa combinada não encontrou resultados em qualquer que fosse a plataforma utilizada. Reduzindo a quantidade de descritores, os resultados começaram a aparecer, os quais serão apresentados ao longo deste trabalho.

Os critérios de inclusão utilizados foram: conter o descritor “maracatu” em qualquer um dos campos de busca, visto que esse termo é central para minha pesquisa; referir-se a alguma Nação de maracatu pernambucana, ou seja, de baque virado, mas com uma exceção: que o trabalho seja relativo a um grupo (e não Nação) de outra localidade do país, desde que a autoria seja de algum integrante da Nação do Maracatu Encanto do Pina, Nação do Maracatu Porto Rico ou Grupo Baque Mulher, considerando que a experiência da pessoa pesquisadora integrante dessas Nações e grupo a dota de um pertencimento coletivo, que incide sobre a escrita do trabalho; e, por fim, inserir-se na mesma área de conhecimento de minha pesquisa, isto é, ser do campo das ciências humanas.

Já os critérios de exclusão foram: referir-se ao maracatu de baque solto; referir-se ao maracatu de outros estados do país (e não ser de autoria de integrante da Nação do Maracatu Encanto do Pina, da Nação do Maracatu Porto Rico ou do Grupo Baque Mulher); ser de outras áreas de conhecimento que não tenham relação com minha pesquisa; abordagem tangencial do maracatu de baque virado, tratando-o apenas como uma manifestação, dentre outras; e referir-se a uma única figura maracatuzeira, se essa não for integrante da Nação Encanto do Pina ou do Grupo Baque Mulher.

O critério temporal não foi utilizado, mas os trabalhos cujos recortes conversam com o meu tema foram produzidos neste século, sendo o de 2004 o mais antigo. Estudos sobre maracatu anteriores a esse de 2004, feitos por pesquisadores de outras áreas do conhecimento e, também, da mesma área de investigação que a minha — educação —, não foram incluídos por não atenderem aos critérios por mim estabelecidos. Com exceção de um livro (Guerra Peixe, [195-?]), que abordarei com mais detalhes posteriormente.

Além dos trabalhos selecionados, a partir dos critérios estabelecidos — e que estarão reunidos nas páginas finais desta dissertação —, importante dizer que minha participação nas Nações de maracatu e no Grupo Baque Mulher me levaram ao conhecimento de outras produções acadêmicas, mas que, por serem trabalhos de conclusão de curso de outras universidades, não apareceram nas buscas na plataforma SBU, tampouco nas plataformas Ibict e Capes, pois não eram dissertações, teses ou artigos. Tomei conhecimento, até então, de pesquisas ainda em andamento (durante meu período de revisão de literatura); portanto, não

listadas aqui, como a tese de Ana Lúcia Tavares de Oliveira¹⁹ sobre o Grupo Baque Mulher. Conhecida no nosso meio com o apelido de “Intelectual”, Ana desenvolveu uma parte de seu campo de pesquisa no mesmo período que eu. Com ela, dividi, além das angústias e prazeres que o processo de fazer ciência traz, muitas alegrias proporcionadas pelas rodas de coco, sambas e ensaios de maracatu, momentos de fruição de vida na nossa amada cidade de Recife.

Sinto-me honrada por compor essa ala de batuqueiros-pesquisadores, de ter a oportunidade de alinhar arte, vida e conhecimento.

Na plataforma Ibict/BDTD, as buscas foram realizadas entre os meses de agosto de 2022 e abril de 2023. Pude selecionar o total de sete trabalhos. Como dito anteriormente, tive que reduzir o número de descritores utilizados, fazendo todas as combinações possíveis entre os cinco definidos, sendo que “maracatu” foi o único fixo. Com quatro palavras-chave, a pesquisa nesta plataforma também não encontrou resultados. Passei, então, a procurar com a combinação de três termos. Pesquisando “maracatu”, “educação”, “infância”; “maracatu”, “memória”, “infância”; e “maracatu”, “infância”, “decolonialidade”, nada foi encontrado. A combinação “maracatu”, “educação”, “memória” teve cinco registros, restando, após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, um estudo.

Pesquisando os descritores “maracatu”, “educação”, “decolonialidade”, obtive um trabalho. No entanto, referia-se à abordagem do maracatu de baque virado em programas educativos da escola formal, não sendo, portanto, listado aqui. Um registro sobre “maracatu”, “memória”, “decolonialidade” foi encontrado.

Seguindo para as buscas com dois descritores: “maracatu”, “memória”, 26 registros foram encontrados, sendo que listo aqui uma pesquisa. Com os descritores “maracatu”, “decolonialidade”, foram identificados dois trabalhos, mas não obtive resultados que se enquadrassem no que busco. A combinação “maracatu”, “infância” apresentou um estudo, o qual foi excluído em seguida. Os descritores “maracatu”, “educação” registraram 22 trabalhos, porém, nenhum deles atendeu aos critérios.

Por fim, pesquisando somente “maracatu” nessa plataforma, do total de 121 registros, quatro foram selecionados.

Com as buscas na plataforma Capes, realizadas em novembro de 2022, apareceram 132 trabalhos. Nessa base de dados, a procura por teses e dissertações foi feita com aspas (“ ”), solicitando, assim, a exatidão dos termos. Sem elas, os registros encontrados não apresentavam relação alguma com minha pesquisa. Já para os periódicos, as aspas foram retiradas. Utilizando

19 Não é narradora desta pesquisa, mas permitiu a menção.

os cinco descritores da minha pesquisa, nenhum trabalho foi encontrado. Retirando um termo (com exceção de “maracatu”) e fazendo todas as combinações de vocábulos possíveis, o resultado permaneceu. Também não houve trabalho encontrado na pesquisa com três descritores (todas as combinações possíveis, contendo o termo “maracatu”). Realizando a análise com dois descritores, apenas um material apareceu para a combinação “maracatu, educação”. Todavia, já havia aparecido em buscas na plataforma anterior (e excluído após aplicação dos critérios). Na combinação dos demais descritores, nada foi encontrado. Segui, então, para a busca com apenas um termo — “maracatu” —, o que apresentou um total de 132 registros, que se sucedeu em três, considerando apenas os que ainda não haviam aparecido e os que se enquadraram nos critérios definidos.

Pesquisando periódicos na mesma plataforma, as buscas com cinco e quatro descritores não tiveram resultados. Procurando “maracatu”, “educação”, “infância” e “maracatu”, “educação”, “memória”, os dois trabalhos obtidos não corresponderam aos critérios estabelecidos. Reduzindo para dois descritores, “maracatu” e “educação”, encontraram-se 21 documentos, que após a aplicação dos critérios estabelecidos, resultou em um artigo. Com os descritores “maracatu”, “memória”, apareceram 12 trabalhos, mas nenhum se enquadrava aos critérios estabelecidos. “Maracatu”, “infância” e “maracatu”, “decolonialidade” apresentaram um trabalho cada, já listados em pesquisas anteriores. Parti, dessa forma, para a busca com o descritor “maracatu”. Apareceram 208 trabalhos, que resultaram em dois artigos após a aplicação dos critérios.

As investigações na plataforma Sistema de Bibliotecas da Unicamp (SBU) aconteceram em julho e novembro de 2022. Foram realizadas as buscas rápida e combinada. A pesquisa não encontrou resultados com a combinação dos cinco, quatro e três termos (sem excluir o “maracatu”). Os resultados (sete) que apareceram com as combinações “maracatu” e “educação”; “maracatu” e “memória”; e “maracatu” e “infância” não foram listados aqui após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão. O descritor “maracatu”, buscado unicamente, apresentou 37 resultados, dos quais um foi selecionado.

Os materiais descritos acima, listo ao final deste trabalho, no Apêndice A, organizados por ano de publicação.

2 ABRE-ALAS: OS MARACATUS ADENTRAM A PASSARELA

“Tem guardiã na porteira
 Maria Padilha é mojubá
 Dá licença, senhores da casa
 Encanto do Pina acabou de chegar
 Laroyê, mojubá
 Encanto do Pina de baque virado
 Pede licença pro povo saudar”

(Maria [...], 2021)²⁰.

Laroyê²¹, Exu!

Saúdo o senhor das ruas, das encruzilhadas, do movimento, das possibilidades, bem como suas facetas femininas, tal como Maria Padilha — entidade protetora na Jurema Sagrada. Peço que abram e vigiem a porteira, pois é domingo de carnaval e as Nações de maracatu querem proceder ao despacho do *carrego colonial* (Rufino, 2019). Ocupam a avenida com suas multiplicidades, mostrando que há muitos outros cenários possíveis para além da perspectiva monorracial, uníssona e escassa que a colonialidade quer nos impor violentamente. Exu, o orixá com características mais próximas as dos humanos, marca sua presença do lado de cá do Atlântico, ajudando-nos a transgredir padrões eurocentrados e desestabilizando as pretensas verdades coloniais.

Figura 2 — Faixa de abertura



Fonte: Correia (2020a).

²⁰ Loa *Maria Padilha é mojubá*, composta pela Yabá Tenily Guian, lançada em 2021.

²¹ Saudação ao orixá Exu.

Uma extensa faixa apresentando a Nação, contendo seu nome e data de fundação, é o que primeiro costuma ser observado na entrada de um maracatu na passarela durante o carnaval. A imagem acima (Figura 2), faixa da Nação do Maracatu Encanto do Pina, traz, além dos elementos citados, dois logotipos: um da Nação e outro do Ylê, onde é sua sede.

O componente da fé, que está intimamente ligado às culturas de raízes negras, como não poderia ser diferente, também está muito presente na expressão tratada aqui. O maracatu é uma manifestação afro-brasileira, de cunho religioso e cultural, fortemente ligado ao candomblé e considerado patrimônio cultural imaterial do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), tendo sua inscrição no *Livro de registro das formas de expressão* em dezembro de 2014, por esse instituto.

Há duas vertentes dessa manifestação: o maracatu de baque solto, chamado também de maracatu rural, e o maracatu de baque virado, também conhecido como maracatu Nação — sendo esse o abordado nesta pesquisa.

Em abril de 2023, o maracatu Nação recebeu um plano de salvaguarda²² — documento que orienta a efetivação de políticas públicas para a perpetuação da manifestação. Elaborado pelo mesmo instituto (Iphan), em parceria com a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe), o plano foi delineado com a participação dos detentores da manifestação, que apresentaram demandas a partir das questões vividas pelas Nações.

Com origem que remonta ao período escravista, o maracatu de baque virado surgiu em torno das coroações da rainha e do rei do antigo Congo africano, como podemos ver na pesquisa de Guerra Peixe ([195-?]), que, embora aborde com maior ênfase os aspectos musicais do maracatu, inaugura a produção exclusiva sobre a manifestação. Tal obra foi produzida na década de 1950, não sendo possível precisar o ano. Sendo o maracatu uma manifestação bicentenária²³ — de acordo com informações do *Catálogo de Agremiações Carnavalescas do Recife e Região Metropolitana* (PREFEITURA [...], 2009) —, ponho-me a pensar sobre a invisibilidade dessa cultura negra nos espaços acadêmicos, dada a sua recente abordagem, se considerada a data de sua existência.

[...] o auto dos ‘Congos’ seria uma complementar parte festiva, com teatro, música e dança. Subsistindo à instituição [do Rei do Congo], o auto apresentou-se por mais algum tempo, embora prosseguisse declinando. Depois, eliminada a teatralização, restou o cortejo que derivou para o Maracatu (Guerra Peixe, [195-?], p. 17).

22 O *Plano de salvaguarda: maracatu nação* pode ser consultado na lista de referências (Instituto [...], 2023).

23 Não é possível afirmar com exatidão a data de surgimento da primeira Nação de maracatu. No entanto, o Maracatu Elefante, cuja fundação data de 15 de novembro de 1800, é tida como uma das mais antigas Nações.

Permitido pelos senhores de escravizados durante os festejos de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, como estratégia de controle e subordinação da população escravizada, o maracatu de baque virado passou por momentos de aparente inatividade — quando tinha que se disfarçar de outras manifestações menos discriminadas socialmente ou se submeter ao jugo do catolicismo, sob o véu do sincretismo religioso —, bem como por momentos de intensa movimentação e divulgação, não só nacionalmente, mas também no exterior, sendo essa manifestação mais visibilizada durante o carnaval desde a Abolição da Escravatura. O sincretismo religioso é pautado por Sodré (2002). O autor defende que o povo negro das comunidades-terreiro, com vistas a preservar e expandir seu patrimônio étnico-cultural, realiza um jogo de contatos de ordem simbólica com o cristianismo, o que não configura sincretismo, já que não há afetação e troca de influências de ambas as partes.

Mas o sincretismo, vale frisar, implica sempre transformações litúrgicas de parte a parte. Do contrário, não se mistura junto com [sym-keramí], mas se mistura sem acrescentar, sem real modificação ao nível do paradigma institucional. Essas mesclas de segunda ordem têm ocorrido na história das relações entre o catolicismo brasileiro e os cultos negros. Mas não tem havido sincretismo, porque são sistemas simbolicamente incompatíveis: o catolicismo é apenas religião, comprometida com uma economia industrialista vocacionada para a dominação universal do espaço humano, enquanto o culto gêge-nagô tem motivações patrimonialistas de grupo, ecológicas, e não se define exclusivamente por parâmetros ideológicos de religião (Sodré, 2002, p. 61).

Compreendido como um dentre muitos “legados praticados em território colonial escravocrata/racista, reeditados e transmutados na diáspora negra” (Lima; Lima, 2023, p. 416), o maracatu possibilita interpretações que vão além da dimensão religiosa.

O estado de Pernambuco, nas atuais cidades de Recife e Olinda, é o local de surgimento e manutenção dessa manifestação afro-brasileira. Um cortejo real, com rainha, rei, duquesa, duque, condessa, conde, princesa e príncipe, cujas vestimentas têm estética barroca, remetendo às cortes europeias, ocorre acompanhado pelas baianas que rodam suas longas saias de armação, porta-estandarte que carrega o estandarte contendo a data de fundação da agremiação, soldados romanos, caboclos, damas de frente e damas do paço carregando suas bonecas — as calungas — e muitos outros personagens. Todos eles desfilam ao som realizado por um grande conjunto musical percussivo — o baque ou batuque —, que com os ritmos de instrumentos como alfaia, agbê, caixa, tarol, gonguê, mineiro e atabaque²⁴, entoam canções

24 Alguns dos instrumentos utilizados variam entre as Nações. Esses descritos aqui são os utilizados pela Nação pesquisada. As alfaias são os instrumentos que se sobressaem nos maracatus. São grandes tambores com peles dos dois lados e afinados através da amarração de cordas.

chamadas de loas, as quais versam sobre a religiosidade do maracatu expressa pelos orixás e eguns²⁵, sobre a luta do povo negro, com suas histórias de resistência, sobre as origens e os feitos da Nação e sobre personalidades importantes para os maracatuzeiros e as maracatuzeiras (integrantes dos maracatus). Ao longo do desfile, ao chegar à frente da comissão julgadora, o baque faz um recuo, abrindo passagem para todos os personagens passarem.

Não seria possível explicar como é esse ápice — o momento do desfile na passarela — para todas as Nações que dele participam, em razão da diversidade que apresentam e, também, pelo motivo de meu pertencimento estar vinculado a “apenas” duas delas. Portanto, atenho-me, nesse instante, a falar das características comuns que apresentam durante o rito do desfile, convencionadas e exigidas pelo concurso das agremiações.

A Secretaria de Cultura da Prefeitura do Recife tornou público os critérios para que as Nações se apresentem no concurso, sendo o último relativo ao concurso de 2024 (Contagem; Mendes, 2023). As categorias nas quais as Nações se inserem, podendo se deslocar a cada ano, de acordo com a classificação no concurso, são as seguintes: Grupo Especial, Grupo Um, Grupo Dois e Grupo de Acesso, pertencendo a essa última todas as Nações que entram no concurso pela primeira vez. Por compor, nos últimos anos, o Grupo Especial, a Nação Encanto do Pina limitou-me a falar dos critérios dessa categoria. Anualmente, a composição do Grupo Especial é limitada a nove Nações de Maracatu de Baque Virado. Em outro documento oficial, de 2015 (Prefeitura [...], 2015), mas que permanece vigente, há mais definições regulamentadas, como a quantidade mínima de componentes: são 150 do Grupo Especial, dividindo-se entre damas de frente, ala de lanceiros, ala de baianas, de cordão ou catirinas, baianas ricas, caboclo arreamá, corte real completa (rei e rainha, 1º príncipe e 1ª princesa, guarda de honra, escravo com pálio, pajens, lampiões, abanadores, soldado romano), casais nobres, batuqueiros (pelo menos 30), porta-estandarte, dama do paço e escravos trabalhadores ou cativos²⁶. Além desses componentes e elementos obrigatórios, costuma-se ver nas Nações a presença de outros que são facultativos.

No período carnavalesco, a cidade de Recife atrai muitos turistas e ganha os holofotes da mídia. A prefeitura monta arquibancadas e uma avenida do centro do município torna-se palco para que as Nações de maracatu e outras agremiações²⁷ mostrem o trabalho

25 Espíritos de pessoas que no passado tiveram relevância para as comunidades de maracatu.

26 Nota-se que a nomenclatura dada a alguns personagens carece de reflexões por parte das instituições promotoras do carnaval pernambucano, pois ainda está marcada por imperativos coloniais, destoando do enaltecimento do povo negro e de suas culturas, pretendido pela manifestação do maracatu.

27 Participam do desfile oficial em Recife, as seguintes agremiações carnavalescas: Blocos de Pau e Corda, Bois de Carnaval, Caboclinhos, Clubes de Boneco, Clubes de Frevo, Escolas de Samba, Maracatus de Baque Solto, Maracatus de Baque Virado, Tribos de Índios, Troças Carnavalescas e Ursos (La Ursa).

realizado. Nessa ocasião, cada Nação apresenta-se com todos os seus personagens e itens obrigatórios. Além das figuras descritas acima, um carro abre-alas com o símbolo do grupo também costuma ser levado por cada Nação para a passarela durante o domingo de carnaval. É o momento no qual as pessoas pobres e marginalizadas da comunidade experienciam o respeito e admiração por parte dos espectadores ao representarem papéis luxuosos de personagens da corte real ou ao executarem com excelência o baque percussivo, em contraposição à invisibilidade cotidiana que sofrem por ocuparem postos sem prestígio social, como diaristas, zeladores, vendedores informais, entre outros. O mesmo corpo que, ao longo de todo o restante do ano, é depreciado pela etnia e/ou território em que se insere, passa a ser enaltecido pelos dois milhões de turistas²⁸ que prestigiam o carnaval na cidade de Recife, além das pessoas que acompanham trechos do desfile a partir das transmissões pelos canais televisivos. Segundo Audoin-Rouzeau *et al.* (2008), é por meio do corpo, signo do indivíduo, que cada ser marca sua presença no mundo e exprime sensações e emoções, estabelecendo relações com o outro e com a cultura. Cada corpo é receptor da cultura e cada época e sociedade farão refletir nele seus valores e regras. Maduro (1994, p. 12) discute a busca humana, em meio à realidade cheia de dificuldades e sofrimentos, de motivos e caminhos para festejar a vida com alegria:

Infelizmente, muitas vezes a vida se torna dura, dolorosa e difícil: não se consegue um emprego, rompe-se uma relação amorosa, a comida escasseia, não se ganha o suficiente para alugar uma casa decente, uma doença grave nos leva à beira da morte, os mais fortes e poderosos usam e abusam dos mais fracos, a violência ameaça cotidianamente nossa vida e não há tempo nem para descansar ou brincar, nem usufruir das amizades. O sofrimento, a urgência e o medo invadem nossa existência e tornam difícil - porém mais necessária que nunca - a festa.

É no carnaval que os componentes do maracatu desfrutam do apogeu dessa manifestação que é salvaguardada cotidianamente. Escanteiam as dificuldades de uma vida cheia de privações, reafirmam pertencimentos e reavivam os laços comunitários.

No concurso, o cortejo de cada Nação é avaliado por um júri que atribui notas para os seguintes quesitos: fantasias (de toda a agremiação), adereços (lança, leque, escudo, entre outros), coreografia/evolução de toda a agremiação, dança e traje da/o porta-estandarte, afinação dos instrumentos, execução da percussão e traje dos batuqueiros, conjunto e postura de toda a corte real, apresentação, postura e vestuário da dama do paço e da calunga e indumentária, dança e postura da rainha e do rei. Então, as Nações são classificadas, resultando na campeã do carnaval.

²⁸ Segundo informações divulgadas pela prefeitura da cidade de Recife em 26 fevereiro de 2020 (constante como última atualização) (Maior [...], 2020).

A seguir, a referência para que as/os leitores possam vislumbrar o desfile oficial, ocorrido no domingo de carnaval, em 2020 (Vídeo 1):

Vídeo 1 — Desfile Oficial — Nação Encanto do Pina na Passarela



Fonte: Encanto do Pina na passarela. Carnaval 2020 (2020).

O desfile, momento ápio, é precedido de muito trabalho. No dia a dia desta comunidade que sedia a Nação de maracatu, é possível notar que acontecem os trabalhos de afirmação identitária, de fortalecimento comunitário, de luta contra o preconceito racial, de território e de classe. Prazeres (2007), que aborda o maracatu como espaço de sobrevivência, ressignificação de uma cultura e afirmação pessoal e coletiva de um *ethos*, defende que as religiões afro-brasileiras, como o candomblé — que fornece a sustentação religiosa para as Nações de maracatu —, concedem um conjunto de símbolos a partir dos quais os indivíduos delas participantes têm a possibilidade de significarem suas experiências de vida e realizarem a leitura de mundo. Em sua pesquisa, Alencar (2015) aborda como o associativismo, a luta por reconhecimento oficial e os processos criativos influenciam as formas de pensar e agir dos maracatuzeiros de seis Nações.

Há muitos elementos que indicam que os integrantes de uma mesma Nação de maracatu se sentem partícipes de um mesmo grupo que extrapola os muros das sedes. O maracatu assume uma importância central na vida dessas pessoas e em torno dele são organizados diversos eventos para diversão e lazer, como festas de aniversário, comemorações de datas significativas, aniversário de fundação da Nação, São João, Natal, Dia das Crianças, chá de bebê, assim como encontros religiosos que ocorrem no interior do terreiro de candomblé.

A confecção de figurinos e adereços para as apresentações também é partilhada pelos maracatuzeiros e maracatuzeiras, além dos ensaios da percussão, que, nos meses que antecedem o carnaval, acontecem duas ou três vezes por semana. Tais ensaios atraem a atenção de muitos moradores e moradoras do entorno, os quais se aglomeram nas ruas frente à sede para

prestigiar o trabalho feito pela Mestra e Mestre na regência de seus batuqueiros e batuqueiras. Além disso, os encontros prosseguem também sob o olhar atento de outros integrantes das Nações, responsáveis por dar suporte para que tudo transcorra bem do início ao fim dos ensaios, seja cuidando dos aspectos técnicos, como ligação do microfone, ou auxiliando na travessia dos ciclistas, motociclistas e motoristas que passam pelas ruas, garantindo, assim, a integridade física das e dos percussionistas e transeuntes.

Existem mais de vinte Nações de maracatu²⁹, que se distribuem pelas cidades pernambucanas de Recife, Olinda, Igarassu e Jaboatão dos Guararapes. Todas as Nações possuem elementos constitutivos comuns e tantos outros aspectos que as diferenciam entre si, garantindo a peculiaridade de cada uma delas. Compreendendo o universo gigantesco de elementos possíveis de serem encontrados no interior de cada Nação, dando a elas as características próprias, este estudo foca o olhar em um grupo³⁰ para melhor se aprofundar e perceber as nuances: a Nação do Maracatu Encanto do Pina, cuja escolha justifica-se pelo meu pertencimento à ela — o que se alia aos pressupostos defendidos pelo referencial teórico-metodológico da *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica, selecionado para fundamentar a presente dissertação. A Nação do Maracatu Encanto do Pina foi fundada em 1980 pela Yalorixá Maria de Sônia e atualmente regida pela Mestra Joana D'arc Cavalcante, primeira mulher a apitar uma Nação de maracatu, sendo responsável por ensinar a percussão dos instrumentos aos integrantes, por entoar as loas e por realizar a coordenação geral de todas as atividades que acontecem na sede.

A inserção de crianças nas Nações aconteceu em 1987. Foi a Nação do Maracatu Porto Rico, localizada na mesma comunidade da Nação Encanto do Pina, a responsável por essa novidade. A Yalorixá Elda Ivo Viana, ao assumir o comando da Nação Porto Rico e o posto de rainha, introduziu algumas inovações, como a corte mirim. A partir desse momento, as crianças passaram a compor as alas da agremiação durante o desfile oficial, também chamado de passarela por integrantes do maracatu para designar o ponto mais alto do ciclo carnavalesco. Koslinski (2011, p. 77) que trata em seu trabalho sobre a construção da identidade dos maracatuzeiros da Nação Porto Rico, ao descrever o evento observado durante suas pesquisas de campo nos anos 2009 e 2010, menciona a passagem da corte mirim pela avenida do desfile,

29 De acordo com a Associação dos Maracatus Nação de Pernambuco (Amanpe) são 29 Nações filiadas, estando quatro sem atividade (Luiz, 2017).

30 Utilizo o termo grupo como sinônimo de conjunto de pessoas que reunidas formam um todo, no caso, a Nação de maracatu, diferenciando-se de grupo de maracatu — expressão entendida nesse meio como um coletivo de maracatu de fora de Recife, sem a obrigatoriedade de ter fundamentos religiosos e composto, quase em sua totalidade, por homens, mulheres e crianças que “apenas” batucam e dançam.

logo após a passagem dos passistas representando orixás: “Após esse momento entra a corte mirim, formada por casais de duques e duquesas, embaixadores e embaixatrizes, condes e condessas, marqueses e marquesas, barões e baronesas e por fim príncipes e princesas, a idade dessa corte é de 5 a 12 anos”. Essa inovação, apesar de não ter sido vista na época com bons olhos por parte das pessoas maracatuzeiras, que entendiam esse ato como uma ameaça à tal almejada e conclamada tradição, responsável por conferir legitimidade às Nações perante à sociedade, ganhou, posteriormente, a adesão de outras Nações. Guillen (2004) levanta questões acerca dos rituais dos maracatus, principalmente a coroação de reis e rainhas e as investidas do mercado de bens culturais sobre esses ritos. Lima (2019), ao discutir e questionar a imutabilidade do maracatu sob o véu da tradição, argumentou que a manifestação é reelaborada por seus praticantes com frequência. Hoje, é comum ver crianças participando dos desfiles oficiais nas Nações. Sobre a Nação Porto Rico — pioneira na inclusão de crianças na passarela —, Julio (2021), em seu artigo, dedica-se a compreender as particularidades da construção da identidade das crianças participantes dessa Nação e como esta contribui para a propagação de valores de uma educação antirracista.

Até mesmo um evento durante o ciclo carnavalesco foi criado visando exclusivamente a participação de crianças. É o que mostra Ferreira (2013) em seu estudo de mestrado, ao falar da construção da memória afro-brasileira nos Tambores Mirins. Ocorrendo no Pátio do Terço desde 2002, na segunda-feira de carnaval, essa cerimônia, da qual participam maracatus infantis, é um desdobramento da Noite dos Tambores Silenciosos — evento de louvação aos ancestrais.

O acolhimento das crianças nas Nações fez com que passassem a arquitetar estratégias para atrair não somente desfilantes mirins para a apresentação, mas também configurar cada sede como espaço de educação para esses jovens, de maneira que eles pudessem desenvolver, além do apreço pela manifestação, outras habilidades e valores importantes para a formação humana.

Sensibilizadas com a quantidade de crianças que se aglomeravam pelas calçadas nos ensaios da Nação na rua e improvisavam instrumentos com garrafas pet, caixas de papelão e gravetos, lideranças do Encanto do Pina criaram, em 2013, o projeto socioeducativo Encantinho do Pina para atendimento de crianças e adolescentes da comunidade. Veremos mais sobre ele nas seções seguintes.

Por hora, queiram acompanhar comigo a fundação do meu campo de pesquisa, para procedermos às reflexões de sua constituição enquanto território formativo.

2.1 Mães na passarela e em ação: nascimento da Nação do Maracatu Encanto do Pina

Além do horizonte encandeia
Na beira do mar, Janaína dançando na areia
Pois deram à luz, pelas mãos de uma parteira
A minha Nação, de duas sereias [...] (O Encanto [...], 2020).³¹

Figura 3 — Mães do Pina



Fonte: Correia (2020a).

No cortejo, na passarela do maracatu, a faixa de abertura é seguida pelo símbolo da Nação que se apresenta. A Nação Encanto do Pina é simbolizada por uma sereia negra (Figura 4).

31 Trecho da loa composta por Ryan Oliveira, integrante da Nação Encanto do Pina.

Figura 4 — Representantes dos orixás regentes da Nação e carro com a sereia



Fonte: Correia (2020a).

Em seguida, vêm mais alguns personagens que se movimentam pela avenida, sem se estabelecerem em alas com posições fixas, como os lanceiros e os chitãos, que percorrem ininterruptamente toda a Nação. Chegamos, então, a um carro que transporta o ouro para essa comunidade da qual trato nesse estudo — as Mães do Pina³², mulheres idosas cujos saberes alicerçam esse território. Elas desfilam com grande destaque para nos lembrar que preservar a memória e reverenciar as anciãs que salvaguardam a manifestação são ações imprescindíveis para a continuidade da lembrança. Na imagem de abertura desta seção (Figura 3), observamos Mãe Enézia (*in memoriam*), Mãe Maria da Quixaba (na foto, à frente, da esquerda para direita, respectivamente), Mãe Helena (*in memoriam*) e Mãe Laura (na fileira de trás, da esquerda para a direita, respectivamente).

Outra Mãe dessa comunidade foi a responsável pelo nascimento da Nação. Feito este cantado em uma das loas mais popularizadas do repertório da Nação:

Vem meu povo
Chega pra ver
Encanto do Pina
Nação pra valer
Maria de Sonia
Foi quem fundou
Encanto do Pina
De nação nagô
Meu tambor tem
A batida do coração

32 Um documentário sobre as Mães do Pina foi produzido em 2015, dirigido por Leo Falcão, com argumento e pesquisa de Mariana Bianchi. Retrata a trajetória e o legado deixado por cinco Mães de santo do Pina, Recife/PE.

Meu baque é virado
Segure o compasso da marcação (A Batida [...], 2009).³³

Responsável por trazer muitos(as) bebês a este mundo, as mãos de Maria de Sônia de Yemanjá (*in memoriam*), Mãe de Santo e parteira (Figura 6), fundaram, em 5 de março de 1980³⁴, a Nação Encanto do Pina. As cores da Nação, amarelo e azul, como podem ser observadas na figura abaixo (Figura 5), aludem aos orixás femininos que têm a água como morada: Oxum³⁵ e Yemanjá³⁶.

Figura 5 — Fachada da Nação antes da reforma



Fonte: Rocha (2015).

33 Loa *A Batida do Coração*, composta por Mestra Joana, em 2009.

34 No jornal *Diário de Pernambuco* consta, em uma matéria do ano de 1988 (Alves, 1988), a informação de que a Nação Encanto do Pina teria, na ocasião, 12 anos, o que definiria sua fundação em 1976. Em conversa informal, durante a pesquisa de campo de 2024, Mestra Joana, ao tomar conhecimento disso, diz que realmente esse ano de fundação da Nação divulgado pelo periódico pode estar correto, pois naquela época, devido às dificuldades de registro no cartório, pode ser que Dona Maria de Sônia tenha tido dificuldades para realizar esse procedimento. No entanto, como a data de 5 de março de 1980 marca a oficialização da Nação, através do registro no cartório, é então a considerada pelos integrantes da Nação.

35 O orixá Oxum habita as águas doces das cachoeiras e rios.

36 O orixá Yemanjá, rainha do mar, é a mãe de quase todos os orixás.

Figura 6 — Yalorixá Mãe Maria de Sônia de Yemanjá (em pé)



Fonte: Acervo da Nação.

O bairro do Pina, que abriga a sede da Nação, fica na região Sul de Recife, localizado próximo ao centro da cidade e com distância de, pelo menos, 5 km do Marco Zero³⁷. Local de águas fluviais e marítimas, o bairro de contrastes abriga construções comerciais e residenciais. Morando próximas à praia homônima e vizinhas ao nobre e afamado bairro de Boa Viagem, estão as pessoas com maior poder aquisitivo ou, ao menos, possuidoras de recursos financeiros suficientes para as necessidades básicas. De onde não se avista o mar, mais para dentro do bairro, residem os(as) moradores(as) dos(as) quais as políticas públicas para saneamento, habitação digna, geração de renda, lazer e esporte parecem não enxergar também. É a comunidade do Bode.

Conforme descrito por Guimarães e Lima (2018) ao falarem da origem do bairro do Pina, na ausência de terrenos para as construções das casas, as pessoas começaram a fazer aterros com a lama da maré, que tem sua consistência semelhante ao de cimento quando socada. Posteriormente, lixo, restos de construção e, até mesmo, cascas de sururu foram utilizadas para o aterro.

A sede, que passou recentemente por uma ampliação e que ainda, neste momento da escrita da pesquisa, busca por recursos para a finalização da reforma, como acabamento nas paredes, padece com a falta de infraestrutura que acomete as construções da comunidade. Há também a tentativa da prefeitura, junto a um grupo empresarial da cidade, em desapropriar parte da área onde vive a população ribeirinha para um projeto de urbanização, o que afetaria também

37 Veja Secretaria de Controle e Desenvolvimento Urbano e Obras ([2012?])

parte da sede da Nação. Das 951 moradias que ficam à beira da maré, sendo muitas delas palafitas, 600 famílias iriam para conjuntos habitacionais e as demais seriam indenizadas³⁸. Pela falta de clareza do projeto acerca da destinação de habitação para as 351 famílias que seriam apenas indenizadas, bem como a ameaça gerada ao meio de subsistência de parte dos moradores da comunidade do Bode, que vive da pesca de sururus e mariscos, a população está resistente ao projeto e cobrando diálogos com a prefeitura.

Em meu retorno à Nação, em janeiro de 2023, após dois anos de distanciamento físico por conta da pandemia da covid-19, Erivannia³⁹ foi uma das primeiras pessoas que reencontrei na sede. Partilho com ela a alegria de fazer parte da ala dos agbês encantados e, além de ser uma das coordenadoras da ala⁴⁰, a jovem mulher também é uma das arte-educadoras do projeto Encantinho do Pina. Erivannia encaminhou-se a me mostrar como estava o espaço após a reforma e, demonstrando bastante preocupação, falou-me sobre essa situação angustiante vivida pelos moradores do Bode — comunidade onde ela também tem sua moradia, a qual é partilhada com seu companheiro. Sua mãe e irmão também residem na mesma região, mas em outra casa.

O espaço que abriga a Nação Encanto do Pina, o Encantinho do Pina e o Baque Mulher Recife é uma casa de Axé, de candomblé e de Jurema Sagrada. Ele é nomeado como Ylê Axé Oxum Deym. A Yalorixá, Mãe Maria da Quixaba da Oxum — a avó Quixaba (Figura 7), foi quem o fundou em 1970. Inicialmente localizado em outro bairro recifense — Ibura —, o Ylê foi reaberto em 1988 no atual endereço, comunidade do Bode, na ocasião em que Vó Quixaba se muda para o local. Ao adentrar o espaço, o primeiro compartimento que se avista é a casa onde reside a avó. Ela gosta de se sentar em sua sala, observando atenta todas as pessoas que entram e saem. Pedir bênção à avó é um ritual indispensável e inicial, que precede toda e qualquer atividade a ser feita na sede. Sou tomada por uma sensação de acalanto, de estar sendo cuidada. “Abatá no terreiro (por)que agora, Vó Quixaba chegou”⁴¹ já anuncia a reverência necessária a ser prestada a essa senhora. Após ser abençoada por ela, é hora de me envolver em alguma tarefa. São muitas, especialmente no mês que antecede o carnaval.

38 Veja Moraes (2023).

39 Ainda que não seja participante do estudo, concedeu permissão para ser mencionada.

40 Erivannia Maria atuava na coordenação da ala dos agbês durante o campo realizado em 2023 — função que era partilhada com Duda Lopez e Leorranny Araujo.

41 *Loa Hino do Ylê Axé Oxum Deym*, de 2014, feita por Cesar Fernandes (integrante da Nação). O título original era *Casa de vovó*, mas foi alterado a partir das adaptações feitas na letra e na melodia por Mestra Joana. Abatá é o nome do toque feito para o orixá Oxum, de quem avó Quixaba é filha (Hino [...], 2014).

Figura 7 — A força maior. Vó Quixaba e as Calungas⁴²



Fonte: Guian (2024).

Cheguei no campo de pesquisa em um dia sagrado e histórico para os povos de terreiro. Toda sexta-feira é dia do orixá criador, Oxalá — o mais velho dentre os orixás —, e naquela sexta — 06 de janeiro de 2023 — foi publicada no Diário Oficial da União a Lei 14.519/2023, sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, criando o Dia Nacional das Tradições das Raízes de Matrizes Africanas e Nações do Candomblé, a ser comemorado em 21 de março (Brasil, 2023). Um passo importante para o combate à intolerância religiosa.

Era também o primeiro dia de ensaio do ano. As segundas e sextas-feiras são dias de ensaio no Encanto do Pina⁴³. Os instrumentos pertencentes à Nação, agora após a reforma, ficam no quarto e último piso da sede. Nos momentos que antecedem a hora do baque começar, há um sobe e desce de batuqueiras e batuqueiros pelas escadas, que sobem para pegar os instrumentos, afinar os que assim necessitarem e descem para levá-los à rua, onde os ensaios das sextas-feiras acontecem. Com o meu agbê nas mãos, encontro com a Maria Clara. Filha do atual contramestre da Nação, Ogan Dayvison Guian, e de uma das coordenadoras da ala dos agbês, Duda Lopez, a menina é rainha na corte mirim do Encantinho do Pina e, assim como o irmão mais novo, Davi⁴⁴, já toca vários instrumentos no maracatu. Quando a vi pela última vez,

⁴² Veja mais sobre as calungas na seção 3.4.

⁴³ No ano de 2024, além dos dias mencionados, os ensaios aconteceram também aos sábados.

⁴⁴ Dayvison e Duda não são narradores desta pesquisa, mas permitiram que seus nomes fossem mencionados, bem como os de seus filhos, Maria Clara e Davi.

em 2020, Maria Clara tinha apenas cinco anos. “Tia, eu sei quem é você. É aquela moça que tem cabelo grande e toca bonito!” (Silva, 2023).

A partir desse dia, os encontros com Maria Clara foram sempre iniciados com um caloroso abraço que ela corria para me dar ao me ver. Ela me adotou como a adulta responsável por ela em viagens de ônibus para apresentações da Nação (Figuras 8 e 9).

Figura 8 — Maria Clara e eu, dentro do ônibus, a caminho de uma apresentação



Fonte: Autoria própria.

Figura 9 — Na companhia de outros batuqueiros, durante a Noite dos Tambores Silenciosos (no primeiro plano, eu com agbê, Mãe Andréia com mineiro e Ogan Deivson Santana com alfaia)



Fonte: Correia (2020b).

Coroando a força coletiva no retorno ao concurso das agremiações, depois de dois anos sem desfile, mas com muito trabalho e lutando diariamente para que as vidas pretas da favela fossem preservadas durante a crise sanitária, quando a ausência do Estado assolou ainda

mais as vidas das pessoas que já estavam desassistidas, a Nação Encanto do Pina sagrou-se vitoriosa no carnaval de 2023. É o primeiro campeonato vencido por uma Nação que tem uma mulher como Mestra e que integra o Grupo Especial. Muito temos a comemorar. É festa no mangue, é festa na favela do Bode, é festa na família Encanto. Embora seja possível encontrar na Nação muitas pessoas consanguíneas, a exemplo da família alicerce da Nação, que tem avó Quixaba como fundadora do Ylê e todas as gerações que dela descendem atuantes no espaço⁴⁵, falo de família com um sentido expandido, daquela que conjuga e acolhe os não consanguíneos e que, aproximados pelo território no qual se inserem, pela cor da pele, pelas batalhas da vida e pelo amor à Nação, se reconhecem e juntos permanecem para fazer maracatu e construir coletivamente sentidos para a vida. “O sentido de família é mais amplo do que no núcleo burguês de classe média”, de acordo com Moraes (2020, p. 70) ao falar do acolhimento nas comunidades. Portanto, a família Encanto do Pina lavou a alma com esse título.

É nesse território educativo do terreiro de candomblé que sedia a Nação, repleto de laços familiares e de sabedoria de mulheres anciãs, para onde meu pensamento desloca-se e procura tecer com os saberes e fazeres deste legado ancestral que se presentifica no maracatu, revitaliza memórias coletivas e atualiza práticas que foram relegadas à margem pela epistemologia eurocêntrica.

Da força feminina que fornece sustentação para a continuidade da Nação, novas reivindicações surgiram, como numa ala essencial para o maracatu — ala das baianas. Foi no agrupamento de mulheres que, no giro da saia de armação colocam o mundo para dançar, Yansã⁴⁶ girou e na companhia de Obá, que conduz batalhões⁴⁷, soprou bem forte nos ouvidos de Mestra Joana uma demanda. Surgiu o Baque Mulher.

2.2 Elas vêm por todas nós: Ala das baianas e o Baque Mulher

As mulheres da minha Nação
São guerreiras, batuqueiras,
Baianas e Yalorixás,
Conhecem a fundo
O segredo do mundo
Com o brilho da Oxum,
A coragem de Oyá
A dama do paço
Carrega a calunga
Mãe Yemanjá

45 Avó Quixaba gerou Pai Marcelo (Babalorixá do Ylê Axé Oxum Deym), que teve Mestra Joana durante o relacionamento com Yabassé Carminha da Oxum. Mestra Joana deu à luz Jhayanna (*in memoriam*, era agbezeira na Nação), Jhadyel (Ogan e batuqueiro da Nação) e Jhadyanna (batuqueira mirim na Nação).

46 Orixá dos ventos, tempestades e que tem controle sobre os eguns.

47 Orixá guerreira, das águas revoltas dos rios.

Vem nos abençoar (As mulheres [...], 2008)⁴⁸.

Há algum tempo, no maracatu, há registros da presença feminina. Como dito anteriormente, a própria Nação Encanto do Pina — campo deste estudo — foi fundada por uma mulher. Fosse ocupando postos nos bastidores, em diversas funções essenciais para a garantia da saída do maracatu para as ruas, por exemplo, costura das fantasias e preparo de alimentos para os desfilantes, até em postos de maior visibilidade, como dirigentes, como noticiado no *Diário de Pernambuco* (D'Oliveira, 1987, p. 29): “Há 18 anos Luzinete⁴⁹ está à frente do maracatu Almirante do Forte, criado há 59 anos pelo seu pai, Antônio José da Silva. ‘A luta é árdua — diz ela, mas o Maracatu nunca deixou de sair nestes anos todos’”.

Oliveira (2011) coloca em foco as relações de gênero nas Nações pernambucanas de maracatu, debruçando-se sobre os papéis sociais que ocupam na manifestação e as noções de corporeidade, sinalizando para como se constituem as subjetividades de mulheres e homens.

Ao apresentar-se durante o carnaval, a Nação traz também uma ala composta exclusivamente por mulheres, a ala das baianas⁵⁰. As do primeiro grupo vestem branco, seguidas pelas baianas que vestem amarelo e azul. Representando a sabedoria acerca da complexidade das culturas de terreiro, a força feminina que delas emana é propagada no ambiente festivo da passarela, por meio dos muitos giros que realizam durante os 40 minutos de desfile.

No entanto, a visibilidade dada às mulheres ainda é insuficiente, se comparada às suas atuações essenciais no maracatu. Inclusive, alguns postos eram negados a elas até pouco tempo atrás. Vimos que é mais recente que duas décadas a ocupação feminina do posto de regente do baque percussivo nas Nações de maracatu. A permissão às mulheres para tocar maracatu, compondo a ala percussiva, também não é tão antiga, tal como Mestra Joana ao falar de sua participação no maracatu e no candomblé desde seu nascimento, destacando que sua atuação, bem como de outras meninas e mulheres, restringia-se à dança:

Porque... tocar (sendo) mulher... (faz um gesto negativo com a cabeça). E também nem despertava a vontade de tocar, pois já existia a proibição, saber que era algo... não despertava. É... só dentro do candomblé também que dava aquela vontade de tocar os ilus, enfim, mas por não poder... é isso (Cavalcante, 2023).

48 Loa composta pela Yabá Tenily Guian em 2008.

49 Luzinete Josefa da Silva.

50 Baianas de branco, baianas de amarelo e baianas de azul são todas mulheres. Já a ala das baianas ricas é formada por homens que desejem compor esse personagem.

O impedimento da participação de mulheres tocando os instrumentos gerou descontentamento na Mestra, o que a motivou a criar, ainda bem jovem, um grupo que reunia mulheres:

Eu já desenvolvi aqui no Pina um outro projeto que era só de mulheres que era percussão, que era ‘Filhas de Oxum Opará’, que reunia as meninas pra gente brincar de tocar instrumentos, que não tinha denominação de maracatu, por mulher não poder tocar maracatu, né? Então a gente tocava tudo, Filhas de Oxum Opará, mas só na brincadeira mesmo (Cavalcante, 2023).

Quando a elas foi permitido tocar maracatu, as mulheres deveriam disfarçar-se de homens, de acordo com o estereótipo presente no imaginário popular: teriam de vestir calças e prender os cabelos, caso os tivessem compridos. Elas também não poderiam escolher os instrumentos que desejassem tocar, deveriam ser apenas os que constavam na lista permitida. Insatisfeita com esse cerceamento da liberdade da mulher no maracatu, Mestra Joana idealiza e funda um grupo para que as meninas e mulheres da favela do Bode, sobretudo as integrantes da Nação Encanto do Pina e da Nação Porto Rico, pudessem se reunir e tocar os instrumentos que assim desejassem. Dessa forma, nasce o Baque Mulher.

Inicialmente chamado de Grupo Baque Mulher, na época de sua fundação, ano de 2008, o coletivo se reunia na área central de Recife e estimulava as meninas e mulheres a ocuparem espaços no maracatu e, também, proporcionava lazer a elas, visto que eram escassas as possibilidades de diversão aos finais de semana no Bode. Ir ao Recife Antigo de ônibus, tocar maracatu e estar imersa na agitação do centro que pulsava cultura eram passeios que alegravam o domingo das batuqueiras. A opção da Mestra Joana em realizar esses encontros fora da comunidade foi também com o objetivo de evitar os olhares masculinos de reprovação que poderiam surgir ali.⁵¹ Nessas reuniões, a condição de violência de gênero e discriminação racial a qual essas mulheres, majoritariamente pretas e pobres, estavam submetidas em suas comunidades começou a ser pauta, já que as integrantes traziam relatos vividos por elas das variadas maneiras que nossa sociedade, alicerçada em parâmetros racistas, classistas e patriarcais, utiliza para oprimi-las. O coletivo foi, então, tomando proporções maiores e passou a se chamar Feministas do Baque Virado, posteriormente renomeado para Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher.

O Movimento passou a atrair a atenção de mulheres de fora da capital pernambucana, que, ao longo das semanas que antecederiam o carnaval, ensaiavam junto às

⁵¹ É possível ler mais sobre a contrariedade causada nos homens da comunidade pelo protagonismo da Mestra na seção 3.2.

Nações localizadas no Pina. Foi o que aconteceu comigo, em 2012. Nesse meu primeiro ano em Recife, comecei a participar dos ensaios com as mulheres, principalmente recifenses, mas também as que, como eu, tinham a possibilidade de viajarem e estarem frente a frente a essa célula embrionária de combate ao machismo na manifestação cultural e de combate ao racismo na sociedade. Afinal, um movimento de mulheres que não se propõe a tratar da questão racial, não pode ser inclusivo, visto a desvantagem histórica a que mulheres negras estão submetidas em relação às mulheres brancas por terem fatores de exclusão que se sobrepõem e pesam sobre elas. O racismo estruturado e estruturante na nossa sociedade constitui-se como pauta indispensável em um movimento feminista. Explica-nos Lugones (2020, p. 74-75) que

A luta das feministas brancas e da ‘segunda liberação da mulher’ nos anos 1970 em diante passou a ser uma luta contra as posições, os papéis, os estereótipos, traços e desejos impostos na subordinação das mulheres burguesas brancas. Elas não se ocuparam da opressão de gênero de mais ninguém. Conceberam ‘a mulher’ como um ser corpóreo e evidentemente branco, mas sem explicitar essa qualificação racial. Ou seja, não entenderam a si mesmas em termos interseccionais, na intersecção de raça, gênero e outras potentes marcas de sujeição ou dominação.

Nas palavras de Gonzalez (2020, p. 102):

[...] o movimento feminista ou de mulheres, que tem suas raízes nos setores mais avançados da classe média branca, geralmente ‘se esquece’ da questão racial, como já dissemos anteriormente. E esse tipo de ato falho, a nosso ver, tem raízes históricas e culturais profundas.

A mesma autora apresenta um panorama da situação de pessoas negras em nosso país, expondo, especialmente, a condição da mulher negra:

Quanto à mulher negra, que se pense em sua falta de perspectivas quanto à possibilidade de novas alternativas. Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão. Enquanto seu homem é objeto de perseguição, repressão e violência policiais (para o *cidadão* negro brasileiro, desemprego é sinônimo de vadiagem; é assim que pensa e age a polícia brasileira), ela se volta para a prestação de serviços domésticos junto às famílias das classes média e alta da formação da sociedade brasileira. Enquanto empregada doméstica, ela sofre um processo de reforço quanto à internalização da diferença, da subordinação e da ‘inferioridade’ que lhe seriam peculiares. Tudo isso acrescido pelo problema da dupla jornada que ela, mais do que ninguém, tem de enfrentar. Antes de ir para o trabalho, tem que buscar água na bica comum da favela, preparar o mínimo de alimentação para os familiares, lavar, passar e distribuir as tarefas dos filhos mais velhos com os cuidados dos mais novos (as meninas, de um modo geral, encarregam-se da casa e do cuidado dos irmãos mais novos). Após ‘adiantar’ os serviços caseiros, dirige-se à casa da patroa, onde permanece durante todo o dia. E isso sem contar quando tem de acordar mais cedo (três ou quatro horas da ‘manhã’) para enfrentar as filas dos postos de assistência médica pública, para tratar de algum filho doente; ou então, quando tem de ir às ‘reuniões de pais’ nas escolas públicas, a fim de ouvir as queixas das professoras quanto aos problemas ‘psicológicos’ de seus filhos, que apresentam um

comportamento ‘desajustado’ que os torna ‘dispersivos’ ou incapazes de ‘bom rendimento escolar’ (Gonzales, 2020, p. 58-59).

Esse cotidiano de percalços gerado pelo sistema opressor e descrito pela autora aplica-se à boa parte das mulheres recifenses integrantes do Baque Mulher. Pesa sobre elas, ainda, outros fatores de exclusão que se sobrepõem, como os de serem candomblecistas e nordestinas. Lugones analisa a subalternização das mulheres por meio de uma combinação de fatores de opressão e apresenta uma possibilidade de movimento que vise suplantá-la. Ela nos diz que: “Eu chamo a análise dessa opressão racializada, capitalista e de gênero de ‘colonialidade dos gêneros’; a possibilidade de superar a colonialidade dos gêneros é o ‘feminismo decolonial’” (Lugones, 2019, p. 363).

Retornando, nestas linhas, a Campinas — minha cidade natal e de moradia —, eis que um convite chega até mim e às demais mulheres do grupo misto de maracatu, o Maracatucá. Estávamos sendo convidadas a oferecer uma oficina de baque percussivo e realizar uma apresentação durante um ciclo de eventos organizados pelas e para as mulheres do Grupo Urucungos, Puítas e Quijengues. Então, surgiu a ideia de apresentarmos as loas do Baque Mulher e, também, a figura de Mestra Joana enquanto liderança que despontava no movimento feminista, já que seria um evento destinado ao mês das mulheres. Gloria⁵², regente do grupo misto em Campinas, tinha bastante facilidade para ensinar as loas e, de maneira descompromissada, já partilhava comigo e com as demais do Maracatucá as loas do Baque Mulher que aprendera há alguns anos de ida à capital de Pernambuco. Fui, então, fazer contato com Mestra Joana para pedir seu aval. A oficina e a apresentação no Grupo Urucungos ocorreram no dia 29 de março de 2014 e suscitou o interesse de muitas mulheres, bem como o desejo de continuar aprendendo essas loas. Com a permissão concedida pela Mestra, fundamos então, em Campinas, a primeira filial de Baque Mulher.

A cada ano que passava, aumentava o interesse de mulheres de várias localidades que iam a Recife durante o período carnavalesco, vivenciavam a participação no Baque Mulher e desejavam propagar em suas cidades esse jeito batucado de lutar pelo espaço feminino na sociedade. Desse modo, outras filiais foram se espalhando em vários estados brasileiros e, até mesmo, fora do país. São atualmente 36 filiais⁵³ que comungam dos mesmos princípios, seguindo o mesmo regimento⁵⁴ da matriz em Recife. Compreendem alguns dos pontos

52 Gloria Cunha, integrante do Maracatucá e a primeira do nosso grupo a ir para Recife com o intuito de aprender maracatu no local de origem.

53 Dados sobre as filiais no site Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher. Ver referências.

54 O regimento interno do Baque Mulher teve sua última atualização em 24 abr. de 2020 e é disponibilizado pelas coordenadoras locais a todas as novas integrantes.

estabelecidos no regimento: a promoção de rodas de diálogo, além dos encontros para tocar, de modo que as integrantes possam compartilhar os problemas vivenciados, bem como pensar coletivamente em estratégias para a superação deles, a fim de aprofundar em temas que tangem à condição das minorias na sociedade. Também há a discussão sobre o uso obrigatório de saia ao longo das apresentações, uma vez que essa vestimenta representa simbolicamente o enfrentamento da proibição, no passado, de mulheres tocarem maracatu, tendo esse espaço negado ou sendo permitido somente através do “disfarce” de homem.

De forma a reunir as integrantes que se espalham pelo país, além do período do carnaval, e proporcionar mais oportunidades de interações, nas quais as mesas com convidadas especiais e oficinas de baque têm espaço privilegiado na programação, é que se realiza, anualmente, o Encontro Nacional do Baque Mulher⁵⁵. As cidades-sede alternam-se entre Recife e Sorocaba, no interior paulista, acolhendo as batuqueiras que buscam o fortalecimento individual e coletivo, por meio da reafirmação de lutas e empatia pelas companheiras.

Leis de proteção à mulher, telefones de serviços públicos que prestam atendimento à mulher vítima de violência, aclamação de mulheres que protagonizam lutas em prol de todas, como a própria Mestra Joana e Marielle Franco⁵⁶, saudação aos orixás femininos, principalmente Yansã e Obá, regentes do Baque Mulher representadas, respectivamente, com as cores rosa e laranja, entre outros, tematizam as loas entoadas por Mestra Joana, cujo coro cada vez maior é respondido pelas guerreiras de fé⁵⁷.

Alguns homens da comunidade, integrantes da Nação Encanto do Pina, auxiliam na organização do Baque Mulher. Eles são os apoios, visto que preparam os equipamentos de som, auxiliam na afinação nas alfaías e fazem, durante o desfile oficial (na sexta-feira de carnaval), o cordão de isolamento, já que são muitos turistas que acompanham esse momento pelas ruas do Recife Antigo⁵⁸. Trazer também os homens para perto, aceitando a colaboração que podem ofertar, não retira das mulheres o protagonismo frente à condução do Movimento e ainda se constitui como uma possibilidade para que eles reflitam sobre o privilégio que têm, atentando-se para o machismo que podem estar reproduzindo no cotidiano, mesmo que não queiram ou

55 Em outubro de 2023 aconteceu a 6ª edição do evento, em Recife.

56 Marielle Franco era socióloga e mestra em Administração Pública. Foi eleita vereadora na cidade do Rio de Janeiro, pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL). Durante o exercício do mandato, no ano de 2018, sofreu um atentado que tirou sua vida e, também, matou o motorista Anderson Pedro Gomes. Somente seis anos depois, em março de 2024, três suspeitos de terem planejado e ordenado a execução do crime foram presos, por determinação do ministro do Supremo Tribunal Federal, Alexandre de Moraes. Dados adicionais podem ser consultados pelo site Instituto Marielle Franco. Ver referências.

57 “Guerreiras de fé” é expressão habitual entre as integrantes do coletivo.

58 Bairro de Recife, local onde a diversidade de expressões culturais da cidade se manifesta durante o ciclo carnavalesco.

não tenham clareza disso. Muitos deles, assim como a maioria das mulheres da favela, são negros. Lugones (2020) apresenta em seus estudos a inquietação sobre a indiferença masculina de homens, que também são vítimas de dominação racial, diante das violências sofridas pelas mulheres negras. A teórica alerta para a inadiável necessidade de converter a apatia em reconhecimento, a fim de eliminar as barreiras nas lutas libertadoras.

Chegando ao campo em janeiro de 2024, pude acompanhar o primeiro ensaio do ano. Nesse dia, eu era a única integrante do coletivo vinda de outra cidade, já que as demais costumam chegar em Recife mais próximo ao carnaval. “Bora, batuqueiras”, diz a Mestra ao microfone, após o apito inicial. Posicionamo-nos de frente para a nossa regente, de acordo com o instrumento que tocamos: na frente ficam as agbezeiras e as que tocam mineiro, seguidas pelas batuqueiras de alfaia. Logo após, há as caixeiras e a percussionista do timbal e, por fim, mais uma fileira de batuqueiras de alfaia. No decorrer do desfile oficial, são muitas as fileiras de batuqueiras. São centenas de mulheres que, vestindo rosa e laranja, erguem a voz, dançam e tocam, disseminando a semente plantada por Mestra Joana em prol do empoderamento feminino.

Há crianças, adolescentes, adultas e idosas. O Baque Mulher é intergeracional. Há aquelas com condições financeiras suficientes para facilitarem a participação daquelas que não podem pagar por seus figurinos, adereços e instrumentos, mas há, principalmente, as que estão desprovidas de recursos, às margens do sistema que cria a miséria. O Baque Mulher é acolhimento às mais pobres. Há integrantes de todas as etnias, mas, especialmente, é composto por mulheres negras. O Baque Mulher, além de inclusivo, tem em sua liderança a potência de um corpo feminino negro que abre caminhos para as suas iguais e para as demais. Por essa trilha foi que eu cheguei. Eu, que trago em minhas raízes a ascendência afro e indígena, só posso alegrar-me com a direção apontada pela Mestra e partilhar a vivência com essas pessoas, fortalecendo junto a elas nossa luta feminista, sobretudo, a luta feminista negra, já que “[...] o feminismo negro possui sua diferença específica em face do ocidental: a solidariedade, fundada numa experiência histórica comum” (Gonzalez, 2020, p. 103). A essa solidariedade entre mulheres, a Mestra nomeia “irmandade”:

Como eu sou do terreiro, do candomblé, eu levo uma palavra mais tradicional que é *irmandade*... Nós somos irmãs. Irmãs se olham no olho, irmãs se ajudam, se acolhem... É isso que pregamos dentro do Baque Mulher, e assim passamos força uma para as outras (Cavalcante, 2023, p. 52, grifo próprio)⁵⁹.

59 Entrevista concedida à revista *Continente Multicultural* (Maia, 2023).

Finalizado o ensaio, é hora de deixar registrado o encontro, para que sirva de inspiração e direcionamento para outras e muitas mulheres (Figura 10).

Figura 10 — Ensaio do Baque Mulher na favela do Bode



Fonte: Acervo da Nação.

Batuqueiras que promovem o trânsito de saberes entre as comunidades de origem da manifestação e a academia. Assim são Anselmo (2020), que buscou compreender como a participação no Baque Mulher, matriz e filial de Ribeirão Preto, favorece a luta pela equidade de gênero na sociedade e fortalece mulheres na busca por representações sociais femininas, e Araújo (2020), que traz em sua dissertação a constituição de identidades de mulheres batuqueiras e como a música do maracatu Nação as permite ressignificarem suas trajetórias, colocando-as em movimentos contra formas de opressão.

A fundadora do Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher reflete sobre o alcance das ações promovidas pelo coletivo e tem partilhado sua trajetória nas cidades filiais, como quando esteve no Baque Mulher Campinas, no aniversário de 10 anos da filial — evento ocorrido em abril de 2024 —, que contou com mesa de abertura, oficinas, apresentações de grupos culturais da cidade e o grande momento: apresentação da filial campineira sob a regência da Mestre (Figura 11).

Figura 11 — Mestra Joana na regência do Baque Mulher Campinas



Fonte: Ribeiro (2024).

Pela ótica da Mestra, o resultado advindo da atuação do Movimento em prol da causa feminista, embora seja conseguido a muito custo, apresenta um saldo positivo:

[...] quando eu vejo uma jovem que busca, sem ter que entrar na prostituição, quando eu vejo uma mulher, né, dizendo que não, que não vai apanhar porque, né, não nasceu pra apanhar de homem, enfim... são várias, várias pautas, são vários resultados positivos também que faz a gente continuar, mas repito: não é fácil. É uma luta constante por sobrevivência, é uma luta constante por essa, esse alimento pra continuar lutando, que na comunidade é duas vezes mais difícil, ‘o buraco é mais embaixo’ — como diz minha vó (Cavalcante, 2023).

No rodopio de nossas saias, nós, baianas e batuqueiras, promovemos deslocamentos e colocamos em movimento uma estrutura pensada para nos conformar em posições subalternizadas, acreditando que “estamos nos movendo em um tempo de encruzilhadas, de enxergarmos umas às outras na diferença colonial construindo o novo sujeito de uma nova geopolítica feminista de saber e amar” (Lugones, 2019, p. 374).

3 AALA DOS CHITÃOS, DOS LANCEIROS, DOS CABOCLOS E OS CRUZAMENTOS ENTRE MARACATU E EDUCAÇÃO: AS LIDERANÇAS NA NAÇÃO ENCANTO DO PINA

A educação, que existe difusa em todos os mundos sociais (Brandão, 2004), não é exclusividade dos espaços formais de ensino e aprendizagem — as escolas. Processos educacionais formativos, nos quais são comunicados saberes, valores e costumes, transcorrem também nos ambientes das práticas culturais.

Compreendemos como educação o vasto campo da formação humana que abarca, especialmente no âmbito da vida social, as relações humanas em fluxos, atravessamentos, memórias e processos de afetamentos, ensinamentos e aprendizagens. Logo, não se restringe e não se reduz ao âmbito escolar e suas regulações, tida também como de suma importância (Lima, 2021a, p. 5).

Sendo diversa a noção de educação, contemplando uma pluralidade de óticas de entendimento de si, do outro e das formas de estar no mundo, valho-me da ideia de cruzamentos, ou ainda encruzilhadas, buscando credibilizar os conhecimentos que chegaram a partir da travessia do Atlântico e aqui foram reeditados. Miro o alinhavo entre a prática negro-africana em diáspora do maracatu e as trajetórias de vida das pessoas participantes da pesquisa que revelam processos formativos assentados em perspectivas outras, as quais alargam as concepções balizadas no monoculturalismo ocidental gestadas no colonialismo e perpetuadas até a atualidade. “A encruzilhada nos possibilita uma crítica à linearidade histórica e às obsessões positivistas do modelo de racionalidade ocidental, atravessá-la é considerar os caminhos enquanto possibilidades” (Rufino, 2019, p. 31).

O dinamismo, o movimento permanente, as variadas possibilidades de conexões. Um estar aqui e, num piscar de olhos, também acolá, criando e costurando, conjugando e expandindo, extrapolando os limites colocados pelas dicotomias. Na passarela do carnaval, vestidas com roupas coloridas, estampadas de flores e folhas, e carregando cesto de flores (Figura 12), a ala dos chitãos⁶⁰ desloca-se dançando por todo o cortejo, assim como faz a ala dos lanceiros. Como se fossem soldados em defesa da manifestação, os lanceiros vestem-se com trajes que simulam armaduras e empunham lanças, percorrendo toda a Nação, bem como a ala dos caboclos⁶¹, representantes dos indígenas, denotando a relação do candomblé com a Jurema Sagrada. Esses últimos personagens usam um grande cocar com penas e plumas na

60 Chitão ou chita é um tipo de tecido leve e 100% de algodão, com cores alegres.

61 Também chamados de índios, reiamar, reamar, arreamar ou arreamá.

cabeça e trazem arco e flecha nas mãos. Essas três alas — chitãos, lanceiros e caboclos — não têm lugares fixos na estrutura do maracatu. Cruzam as demais alas, levando para toda a Nação a ideia de transitoriedade. As vestes leves e simples — no caso dos chitãos —, diversamente destoam da complexidade do maracatu, ofertando aos espectadores possibilidades de outros olhares.

Figura 12 — Ala dos chitãos passando pelo baque percussivo



Fonte: Correia (2020a).

Pensar em processos formativos na Nação do Maracatu Encanto do Pina não se restringe a crianças, mas inclui refletir sobre a presença delas.

A herança hegemônica reserva às crianças um espaço menor na nossa sociedade, concebendo-as como incompletas e pouco ou nada confiáveis, com base em uma relação expressa de *adultocentrismo*, na qual a pessoa adulta, esta sim dotada de credibilidade, apresenta-se como o modelo a ser alcançado pelas crianças. Dessa forma, os pequenos precisam ser trabalhados em seu inacabamento para atingirem as etapas posteriores de suas vidas (Faria; Macedo; Santos, 2013). Ainda que a sociedade global estipule um lugar subalternizado na estrutura social para a criança, enquanto categoria, há que se levar em conta a ideia de “infâncias” (no plural) e os acometimentos, em maior ou menor grau, dos impactos da colonialidade sofridos por elas, a depender dos marcadores sociais a que estão sujeitas. Se são pobres, negras e estão imersas em culturas e conhecimentos afrodiaspóricos, como o maracatu — também tidos como inferiores —, as categorias de opressão se sobrepõem, afetando as crianças. Portanto, pensar esses cruzamentos mostra-se de vital importância para compreender como, no cotidiano

vivido na Nação, os processos educativos vão desestabilizando as lógicas coloniais que ainda perduram na sociedade atual.

Como apresentam Lima e Lima (2022, p. 191):

O conceito de colonialidade refere-se a uma lógica (desumana) constitutiva da matriz mundial de poder capitalista, um legado do colonialismo. Toma a noção de raça como pedra angular, categoria mental da modernidade, decodificando as diferenças numa classificação racial/étnica e hierárquica da população do mundo.

Com o intuito de imaginar a criança como produtora de sua infância, atuante em seu processo de socialização, desponta-se no campo teórico da sociologia no Brasil, na década de 90, a sociologia da infância, para a qual os recortes étnico-racial, de classe social, de gênero e de religião necessitam ser considerados ao pensar na criança e na infância como construções sociais, sob pena de manutenção das teorias colonialistas e genéricas. A perspectiva da diferença, compreendendo a heterogeneidade de crianças e infâncias, é abordada por Abramowicz e Oliveira (2012, p. 52): “Consideramos criança e infância a partir daquilo que as diferencia. Isso quer dizer que, nos processos e práticas sociais que incidem e constituem as crianças, desde o início, há o recorte de gênero/sexualidade, etnia, raça e classe social produzindo diferenças”.

Faz-se importante destacar que a exigência epistemológica de se incluir interseccionalmente os aportes descritos acima ocorre na sociologia da infância brasileira, visto que o país apresenta especificidades diferentes das realidades encontradas em países europeus ou norte-americanos (Abramowicz; Oliveira, 2012).

As referidas autoras trazem, ainda, um conjunto de produções que discutem a socialização da criança negra nos espaços oficiais de educação da primeira infância, a educação infantil. Tais pesquisas são reveladoras da discriminação racial que permeia as práticas educativas, seja pelo fato da falta de abordagem dessa temática, tornando-a invisibilizada, ou pelo tratamento dispensado às crianças negras pelas(os) educadoras(es) que, muitas vezes, ao não perceber as evidências do preconceito, reforçam estereótipos.

Se por um lado as crianças participantes da Nação Encanto do Pina podem ter sua condição racial negada nas creches, nos espaços de educação infantil e nas escolas de ensino fundamental que frequentam, por outro lado, elas têm a possibilidade de construir repertório para enfrentar o preconceito vigente na sociedade na qual a escola se insere. As lideranças da Nação, participantes dessa pesquisa, trazem em suas narrativas mostras de como as crianças que frequentam o espaço têm a oportunidade de construir visões positivas de si.

Os combates aos preconceitos étnico-racial, territorial, religioso e de gênero são desafios diários para a Nação Encanto do Pina e seus integrantes, que, independentemente de

suas idades, sentem os marcadores da desigualdade que os oprimem. A colonização engendrou no seio da sociedade tais mazelas sociais de injustiças que a colonialidade vem sustentando, pois a “[...] colonialidade pode ser compreendida como uma lógica global de desumanização que é capaz de existir até mesmo na ausência de colônias formais” (Maldonado-Torres, 2018, p. 41). Nas palavras de Maduro (1994, p. 20):

Quando uma cultura, uma nação ou um grupo humano se sentem donos da verdade, sobretudo se têm o poder militar para se impor, surge ali um grande perigo para o resto da humanidade: o perigo de que aqueles que compartilham essa forma de conhecer, arrogantes e armados, infiram medo, sofrimento e morte àqueles que têm outras formas de ver e viver a vida.

No entanto, a resistência às opressões não é o único modo de agir para a afirmação das vozes relegadas às margens da sociedade. Nem somente de dor e sofrimento estão preenchidas as lutas, mas também de alegria e prazer por parte de quem habita a vida com voracidade, na intenção de continuar valorizando o legado ancestral de saberes.

O projeto colonial compreende-se como um projeto de mortandade, calçado na produção do desvio existencial e da aniquilação de saberes. O colonialismo codificou a credibilidade e a edificação do ocidente europeu a partir da pilhagem de corpos negro-africanos e ameríndios. Esse massacre corresponde à ausência e a descredibilidade incutida às populações não-brancas. Porém, a continuidade da vida enquanto possibilidade – resiliência e transgressão – é produzida pelas populações que foram subordinadas a esse regime a partir das vias do encanto. Assim, emerge a dimensão do culto à ancestralidade, à metafísica e às tecnologias macumbísticas que forjam um arsenal de ações descoloniais que vitalizaram/vitalizam as formas de intervenção e continuidade nas frestas (Rufino, 2019, p. 68).

Simas e Rufino (2020, p. 6) falam da produção da descartabilidade dos seres gestada na colonização e vigente até hoje, as “sobras viventes”, e como esses seres elaboram estratégias para atuarem nas árduas batalhas pelo encantamento do mundo:

Algumas ‘sobras viventes’ conseguem virar sobreviventes. Outras, nem isso. Os sobreviventes podem virar ‘superviventes’: aqueles capazes de driblar a condição de exclusão, deixar de ser apenas reativos ao outro e ir além, afirmando a vida como uma política de construção de conexões entre ser e mundo, humano e natureza, corporeidade e espiritualidade, ancestralidade e futuro, temporalidade e permanência.

Há uma força criadora e realizadora que faz com que as pessoas que integrem essa Nação, conscientes do valor de seus saberes, movimentem as estruturas, por intermédio de iniciativas que visem o enaltecimento dos conhecimentos produzidos por esse coletivo. É o caso do projeto socioeducativo Encantinho do Pina (Figura 13), que desde 2013 configura-se como um espaço de acolhimento às crianças e aos adolescentes da comunidade do Bode e adjacências.

Através do grupo, os jovens têm a oportunidade de entrar em contato com as contribuições histórico-culturais do povo negro, como a capoeira, as danças afro-brasileiras e o próprio maracatu. Também recebem reforço escolar e participam de atividades lúdico-pedagógicas (Figura 14) que enfocam os direitos da infância, saúde, direitos humanos e proteção ao meio ambiente, no contraturno escolar. Alguns desses momentos podem ser visualizados nas imagens a seguir:

Figura 13 — Roda de conversa no Encantinho do Pina



Fonte: Projeto Encantinho do Pina (2021b).

Figura 14 — Atividade socioeducativa no Encantinho do Pina



Fonte: Projeto Encantinho do Pina (2021a).

As oficinas e o ensaio do baque do Encantinho acontecem nas tardes de sábado. Os instrumentos, improvisados pelas próprias crianças antes da fundação do Encantinho — conforme narrado no início deste texto —, agora são reais e percutidos com excelência pela maioria delas. Muitas dessas crianças, antes mesmo de aprenderem a gramática normativa nas escolas formais, aprendem a gramática dos tambores, integrando, desse modo, arte, vida e

saberes afrodiaspóricos que emergem no cotidiano das comunidades de terreiro. Essa forma de pensar, de maneira integrada, cultura e educação, corpo e mente, ensejando a promoção de experiências pluriversais, muito tem a contribuir com a instância oficial de educação, a escola, que há 21 anos promulgou a Lei 10.639/2003 (Brasil, 2003), tornando obrigatório o ensino de história afro-brasileira e africana nas escolas públicas e privadas da educação básica.

Durante o carnaval, há um momento exclusivo de apresentação das crianças que são do maracatu, os Tambores Silenciosos Mirins, no Pátio do Terço, com direito à rainha (a menina Maria Clara, referida anteriormente), rei, dama do paço, batuqueiras e batuqueiros. No desfile oficial das agremiações, que acontece um dia antes dos Tambores Silenciosos, as crianças do Encantinho se apresentam junto aos adultos.

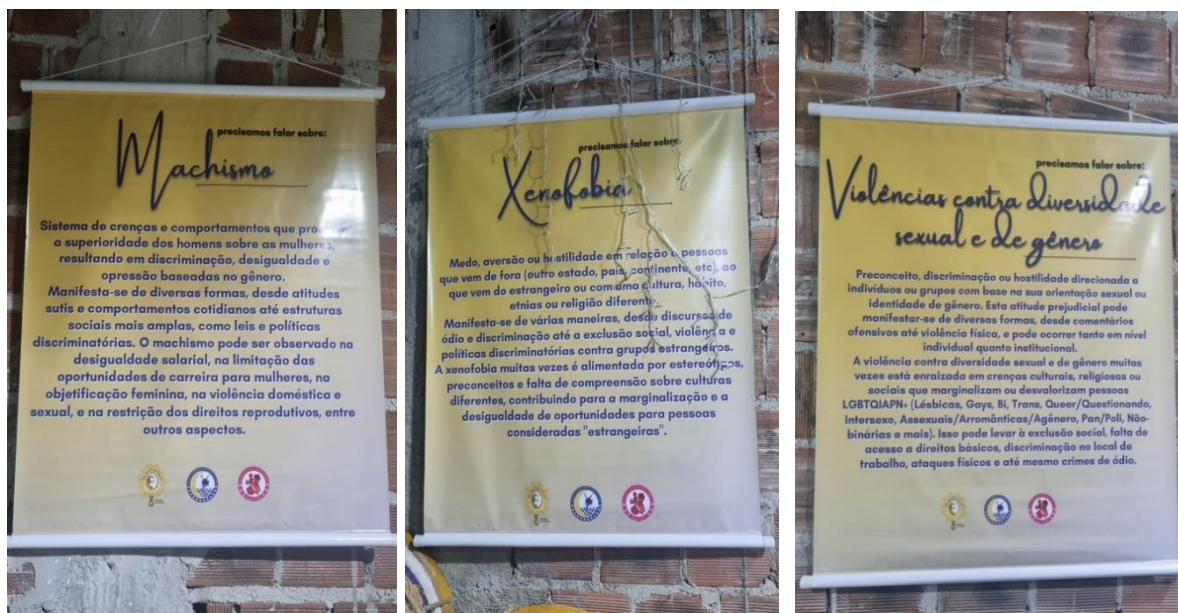
Além dos momentos nos quais as crianças estão reunidas para as atividades educativas no Encantinho, sob a orientação de um ou mais educadores, há uma circulação constante delas pela sede em diversos períodos de janeiro — mês de férias escolares. É comum vê-las brincando com pares, batucando de forma descompromissada nos instrumentos, ensinando os toques a outros — inclusive para adultos —, sentadas em algum canto da sede assistindo a vídeos pelos celulares de seus pais, ajudando na confecção de algum adereço, participando dos ensaios e das reuniões ou chegando no horário das refeições para se alimentar. Mesmo a Nação enfrentando dificuldades financeiras, tendo que fazer muito com a pouca verba recebida de subvenção pelos órgãos oficiais para a realização do carnaval, sempre há alimentos para oferecer a todas as pessoas que chegam, denotando a cultura ancestral da partilha e da coletividade — própria das comunidades tradicionais de terreiro. Há alimentos para o corpo, há alimentos para a perpetuação das epistemes afro-brasileiras, fundamentadas por princípios de comunhão e coletividade. “Possibilidades de vida são gestadas como uma teimosia em viver com alegria. Apesar das adversidades encontradas, ou talvez, por elas mesmas” (Caciatori; Ferreira, 2022a, p. 354). Memórias, ancestralidades e saberes circulam nesse território educativo-formativo (Lima; Lima, 2023).

Educar o olhar é Educação. No caso da cosmovisão africana, educa-se para a sabedoria, para a filosofia da terra, para a ética do encantamento. Educar é conhecer a partir das referências culturais que estão no horizonte de minha história (ancestralidade). Olhar é um treino de sensibilidade. Aguça-se a sensibilidade para perceber o encanto que tece as coisas. Sensibilizado, o Outro deixa de ser apenas um conceito, e me interpela para ação de justiça e me convida a uma conduta ética. Sensibilizado posso fazer da vida uma obra de arte, uma construção estética. Edifico uma moral e uma ética baseada na criatividade e na tradição (Oliveira, 2005, p. 260).

No início da segunda etapa da minha ida ao campo, em janeiro de 2024, cheguei na Nação em um dia que não havia ensaio, era uma quinta-feira. Foi proposital, eu queria ter tempo para olhar nos olhos de avó Quixaba, contemplar a firmeza e a doçura vindas deles, ser abençoada por ela. A encontro, como de costume, sentada em seu sofá, mas dessa vez trajando um vestido que de tão viva a cor, amarela, imediatamente me fez pensar em Oxum. A menção a ela veio em seguida: “Mãe Oxum te abençoe, minha filha”. Era o que eu precisava para iniciar mais uma jornada junto a esse coletivo que chamo de minha família. Eu também desejava rever as demais pessoas, conversar com elas, ficar a par dos preparativos para o carnaval e auxiliar em alguma tarefa. Conheço gente nova — que chegou após o último carnaval —, revejo integrantes de longa data, observo o quanto já trabalharam nos últimos meses, dado a quantidade de adereços e fantasias prontos, pendurados em inúmeros ganchos pelo ateliê e envolvo-me na produção das fantasias dos lanceiros, até ser chamada pela Mestra Joana no andar de baixo. Ela nos reunia para nos organizarmos na divisão de tarefas para o dia seguinte — primeiro ensaio do ano. Encarreguei-me da produção e distribuição de lanches para batuqueiros e batuqueiras após o ensaio. Finda a reunião, retornei à aplicação de búzios nas fantasias, quando fiz a primeira (do ano) bolhinha de queimadura ao utilizar a pistola de cola quente. “Agora sim, agora eu cheguei mesmo”, brinco, enquanto assopro o dedo.

No andar superior, espaço bastante frequentado pelos batuqueiros e pelas batuqueiras, por ser onde os instrumentos são guardados e onde alguns ensaios acontecem, banners bastante didáticos dão o tom inclusivo da Nação (Figura 15). Foram pendurados nas paredes para lembrar a todas as pessoas que, nesse espaço formativo, preconceitos não devem adentrar. Alguns dos banners expostos podem ser observados a seguir. Além desses, há os que explicam o que é transfobia, orientação sexual e identidade de gênero.

Figura 15 — Banners de enfrentamento aos preconceitos



Fonte: Autoria própria.

Tais banners constituem mais um elemento revelador do projeto de sociedade partilhado pelas/os integrantes dessa casa de Axé, de cultura e de educação.

Os candomblés como espaços de epistemologias do Sul opostos à hegemonia política do conhecimento não podem sozinhos mudar o mundo, mas podem se tornar pontos de partida para uma dimensão epistemológica outra, em especial no ambiente escolar, colaborando com experiências formativas e afirmativas alinhadas aos princípios inclusivos, antirracistas e descolonizadores (Lima; Lima, 2022, p. 198).

Maldonado-Torres (2018, p. 48) explicita que “a identidade e a atividade (subjatividade) humana também produzem e se desenvolvem dentro de contextos que têm funcionamentos precisos de poder, noções de ser e concepções de conhecimento”. Sendo assim, neste espaço formativo da Nação Encanto do Pina, o ambiente de trocas intergeracional, compartilhamento de tarefas, trânsito de saberes do povo negro, enaltecimento de lideranças periféricas, principalmente femininas, e valorização das diferenças promovem lógicas outras de poder, entrelaçam vida, arte e conhecimento (Rufino, 2019) e possibilitam constituições de subjatividades que se distanciam daquelas privilegiadas pelo sistema hegemônico eurocêntrico.

Evidencia-se, portanto, que as pessoas participantes da Nação entram em contato com os saberes partilhados por quem chegou antes delas e têm a possibilidade de (re)formularem suas noções de mundo tanto em momentos organizados para o atendimento às crianças, quanto nas situações diversas e cotidianas na Nação que envolvem todos os integrantes, de todas as idades, durante a movimentação pelas dependências do Ylê, seja para organizarem e limparem o espaço, prepararem as fantasias e adereços para o carnaval, participarem de

ensaios e reuniões. Nesse cotidiano, os processos formativos transcorrem, dando oportunidades aos mais jovens de construir suas noções de pertencimento àquela comunidade e àquele povo, apreendendo e ensaiando a *cosmopercepção*⁶² do grupo que integram (Oyewùmí, 2021). De acordo com Lima (2021b, p. 128):

O sentimento de pertencimento e ancestralidade ampliam sobremaneira a responsabilidade para com o mundo, sobretudo aqueles e aquelas historicamente violentados em seus direitos constitucionais. Fazer parte do mundo é fundamental para a responsabilidade com ele, não como um dever, mas como um princípio ético.

A sabedoria vinda de África que aqui aportou, mesmo com o vilipêndio a que foi submetida, dotou as pessoas negras-africanas e seus descendentes de um repertório tributário de uma *cosmopercepção* na qual o conhecimento se nutre de uma experiência coletiva, que é inclusiva, diversa e telúrica. O território educativo-formativo da Nação, em seu cotidiano, lança-se a remontar as práticas de saber e reconstruir o sentimento de pertencimento comunitário, desmantelados com a diáspora.

3.1 Pausa... uma vida ceifada

Em meio à escrita deste trabalho, um triste acontecimento acomete a comunidade do Bode. Na rua da Nação, a vida de uma bebê de um ano é retirada durante um tiroteio. Ela e sua mãe fazem parte da Nação Encanto do Pina. Um duro golpe para a família e para nós — a família estendida do maracatu. Lembro-me com carinho da mãe, ainda adolescente, no decorrer de minha pesquisa de campo, no ano de 2023, acompanhando as atividades do maracatu ou sentada em frente à sua casa, limpando mariscos na companhia de seus familiares e com sua filha no colo. Sua casa é bem próxima ao Ylê Axé Oxum Deym e fica no caminho para chegar até ele.

Organizações, instituições e movimentos sociais, como a Nação Encanto do Pina, a Livroteca Brincante do Pina⁶³, a Coletiva Cabras⁶⁴, têm apontado caminhos para a redução da violência na comunidade, utilizando as ferramentas da arte e da cultura em defesa da vida, mas é preciso mais. É necessário que o Estado cumpra seu papel. A violência que marca sem piedade

62 Para a teórica nigeriana, a noção de *cosmopercepção* é a mais apropriada e inclusiva para referir-se à elaboração da concepção de mundo por grupos culturais que conjugam múltiplos sentidos, diferenciando da noção de cosmovisão, caracterizada pela autora como ocidental e insuficiente, já que privilegia apenas o sentido visual para a definição da lógica cultural de uma sociedade.

63 Organização comunitária que promove o incentivo à leitura e oficinas artístico-culturais.

64 Organização comunitária de cunho sociopolítico que visa estimular a autonomia de meninas e mulheres da Comunidade do Bode.

a vida do povo negro e periférico evidencia a ausência de políticas públicas efetivas que garantam o acesso à moradia digna, educação, saúde, lazer e empregabilidade.

Quando os direitos constitucionais básicos são violados, resta-nos continuar o clamor por justiça social e seguir inventando formas de (re)encantar o mundo, a vida. “Encantar é expressão que vem do latim *incantare*, o canto que enfeitiça, inebria, cria outros sentidos para o mundo” (Simas; Rufino, 2020, p. 4). Nesse sentido, reencantar seria refazer encantamentos perdidos. As crianças da favela do Bode querem viver. As que frequentam o Encantinho do Pina convidam as demais para compor seu coletivo, conforme registrado, em áudio, durante o deslocamento para uma apresentação:

Ibeji⁶⁵, ibejinho
vem pro Encantinho
Pra tocar alfaia, tocar agbê
A bênção, Vó Quixaba
Chamada do caixa, responde o gonguê
A benção, Vó Quixaba
Toca o timbal, mineiro pra valer
A benção, Vó Quixaba (Ibeji [...], s. d.).

Com suas vozes, corpos e instrumentos, as crianças clamam pelo poder da vida, para que esse se sobreponha ao poder sobre a vida.

3.2 Mestra Joana D’Arc da Silva Cavalcante

Era início de 2022 quando contei à Mestra Joana sobre minha aprovação no processo seletivo do mestrado. Naquele ano, as medidas de afastamento social orientadas pelos órgãos sanitários não permitiram o desfile das agremiações carnavalescas no país. Era, então, o segundo ano, desde que me encontrei com o maracatu, que eu não iria à capital pernambucana, fazendo necessário, naquele momento, o contato remoto. Ela, que é uma entusiasta das conquistas femininas, alegrou-se ainda mais ao saber sobre minha intenção de pesquisa. Seu aval, formalmente registrado através da carta de autorização mais tarde, era imprescindível para mim, antes mesmo dos processos formais que regulamentam as pesquisas científicas. A confiança depositada em mim, por ela, para que eu levasse o nome de nossa Nação à academia reafirmou-me o sentimento de pertencimento a esse coletivo. “Eu já conto há dez anos! Dez anos que eu conto com você!”, disse-me a Mestra durante a *entrevistaconversa*, em 17 de

⁶⁵ Ibeji é orixá criança, ligado aos processos de tudo o que inicia e brota, como a nascente de um rio e o germinar das plantas. É a divindade da brincadeira e da alegria. A loa citada não tem registro formal, sendo ensinada para as crianças de modo oral.

janeiro de 2023. Nessa ocasião, já sem as medidas restritivas de circulação, o que possibilitou um cúmplice abraço.

Seus títulos e cargos, mesmo sendo muitos, mostram-se insuficientes para apresentar esta figura tão singular que é Mestra Joana Cavalcante. Extremamente dinâmica, ela movimenta diversas ações em simultâneo e pensa em todos e em cada detalhe para “pôr o maracatu na rua”, como dizemos habitualmente no nosso meio, almejando deixar tudo pronto para o desfile no domingo de carnaval, assim como para fortalecer as causas coletivas por meio da cultura negra durante o decorrer do ano.

Mestra Joana é Yakekerê⁶⁶ do Ylê Axé Oxum Deym. A filha do orixá Oxum, mulher preta e periférica — como gosta de se apresentar —, nasceu dentro do terreiro, em parto feito por sua avó — a “nossa” avó Quixaba e Dona Maria de Sônia. Nasceu e cresceu ali, como “menina moleca da comunidade, sempre dentro de maracatu, mas só dançando” (Cavalcante, 2023) e acompanhando seus familiares nas funções religiosas, como sua mãe, a Yabassé⁶⁷ Mãe Carminha da Oxum, e o seu pai, o Babalorixá Pai Marcelo de Orixalá. A Mestra trouxe três filhos ao mundo, mas é chamada de Mãe Joana por muitas outras pessoas, que dela são filhas e filhos de consideração ou de santo.

Em 2008, os orixás a escolheram, por intermédio do jogo de búzios, para estar à frente da Nação Encanto do Pina, tornando-a a primeira mulher, em toda a história das Nações de maracatu, a assumir esse posto. Criou o Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher, o projeto socioeducativo Encantinho do Pina e o grupo de coco de terreiro Mazuca da Quixaba. Responsável por inovar a ala dos agbês, trazendo os fundamentos do terreiro por meio do toque e da dança dos orixás para essa ala de instrumento, a Mestra coordenou os agbês da Nação Porto Rico por 10 anos, desde 2009.

Desde 2015, Mestra Joana reúne centenas de pessoas interessadas em aperfeiçoar a execução do instrumento em um evento anual chamado Intensivão de agbês. Já tendo ocorrido em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, tive a honra de acompanhar a Mestra em inúmeras dessas edições, aprendendo muito e ensinando também, sendo auxiliar dela. Em diversos encontros, a Mestra fez questão também de levar consigo agbezeiras da comunidade do Bode, oferecendo para várias delas as primeiras experiências de compartilhar seus saberes fora do estado de Pernambuco.

Responsável por incorporar inovações também ao baque que rege, como a permissão para homens tocarem agbê — ala, até então, exclusivamente feminina nas Nações

⁶⁶ Mãe pequena. O segundo cargo mais alto na hierarquia do candomblé.

⁶⁷ Responsável pelo preparo de toda a comida sagrada no terreiro.

do bairro do Pina — e o assentimento para as mulheres tocarem timbal — posto somente ocupados por homens anteriormente —, Mestra Joana está sempre atenta às demandas que a sociedade traz, em tempos de busca por equidade de gênero, revelando sua capacidade de ressignificar práticas culturais para que todas as pessoas sintam-se acolhidas.

A foto abaixo foi feita em outro importante dia durante o ciclo carnavalesco pernambucano (Figura 16).

Figura 16 — Mestra Joana na Noite dos Tambores Silenciosos



Fonte: Vassoler (2023).

Silva (2018) apresenta os sentidos produzidos e acionados em Nações de maracatu, com atenção especial ao Mestre de apito enquanto cruzamento singular dentro dos maracatus de baque virado e seus atravessamentos. A ocupação dessa posição de liderança, ainda que exclusiva dentro da Nação e de responsabilidade inegável, muitas vezes, não é única desempenhada por essa figura, que, em alguns casos, cuida também do gerenciamento de diversas outras tarefas para que o maracatu saia às ruas no período momesco e continue em ações para sua perpetuação durante todo o restante do ano. É o caso de Mestra Joana, que tem a dinamicidade da função bastante perceptível na convivência com ela. O processo que a levou a ocupar esse cargo, a percepção acerca das opressões sofridas, as dificuldades para manter a Nação em funcionamento e, também, a satisfação em ver os frutos do trabalho se espalhando e

crecendo são comunicados por ela em rodas de conversa realizadas pelo Brasil e até fora dele (Figura 17)⁶⁸.

Figura 17 — A Mestra durante roda de conversa em Campinas



Fonte: Acervo pessoal.

No dia combinado para a *entrevistaconversa*, faço-me presente na sede do maracatu muitas horas antes, como de costume, para auxiliar na produção dos adereços. Em 2023, a Nação trouxe uma inovação para incrementar as alas da corte: as penas furta-cores, que deram grande destaque às fantasias. Feitas de material bastante sensível, demandaram muita destreza manual para serem coladas. Recebo as orientações da Mestra e fico ali trabalhando, aguardando o momento apropriado para podermos nos retirar para um canto mais tranquilo e conversarmos. A Mestra circula de um local para o outro, fazendo várias atividades ao mesmo tempo. A filha de uma das batuqueiras que está ali ajudando nos afazeres para o carnaval chora, solicitando atenção. A criança de dois anos é atendida pela Mestra, que a pega no colo e a embala. Depois, pergunta se ela quer ir brincar com as outras crianças que estão no piso de baixo. Diante da negativa da menina, Mestra Joana pega um desenho, lápis de cor e entrega para a criança.

68 Mestra Joana esteve em turnê pela Europa em outubro de 2023, juntamente com a Yabá Tenily Guian, ministrando oficinas da Nação Encanto do Pina.

Entre diversos trabalhos, a Mestra faz uma pausa. É chegada a hora da *entrevistaconversa*. Sentadas dentro de seu quarto, na casa que também fica na sede do maracatu, a narradora partilha comigo sua trajetória, sonhos e percalços.

Ao contar-me sobre sua infância no terreiro, desperta-me a curiosidade sobre a convivência dela, ainda criança, com seus pares nesse espaço sagrado:

[...] tenho lembrança de muitas crianças. Dentro da casa da D. Maria de Sônia... éramos muitas crianças, porque D. Maria de Sônia, ela além de ser parteira, né, da comunidade, ela fazia os partos, ela ficava com os filhos das mães, das mães pras mães ir trabalhar, né. Então a casa dela parecia uma creche, sem contar que, ela criava muitos filhos que as mães tinham e abandonavam. Então a casa dela era muito cheia. E nos dias que tinha os toques principais que eram os eventos religiosos, por exemplo, de Iemanjá, então, todas as crianças já esperavam aquele momento que ela fazia roupinha de candomblé pra todas as crianças, era tipo esperar o Natal e o Ano Novo pra vestir a roupinha! (Mestra sorri). Era aquele dia, então era muita criança, sempre tinha muita criança, e... e logicamente, né, como todos os terreiros, a nossa diversão enquanto criança era brincar de candomblé, então eu lembro nitidamente, sim, a quantidade de criança, em todo tipo de brincadeira que a gente tinha na época, dentro do candomblé, dentro do barracão: correndo, pulando muro, subindo no pé de manga, brechando as coisas do candomblé, imitando... era muito bom (Cavalcante, 2023).

Mestra Joana enuncia em sua narrativa afetos e emoções atravessados por uma temporalidade e que mobilizaram valores e reflexões, bem como contribuíram para que sua subjetividade fosse construída. Hoje, quando idealiza e possibilita, com Mariana Bianchi e outras pessoas apoiadoras, vivências lúdicas, nas quais as crianças do Encantinho estejam em comunhão, ela as faz com a lembrança impregnada de sentido:

Quando o sujeito passa a refletir acerca dos diferentes acontecimentos que se processaram em sua existência, o que vem na memória são aqueles acontecimentos que mais produziram um significado e implicação em si, como marcas deixadas que vão o acompanhando em momentos que passam a praticar a reflexividade em função do que está envolvido na dinâmica de pensar o vivido/praticado/experimentado (Morais; Bragança; Prado, 2021, p. 14).

Correr, pular muro, subir em árvores, espiar os artefatos utilizados no terreiro e seus ritos e fazer imitações, em companhia das demais crianças, foram experiências de infância vividas pela Mestra, que exemplificam o conceito de *culturas infantis* pelos teóricos da sociologia da infância. Abramowicz e Oliveira (2012, p. 50) trazem a necessidade de se pensar a criança também enquanto autora de seu processo de socialização:

A socialização é um processo social de exercício de poder e saber que se impõe sobre a criança, para produzi-las. A partir dos pressupostos da Sociologia, esse processo deve ser entendido e descrito com a participação ativa da criança: ora resistindo, ora reinventando, ora imitando, ora aceitando, ora nada podendo fazer etc.

A presença de crianças vivendo suas infâncias no Ylê, tal como a Mestra vivenciou e rememorou, ainda carece de mais espaço nos estudos acadêmicos, cuja tradição eurocêntrica e adultocêntrica encobriu. Caputo (2020, p. 387), pesquisadora do campo dos Estudos com crianças de terreiros, fala da necessidade de trazer para o debate as meninas e os meninos frequentadores das casas de axé que, mesmo em pesquisas afrodiaspóricas, são invisibilizadas:

Não é que nossos estudos as tenham trazido para o centro, porque elas continuam nas casas de santo como sempre estiveram, sendo iniciadas, recebendo cargos, brincando, tocando atabaques, cantando, dançando, cuidando dos orixás, por exemplo, sem que precisem de qualquer pesquisador. O que fizemos, então? Apenas começamos a romper uma certa cegueira epistemológica e política em diversas áreas de estudos e também de ativismo político. Muito lentamente, pesquisadores e pesquisadoras, com diferentes interesses de pesquisas, começam a perceber que as crianças de terreiros existem. Ou seja, as crianças de terreiros não precisavam ser movidas de lugar algum. Quem precisava (e precisa muito) sair do lugar continua sendo a academia.

Ainda que a infância vivida pela Mestra e pelas demais crianças da comunidade fosse acometida de privações materiais, o sorriso que ela deixa transparecer ao rememorar essa fase evidencia momentos de alegria vividos no Ylê com pares que ela carregou consigo. Agora, adulta, revisita como um porto seguro e indica, também, a potência dos terreiros de candomblés enquanto espaços educacionais:

Conhecimentos culinários, indumentárias, ervas, danças, a relação com a natureza, com as pessoas e com as divindades, dentre outros aspectos, mostra a importância das comunidades de candomblés para o desenvolvimento de potencialidades de todas as pessoas pertencentes a esses espaços, inclusive as crianças (Lima; Lima, 2022, p. 193).

E também:

A educação de axé reivindicada pelos praticantes das comunidades de terreiro opera como uma espécie de educação intercultural, que vincula a experiência social do terreiro, balizada em suas tradições, com o restante do mundo. Nesse sentido, essas experiências revelam um modelo de educação, modo de sociabilidade orientado pela organização comunitária (Rufino, 2019, p. 69).

Trazer tais lembranças vivas consigo colaborou para que a Mestra desejasse atuar com as crianças da comunidade do Bode, pois, ciente das discriminações que essas meninas e esses meninos sofrem, vê no trabalho socioeducativo do Encantinho do Pina um caminho para lidar com as questões sociais que impactam a vida de crianças negras e periféricas. Dessa forma, oferece a elas a oportunidade de experimentar modos de significar suas vidas coletivamente, a partir da construção do sentimento de pertencimento étnico-racial e religioso:

A gente consegue já identificar alguns pontos que a gente conseguiu alcançar, quando a gente vê algumas das meninas que não querem esticar o cabelo, né? Quando eu vejo elas falarem: ‘sou preta, não sou morena’, sabe? Quando eu vejo as crianças chegar aqui dizendo: ‘Oh, tia, é... fulano ali da igreja disse que eu não fosse pro maracatu, que o maracatu é coisa do demônio, e eu dei um baile, tia, eu fechei’⁶⁹, porque não é do demônio’ (Cavalcante, 2023).

Crianças e adolescentes como essa menina citada pela Mestreira não são poucas. Pude observar durante o trabalho de campo que muitas meninas (e, também, alguns meninos) circulavam pela Nação exibindo com orgulho seus cabelos trançados. Alguns tinham suas tranças feitas com linhas azuis e amarelas, remetendo às cores da Nação e demonstrando que o maracatu apresenta-se como uma ferramenta que atenua as representações negativas sobre o povo negro e candomblecista que foram perpetuadas ao longo da história. Na perspectiva decolonial, entende-se o racismo como princípio organizador das relações de dominação da modernidade/colonialidade. Ele hierarquiza seres entre superiores e inferiores, humanos e desumanos, os que têm direito a produzir conhecimento e os que não têm, os que merecem viver e aqueles cujas vidas não importam. De acordo com Grosfoguel (2018, p. 68), “[...] a modernidade não existe sem a colonialidade; elas são duas caras da mesma moeda, e o racismo organiza a partir de dentro todas as relações sociais e hierarquias de dominação da modernidade”.

Sabemos que o colonialismo europeu, nos termos com que hoje o definimos, configura-se no decorrer da segunda metade do século XIX. Nesse mesmo período, o racismo se constituía como a ‘ciência’ da superioridade eurocristã (branca e patriarcal), na medida em que se estruturava o *modelo ariano* de explicação que viria a ser não só o referencial das classificações triádicas do evolucionismo positivista das nascentes ciências do homem como ainda hoje direciona o olhar da produção acadêmica ocidental. Vale notar que tal processo se desenvolveu no terreno fértil de toda uma tradição etnocêntrica pré-colonialista (séculos XV – XIX) que considerava absurdas, supersticiosas ou exóticas as manifestações culturais dos povos ‘selvagens’. Daí a ‘naturalidade’ com que a violência etnocida e destruidora das forças do pré-colonialismo europeu se fez abater sobre esses povos (Gonzalez, 2020, p. 129).

O racismo e seus efeitos nefastos não poupam a infância:

A infância não é neutra e nem está blindada dos preconceitos e das discriminações. Antes, eles são aprendidos e socializados em sociedade, na família, na mídia, nos relacionamentos, na vivência da desigualdade e, também, nas instituições educacionais. Da mesma forma, o antirracismo segue o mesmo processo. É preciso fazer avançar práticas de resistência e de superação (Gomes, 2019, p. 26).

69 As expressões “dar um baile” e “fechar”, bastante utilizadas pelos e pelas recifenses, significam fazer algo com excelência. No caso, a menina interlocutora da Mestreira Joana encerrou a discussão com o “fulano da igreja” reivindicando a vitória, por conta da consistência de seus argumentos.

Ciente da relevância da atuação antirracista praticada na Nação, a Mestra reconhece: “É... a gente tem um papel importante, uma missão, eu digo, né? Que é trazer o empoderamento, né, trazer esse combate ao racismo cada vez mais persistente” (Cavalcante, 2023).

Aliando a intenção de prover recursos financeiros para que as crianças e adolescentes da comunidade pudessem continuar participando das atividades do carnaval — de modo que a aquisição de figurinos⁷⁰ não fosse um empecilho para isso — à tentativa de estreitar vínculos dos integrantes da Nação de fora de Recife com essas e esses participantes mirins, Mestra Joana iniciou uma campanha de amadrinhamento/apadrinhamento, sensibilizando os integrantes, que assim o pudessem, a escolher uma criança ou adolescente para acompanhar enquanto madrinha ou padrinho, devendo custear o figurino para o carnaval e oferecer atenção à/ao afilhada/o durante todo o restante do ano. Assim, na estada em Campinas, para oferecimento de oficina ao Maracatucá, Mestra Joana perguntou-me se eu gostaria de escolher uma criança da comunidade com a qual eu me encantava para amadrinhá-la. Assim, tornei-me madrinha da Natasha⁷¹, na época, com menos de 6 anos e hoje com 16. Mantenho contato com ela e com seus pais — minha comadre e meu compadre no decorrer desses anos —, acompanhando seu desempenho escolar e suas atuações na Nação. Natasha tornou-se a responsável por liderar o Encantinho do Pina durante o baque das crianças e adolescentes.

Bastante atenta às discriminações sofridas pelas pessoas de seu entorno, a narradora — engajada no enfrentamento ao racismo, machismo e intolerância religiosa — posiciona-se também contra a homofobia, sabendo que para isso é preciso sensibilizar a comunidade acerca do direito que todas as pessoas têm de exprimirem suas liberdades nas singularidades humanas:

[...] eu também observo que, é... cada vez mais a gente tem conquistado nossos espaços, impondo também o respeito, adquirindo também esse respeito com o trabalho que a gente faz em conjunto com a comunidade. É, o resultado é visível em vários aspectos: contra a intolerância religiosa, contra o racismo e a gente também tem um enfrentamento também contra a homofobia — que é totalmente necessário, onde a gente sabe que dentro das comunidades é totalmente enraizado, principalmente nas comunidades periféricas a gente vê o dia a dia, o quanto a classe LGBT, né, é o tempo todo massacrada em vários momentos, então, a gente tá sempre levantando as bandeiras. Eu tenho visto, sim, o resultado disso positivo, dessa luta constante (Cavalcante, 2023).

70 Os figurinos a serem adquiridos anualmente na Nação são os destinados às/aos batuqueiras/os. Já os figurinos de quem dança durante o desfile de carnaval, seja compondo alguma ala na corte, no chitão ou outra, não precisam ser comprados, pois são emprestados pela Nação e a cada ano recebem remodelações diferentes para o novo tema de carnaval.

71 Não é narradora nesta pesquisa, mas ela e a pessoa responsável por ela concederam permissão para citá-las.

Colher frutos, percebendo o impacto das ações que protagoniza neste território, é o que faz Mestra Joana continuar na busca pela afirmação da vida, não somente a sua própria, mas a coletiva.

[...] a gente sabe que o contexto posto em prática dentro das periferias é totalmente diferente, é... a gente não alcança nem sempre os 100% que a gente deseja e é muito difícil também por causa disso, porque quem tá na linha de frente tem o desestímulo também, né, pela falta de apoio, pelo abandono social, é um desestímulo também, em vários momentos a gente se sente fraca, impotente, mas os res... os resultados, né, que surgem, é tipo uma locomotiva, né, que retorna à forma, a vontade de continuar lutando, quando a gente alcança algum sucesso (Cavalcante, 2023).

É possível notar que Mestra Joana, como se estivesse de posse do abebé⁷² de sua mãe Oxum, enxerga a beleza da tradição que herdou, e ao olhar para si, olha também para o seu coletivo, percebendo as opressões e atuando para a superação delas. Seu corpo, que admiravelmente dança, movimenta as estruturas, liga-se fortemente às raízes e espalha sementes⁷³. Ela insistiu em ocupar espaços que a sociedade racista e patriarcal dizia não serem para mulheres pretas, periféricas e candomblecistas. A Mestra inspira com sua trajetória e abre caminhos para tantas e tantos outros, como o próximo emissor desta pesquisa.

3.3 Ogan Deivson Lima de Santana

Maré, marisco, sururu, lama, caranguejo, camarão... são palavras comuns no vocabulário de quem vive em uma comunidade recifense com um nome bastante peculiar: Ilha de Deus. Há quem já tenha questionado a presença do Pai Celestial (para quem crê que Ele assim o seja), chamando-a de “Ilha sem Deus”, por conta do desamparo social que a região é submetida pelo poder público e por dizerem ser o local de esconderijo para foragidos da lei, devido ao acesso dificultado que só podia ser feito através de barco, antes da construção da ponte Vitória das mulheres a partir de um projeto de urbanização iniciado em 2009⁷⁴.

Boa parte da comunidade retira do mangue o seu sustento há várias gerações. A riqueza ofertada pelo manguezal — hoje ameaçada pela ação humana que polui e devasta o ecossistema local — ainda permite que pratos feitos com crustáceos e moluscos sejam constantes nos lares que circundam os viveiros. São também facilmente encontrados nas festas

72 No candomblé, espelho sagrado no qual a orixá Oxum contempla sua própria beleza.

73 Mestra Joana teve sua história contada em um livro de literatura infantojuvenil intitulado *Sementes de Joana: a primeira mestra de maracatu*, cuja referência completa encontra-se na bibliografia (Queiroz, 2021).

74 O documentário *Entremarés* (2018) aborda a vivência de mulheres moradoras da Ilha de Deus e seus cotidianos em meio à pesca e ao manguezal.

promovidas pela Nação Encanto do Pina, depois os ensaios, como observei durante o trabalho em campo em janeiro de 2023. Vendidos a preços muito baixos para o padrão da paulista que sou, infelizmente acostumada aos elevados valores praticados na comercialização dessas iguarias aqui no interior de São Paulo, os apetitosos caldos de camarão eram pedidos perfeitos para abastecer as energias despendidas ao longo da preparação para o carnaval, após horas de ensaio do baque percussivo. Enquanto eu saboreava os caldos (assim mesmo, no plural, pois a repetição sempre vinha), confraternizava junto com minhas irmãs, irmãos de Nação e com as moradoras e moradores dali, que, mesmo sem fazer parte do maracatu, o admiram e dão o aval para que ele utilize as ruas do bairro em seus ensaios e cortejos, tanto da Nação Encanto do Pina, quanto do Grupo Baque Mulher. Nos meses que antecedem o período carnavalesco, os ensaios acontecem com bastante frequência, numa média de três dias por semana. Conversamos e dançamos muito ao som produzido por grupos de samba, pagode e coco, convidados pela Mestre Joana para animarem as noites, promovendo diversão para a comunidade.

Como esta pesquisa não objetiva a linearidade dos acontecimentos, nem tampouco na escrita, permiti-me ir ao Bode nestas últimas linhas, mas agora retorno à Ilha de Deus. Foi ali onde nasceu meu segundo emissor, Deivson Lima de Santana, em 1986. Se, por um lado, Mestre Joana tem na sua trajetória familiar as condições criadas para a chegada e permanência no maracatu, Deivson, por sua vez, começa a trilhar este caminho por condições outras e adversas. É o que veremos a seguir.

Atualmente residindo em São Vicente, no estado de São Paulo, o recifense é percussionista, Ogan do Ylê Axé Oxum Deym, fundador e Mestre do grupo percussivo Nação da Ilha (Recife), fundador e regente do Coletivo Antirracista Oju Obá (Santos), *luthier*, arte-educador social, atuando com crianças, adolescentes, jovens e idosos, batuqueiro da Nação Encanto do Pina (já regeu a Nação em alguns momentos, auxiliando a Mestre) e foi batuqueiro da Nação Porto Rico (já tendo auxiliado o Mestre na regência do baque). Há 10 anos fora de Recife, é para lá que o narrador deste estudo vai sempre em suas férias, no período que antecede o carnaval. Boa parte de seus familiares reside hoje no bairro Imbiribeira, sendo onde Deivson fica durante a estada em sua terra natal e onde a *entrevistaconversa* aconteceu, em 17 de fevereiro de 2023.

Além de sempre nos encontrarmos nas Nações nos meses de janeiro e fevereiro, nosso contato presencial acontece também em eventos de maracatu fora de Recife. Por exemplo, quando ministramos juntos oficina de maracatu na cidade mineira de Lavras para o grupo de maracatu Baque do Morro, sendo eu responsável pelo ensino dos toques do agbê e ele se encarregando da condução geral e ensino da percussão dos demais instrumentos. Assim como

quando ele vem a Campinas para o oferecimento de oficinas para o meu grupo Maracatucá. Por acompanhar o trabalho educativo que Deivson realiza e por perceber como ele é tido como uma referência — de bom batuqueiro, sim, mas, além disso, de alguém sempre muito comprometido e responsável com os fundamentos⁷⁵ do maracatu — pelas pessoas integrantes da Nação Encanto do Pina, incluindo eu, é que a escolha para que ele participasse da pesquisa foi feita. O convite realizado via aplicativo de mensagens foi aceito por ele e, então, a data da *entrevistaconversa* foi definida.

Ele traz marcados em sua pele símbolos que exprimem a importância do que ganhou centralidade em sua vida. Carrega consigo, em forma de tatuagem, o afeto pelo maracatu que fundou na Ilha de Deus — Nação da Ilha — e seu amor por Xangô — orixá que cuida de seu orí (cabeça, na língua iorubá). A tatuagem do oxé, machado de dois gumes carregado pelo orixá, fica no antebraço do Deivson, estando visível principalmente quando ele traz os braços suspensos durante os comandos na regência do baque. Rei de Oyó⁷⁶ no panteão africano, Xangô é o orixá da justiça, dos raios, do trovão e do fogo. Seu filho, narrador aqui, traz presente em sua prática e em seu discurso a nitidez acerca das opressões sofridas e o clamor pelo fim das injustiças. Eu, que me descobri em 2017 filha do mesmo orixá,⁷⁷ pude estabelecer uma frutífera *entrevistaconversa* com Deivson.

Convidado a rememorar a infância, ele faz questão de pontuar sobre os marcadores sociais que impactaram essa fase da vida:

[...] uma criança da periferia, né, entre os seus altos e baixos, ainda mais criança preta, cujo que o sistema cada vez mais prejudicou, é... as necessidades, a dificuldade, isso foi nosso período da... da minha infância, né, que é, uma das primeiras coisas é, é... é a, é a... base da fome, né? Porque a gente, aqui da comunidade, porque eu venho muito da comunidade da Ilha de Deus, eu nasci na comunidade da Ilha de Deus, então esse, todo esse processo, a comunidade é um espaço quilombola, né, que não deixa de não ser, de pescadores, que trabalham com a pesca até hoje, né, que tem uma p* trajetória. Minha infância foi nesses altos e baixos, nessa necessidade, nessa precariedade, nesse sistema que, muitas vezes, leva a gente cada vez mais, pro... pro lado da criminalidade [...] (Santana, 2023).

A perversa articulação entre racismo e desigualdade social, que impacta o cotidiano de crianças negras, de seus familiares e é limitadora do acesso ao direito à vida justa e digna, é abordada por diversas(os) pesquisadoras(es), como Abramowicz e Oliveira (2012, p. 50):

75 No nosso meio, utilizamos o termo fundamento para indicar a articulação de complexos conhecimentos, nos quais estão assentadas as culturas de terreiro.

76 Império ou Reino de Oyó, localizava-se onde atualmente é a Nigéria ocidental.

77 Mestre Chacon, da Nação do Maracatu Porto Rico, também Babalorixá, foi quem jogou os búzios no Ylê Axé Oxóssi Gangoubira, revelando meu orixá protetor.

A pobreza impacta a criança negra de maneira mais cruel e contundente do que a criança pobre e branca, já que a família negra vive com mais intensidade a desigualdade social. Mas não é só isso, a pobreza é atravessada pela raça, o que significa dizer que a raça é também explicativa da pobreza.

E Gomes (2019, p. 12) diz que “[...] o racismo que incide sobre a vida das pessoas negras afeta de forma contundente as crianças negras. Nega a essas crianças não só o direito de viver no presente uma infância digna como também lhes anuncia um futuro incerto e inseguro”.

No entanto, uma oportunidade surgida fez com que Deivson reorganizasse sua rota, desviando-se do caminho de infortúnios que acomete infâncias e adolescências vulneráveis.

[...] nesse sentido, eu tinha, eu tinha opção: eu ia pro, pro espaço, o projeto social, que a prefeitura tinha colocado no espaço da Ong, ou ia pro... ou ia pra Febem⁷⁸, por causa de... da algumas delitos, simples, né, que a gente, quando era pequeno, quando eu era pequeno, fez, né... Não só fui eu que tive essa base dessa oportunidade e a trajetória veio justamente aí em cima desse, desse espaço. Ou ia pro... fazer esse projeto, que se cha... era... não lembro bem data, data, mais ou menos, eu não lembro, que era na... era um projeto... gen... criança jovem...

Eu: Agente Jovem?

Deivson: Agente Jovem!

Eu: A Mestra Joana falou sobre ele e citou você.

Deivson: É! E desse projeto daí foi justamente que eu comecei a conhecer o que é maracatu e que daí foi que eu entrei, comecei a entender o que é o maracatu. Na comunidade já existia, né, como várias outras influências, mas só que tocar, tocar, não. Aí entrei no Agente Jovem, do Agente Jovem aí... até hoje, eu ainda tô dando continuidade em relação da cultura popular. Eu digo que o maracatu me escolheu, não eu que escolhi o maracatu, porque no começo eu fui obrigado, e depois acabei se apaixonando, porque eu fui justamente era uma das pessoas que ela começou a trabalhar dentro do... da... do Agente Jovem, foi por justamente porque... tinha quatro, né, que tinha esse tipo de delito, né, que te... teria que ter, eu era um deles, e aí, é que sempre a gente, eu faço essa colocação, né, a gente teve altos e baixos, e pra mim, é um privilégio em poder tá aqui, expressando, falando um pouco, meio um pouco com vergonha, mas é isso, né?

Eu: Você lembra a sua idade quando você começou no Agente Jovem?

Deivson: Então, é... porque, assim, o Agente Jovem, ele vem um período, ele misturou muitas idades, né, tem o nome Agente Jovem, mas aí, como a gente foi encaminhado pelo juiz, a gente tinha pouco delito, eu acho que tinha mais ou menos, acho que do... é treze a catorze anos, num tô lembrado assim a data, nem o ano, que eu sou muito de data, né, então, hoje não consigo distinguir. E daí, desse período todo, o Agente Jovem deu continuidade, mais ou menos, acho que uns três anos ou quatro anos a mais, não tô lembrado, é... dando justamente, aula de maracatu, que a Mestra Joana deu e... e daí, deu continuidade justamente no grupo Nação da Ilha, que é um dos maracatus que tinha aqui na comunidade da Ilha de Deus, que surgiu, que surge através justamente desse... dessa formação que a gente aprendeu com o Agente Jovem e... que através dela também conseguimos trazer mais outros jovens da comunidade da Ilha de Deus, pra aprender a cultura, o maracatu, tirar um pouco ali da criminalidade, tirar ele um pouco da... do convívio cada vez mais precário que a gente vê dentro da periferia, essa base dessa realidade, e depois do período do Agente Jovem, eu fui pra... a Mestra Joana me indicou pro Mestre Chacon, nesse período, nesse meio

78 Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor (Febem) era o nome da atual Fundação de Atendimento Socioeducativo do Governo do Estado de Pernambuco (Funase), cujo trabalho assistencialista atendia a crianças e adolescentes carentes que tivessem praticado ato infracional, de acordo com o site da Funase (Histórico, s. d.).

termo já, nesse, pra eu também aprender um pouco com ele, é... eu tenho essas duas referências, mas eu também tenho aquilo como minha primeira Mestra, justamente foi Mestra Joana que me ensinou a tocar e meu segundo Mestre, Mestre Chacon, que aprimorei várias coisas em relação dos toques, da cultura do maracatu e... que até hoje ainda continuo repassando tudo aquilo que ela me ensinou, que ele me ensinou e... através até disso, me fez outra oportu... é... teve... tive outras oportunidades de poder sair da minha comunidade e poder ser uma referência, que antes, diziam que a gente não ia chegar aos quinze anos, que a turma sempre falava, da própria comunidade que a gente não ia chegar nesse período. Falavam que a gente não ia chegar, chegar ao período dos 15 anos, que a gente já ia morrer, né, nessa base, né, que o caos era bem grande aqui na comunidade Ilha de Deus, que era um do conteúdo da criminalidade, o índice de morte também era muito forte na comunidade, conteúdo de drogas, essas coisas, e tô aí já com período de... vou fazer 37 anos e tamo aí cada vez mais nessa resistência (Santana, 2023).

Contrariado a princípio, mas vendo uma possibilidade de não ter sua liberdade privada, Deivson permitiu que o maracatu o enlaçasse. Falas correntes no meio do maracatu, ditas por pessoas que nele estão há um tempo considerável, são de que “o maracatu é para todo mundo, mas nem todo mundo é para o maracatu” ou “você não escolhe o maracatu, é ele quem escolhe você”, indicando que seja preciso algo a mais do que simplesmente apreciar a manifestação para permanecer nela. Deivson, então, foi descobrindo, por meio do maracatu, uma oportunidade de afirmar-se na potência da vida, recusando os rótulos limitantes que quiseram outorgar a ele. “Me ver pobre, preso ou morto já é cultural”, já denunciavam os Racionais MC’s em *Negro drama* (2002). Como apontam Simas e Rufino (2020, p. 14), “para honrar e bater tambor aos que nos trouxeram nos ombros, aqueles que iremos carregar e atar emendando o ciclo, só há um caminho: responder com a própria vida”. A resposta de Deivson foi e vem sendo dada em alto e bom som, como um som ritmado do luanda bem marcado e da viração⁷⁹ cadenciada das dezenas de alfaias que, como num cortejo, batucam juntas ancestralidade e futuro, presentificando a existência.

A relação do narrador com a escola formal foi marcada, a princípio, pelo desinteresse, de “não querer estar dentro da escola” (Santana, 2023), visto que essa ainda permanece alinhada a princípios que se pretendem universais de uma episteme monocultural, a qual não abarca os contributos histórico-culturais de grupos populacionais, como de onde é originário. Para Gomes (2019), a raça, entendida a partir de uma perspectiva política que se constitui ao longo da história nas relações entre os grupos sociais, é categoria de análise fundamental para o entendimento de como a escola perpetua a violência colonial ao silenciar a pluralidade de corpos e existências que ocupam esse espaço, sendo que

⁷⁹ Luanda e viração são toques percutidos no instrumento alfaia, no maracatu de baque virado. Este último refere-se ao preenchimento das células rítmicas, dando mais vigor ao baque e refletindo nos giros durante a dança executada por baianas e agbezeiras.

as crianças pequenas entre si, na relação com os adultos e o mundo que as cerca, já nutrem interpretações e realizam ações pautadas na diferença racial. E, mais, esses comportamentos apresentam estereótipos raciais negativos em relação aos negros (Gomes, 2019, p. 1017).

Reverter o quadro de exclusão a que estão submetidos crianças e adolescentes, estejam eles frequentando assiduamente a escola, mas não sendo acolhidos e representados ou, ainda, que tenham se afastado dela, como o Deivson, é tarefa inadiável. Ele reconhece, durante suas memórias partilhadas, a contribuição feita pela manifestação afro-brasileira para o seu retorno à escola, pois a participação no Programa Agente Jovem, no qual ele teve sua aproximação com o maracatu, estava condicionada à frequência escolar: “[...] a cultura, isso é uma base dessa formação nesse período, aí eu comecei a voltar, eu tinha voltado pra escola, mas antes, não, que pra participar tinha que tá estudando, como que já vem nessa outra trajetória, aí tive que voltar a estudar” (Santana, 2023).

O Ogan guarda (e partilha) memórias e fotos desse período de sua trajetória, como pode-se ver a seguir (Figuras 18 e 19):

Figura 18 — Deivson na adolescência (início dos anos 2000)



Fonte: Acervo cedido por Deivson.

Figura 19 — Mestra Joana e Deivson no Maracatu Nação da Ilha



Fonte: Acervo cedido por Deivson.

Diáspora africana e maré pernambucana. Favela recifense e periferia vicentina. De garoto estigmatizado e fadado à morte prematura à referência para muitas pessoas. São muitos os cruzos possíveis de serem observados nos percursos de Deivson. Ele sabe o quanto as circunstâncias sociais podem influenciar negativamente a trajetória de quem nasce com uma conjunção de marcadores sociais de desigualdade, como ele.

São mais de duas décadas nesta caminhada e uma bagagem admirável para socializar com quem queira aprender. Já tendo viajado por vários estados brasileiros, representando as Nações de maracatu enquanto oficineiro, dentre eles, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Mato Grosso, Distrito Federal e até fora do país, como Argentina e Paraguai, o narrador partilha muito além do conteúdo percussivo em suas oficinas. “E sempre pra onde eu vou, vou levar minha comunidade, vou levar essa essência, vou levar tudo isso” (Santana, 2023). Ele orgulha-se em dizer que é originário do nascedouro da expressão afro-religiosa, que é o maracatu.

Para Deivson, as mudanças em sua rota, possibilitadas pelo seu encontro com o maracatu, fazem ainda mais sentido quando incluem outras pessoas, quando ele pode, por intermédio da ferramenta da cultura, dialogar com outros jovens em situação de vulnerabilidade, como a vivida por ele:

[...] me fortalece muito eu dar continuidade desse conteúdo do projeto de ser um Agente Multicultural, vamos dizer assim, pra através da cultura mostrar pra os jovens que ele... ele tem potencial, ele pode mudar é... aquilo que a... a política, a mídia transmite pra ele e... pra mostrar que também sou uma das pessoas que consegui sobreviver aos quinze anos que disseram que ia morrer, que eu..., que eu nesse período não ia chegar até disso e... cada vez mais, tô formando mais agente

comunitário, mais agente cultural, mais formadores de pensamento crítico, cultural, né, que... da própria periferia (Santana, 2023).

Essa preocupação em ir ao encontro dos povos historicamente marginalizados é manifestada pelo narrador não somente ao falar de seu trabalho como arte-educador, mas também nas ocasiões nas quais está ministrando oficinas de maracatu nos grupos percussivos: “É na periferia essa escola onde vocês vão dar oficina?”, indagou-me Deivson (Santana, 2023), ao saber dos projetos⁸⁰ do meu grupo de Campinas, o Maracatucá. Ele dá sinais de que não é possível fazer maracatu sem considerar os processos de luta e resistência dos povos responsáveis por sua salvaguarda e que partilhar vivências em uma comunidade de saber afrodiaspórico predispõe as pessoas envolvidas a estarem do mesmo lado das trincheiras das batalhas contra a opressão. Em sua fala, o narrador sempre se remete a quem foi responsável por apresentar a manifestação para ele e aos ensinamentos passados pela Mestra:

[...] eu aprendi dentro desse... desse círculo de aprendizado, que é uma, eu acho que da Mestra Joana; é a troca, não deixando isso, porque, independente de qualquer coisa, a gente não é melhor do que ninguém, que é a gente se doar... é... cada vez mais, tentar resistir e existir dentro do... da sociedade que cada vez mais nos oprime [...].

[...] eu acho que o legado que vou sempre levar é a Mestra Joana que sempre a gente vai querer salvar do nosso, isso é um legado dela que ela sempre bota. Independente de qualquer coisa, independente dos altos e baixos, ela sempre vai querer salvar todos, não deixar escapar nenhum da mão dela, e eu acho que esse é o legado que eu sempre levo dela, que independente de qualquer coisa, é... eu sempre vou querer salvar todos que passaram por mim [...] (Santana, 2023).

Conhecedor da potência que essa cultura afrodiaspórica carrega, Deivson entende que o maracatu não necessariamente tomará uma centralidade na vida dos educandos com os quais atua, mas se constitui agora como uma ferramenta importante para alcançar esses meninos e meninas da periferia de São Vicente. A partir do diálogo estabelecido e do vínculo criado, o Ogan acredita que outras possibilidades podem se abrir para eles:

[...] quando a gente chega pra conversar e ter... querer tentar, querer fazer aquele jovem, aquela criança, aquele adolescente pro lado da gente, não é que ele vai tocar

80 Por meio da concessão de recursos do Fundo de Investimentos Culturais de Campinas, o Maracatucá desenvolveu, durante o ano de 2023, em parceria com o Grupo Urucungos, Puítas e Quijengues, o projeto Encontros com o Maracatucá — Descobrimos a ancestralidade e criando afetividades, cujo primeiro ciclo de oficinas ocorreu em um espaço de arte e cultura na região periférica de Campinas — o CEU Mestre Alceu, no Jardim Florence. O ciclo posterior teve como público-alvo, estudantes adolescentes de uma escola pública do distrito de Barão Geraldo (também em Campinas) — a E.E. Professor Hilton Federici. Durante os encontros, as pessoas participantes de ambos os espaços puderam ter contato direto com os instrumentos de percussão, aprender sobre personagens que compõem a corte de maracatu, além de participarem de rodas de conversa com Mestres de maracatu, de forma a conhecerem mais acerca dos fundamentos dessa manifestação.

maracatu, não é que ele vai ficar como eu fiquei, às... vou dar um primeiro sentido a ele, de... ele existe vários leques [...] (Santana, 2023).

A seguir, registros de momentos de atuação profissional de Deivson (Figuras 20 e 21):

Figura 20 — Deivson com as crianças durante o trabalho como arte-educador



Fonte: Acervo cedido pelo narrador.

Figura 21 — Deivson com adolescentes em oficina de construção de alfaías



Fonte: Acervo cedido pelo narrador.

Crítico à apropriação dos saberes tradicionais que possa ser feita nos espaços acadêmicos, o narrador observa

[...] eu acho que tem termo, tem linguagem da gente periférica, que deveria ser continuado, não modificado, que até... até nas universidades, muitas vezes, a linguagem da gente acaba se perdendo, o jeito da gente falar, até o negócio do

conteúdo como eu até falei, da... de... da... favela, esse ‘favela’, nome ‘favela’ é um termo da gente, mas aí quando vai pra universidade, ou até formação restrita, é... é ‘comunidade’ [...] (Santana, 2023).

E ainda

[...] mas a gente continua cada vez mais semeando e plantando o conteúdo das ervas, das plantas, que tudo tem um sentido, e cada... a benzedeira — que é uma linguagem também, cada vez mais, quer... dar continuidade. Isso tudo é a trajetória que a gente da periferia cada vez mais passa, e isso é ensinamento que cada vez mais a gente vem aprendendo, a trajetória cultural ou afrocultural [...] (Santana, 2023).

O alerta feito pelo Ogan é fundamental para que não se esqueça de que o projeto decolonial não deve se tornar um projeto meramente acadêmico, o qual não credite os povos verdadeiramente responsáveis pela elaboração dos conhecimentos. Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel (2018, p. 10), em consonância com tal proposição, dizem-nos que

[...] é preciso trazer para o primeiro plano a luta política das mulheres negras, dos quilombolas, dos diversos movimentos negros, do povo de santo, dos jovens da periferia, da estética e arte negra, bem como de uma enormidade de ativistas e intelectuais [...].

Desse modo, respeitando a dimensão política do lugar de enunciação negro, a decolonialidade abordada e efetivada no âmbito acadêmico pode contribuir para a transformação da realidade, para que seja feita justiça epistêmica, ao passo que desvela a colonialidade do ser, do saber e do poder.

Deivson orgulha-se da contribuição cultural que realiza junto ao seu grupo de origem para os espaços onde atua: “eu me considero rico de conhecimento, a... com a comunidade se considera rico de vários conhecimentos” (Santana, 2023). Além disso, faz uma reflexão sobre essa riqueza de saberes não ser acompanhada de sua valorização e, ainda, que as vidas produtoras desses conhecimentos não tenham valia para a sociedade racista:

[...] mas a co... a precariedade ainda tá aí, independente... não adianta a gente ser rico e... de conhecimento, que entra cada vez mais a necessidade vai estar dentro lá, a... a opressão vai tá agindo dentro de lá quando, no exato momento você chega pra tirar seu direito de ir e vir de um jovem, ou de um adolescente, ou de um pai de família [...] (Santana, 2023).

De acordo com Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel (2018), a dimensão da raça, tão presente na narrativa do Ogan, é primordial para que se tenha o entendimento de como o sistema-mundo moderno/colonial opera.

Tão crucial é o racismo como princípio constitutivo, que ele estabelece uma linha divisória entre aqueles que têm o direito de viver e os que não o têm, haja vista o conflito entre forças do Estado e populações negras periféricas das grandes cidades brasileiras, expresso no que tem sido nomeado como genocídio da juventude negra. O racismo também será um princípio organizador daqueles que podem formular um conhecimento científico legítimo e daqueles que não o podem (Bernardino-Costa; Maldonado-Torres; Grosfoguel, 2018, p. 11).

Resistindo às investidas do projeto colonial de aniquilamento de tudo e de todos que não se enquadram aos padrões eurocêntricos, Deivson convoca seus coletivos — que ele acredita carregarem a potência para a transformação da realidade.

[...] pra gente tentar re... resistir, e quantas pessoas novas, jovens novos estão chegando, criança e adolescente, que... que desse jeito forma... formação periférica que cada vez mais, a Nação Encanto do Pina cada vez mais traz. Isso é fundamental pra dentro de uma comunidade, pra dentro de uma favela, porque, ao mesmo tempo que você tá alimentando, não só a fome dele que é visceral, mas a fome que é intelectual também (Santana, 2023).

Acredito que minha identificação com Deivson venha, além de termos o mesmo orixá regente, do fato de trazermos a Nação Encanto do Pina dentro de nós, de estarmos à distância geográfica dela, mas nos alimentarmos por todo o ano dessa força que é revigorada no período carnavalesco. Findada a *entrevistaconversa*, foi necessário alimentar o corpo também. Não me furtei a experimentar o caldo de sururu, feito pela mãe do Deivson, D. Ana Rosa.

3.4 Dama do Paço e coordenadora pedagógica Mariana Bianchi

No passo embalado pelo baque percussivo, conduzindo o axé materializado na boneca, vestida ricamente como ela, vem Mariana Bianchi. Desde 2018 assume a responsabilidade de ser a Dama do Paço da calunga de Yemanjá. Além dessa calunga, na Nação Encanto do Pina há a calunga de Oxum (essas duas feitas de cera e madeira) e a boneca de pano que representa Maria Padilha.

Elemento indispensável no cortejo do maracatu, a calunga simboliza a sacralidade. Ela traz consigo a representatividade de figuras importantes para a Nação, mesmo que elas não estejam mais nesse plano espiritual, mas se fazem presentes na memória partilhada pelo coletivo maracatuzeiro, munindo-o da força necessária para a sua continuidade.

O trabalho de Conrado (2013) trata da constituição do corpo calungueiro no maracatu, a partir de uma articulação de sistemas culturais que envolvem linguagem, imaginário e contexto para constituir o corpo calungueiro no maracatu, composto pela personagem Dama do Paço e seu elemento simbólico, a calunga (Figura 22).

Figura 22 — Dama do paço Mariana Bianchi e a calunga de Yemanjá



Fonte: Correia (2020a).

Mesmo grandiosa, ser Dama do Paço não é a única função desta narradora na Nação. Ela chegou praticamente ao mesmo tempo do advento da Mestre Joana no posto de comando.

[...] cheguei em 2008 no Encanto do Pina. É... a Mestre Joana já iria assumir o maracatu e ela assumiu, né, em setembro de 2008, assim como em outubro de 2008 ela fundou o Baque Mulher, e aí quando ela assumiu o Encanto do Pina, ela perguntou se eu gostaria de participar dessa... dessa jornada com ela, e eu disse: sim! (Bianchi, 2023).

Ao longo dos quase 16 anos, desde que começou a integrar esse maracatu, a pedagoga e psicopedagoga Mariana já tocou os instrumentos caixa e alfaia, é a responsável pelo caixa financeiro, idealizou o documentário *Mães do Pina* (2015), colabora na confecção dos adereços e figurinos para o desfile oficial e coordena o projeto Encantinho do Pina. Na atuação dessa última ocupação é que ganhou a alcunha de “Tia Mari”, sendo chamada carinhosamente assim por muitas pessoas na Nação, principalmente pelas crianças e adolescentes com as quais convive e orienta por meio da organização e execução das propostas pedagógicas (Figura 23).

Figura 23 — Mariana com crianças do Encantinho do Pina



Fonte: Bianchi (2021).

Mariana, que agora é também “Mari de Yemanjá”, Yawô (filha de santo), a partir da sua saída⁸¹ em dezembro de 2023, durante rito no Ylê Axé Oxum Deym, considera que o maracatu e a religião são alguns dos aspectos que, ao se ligarem a outros, constituem sua vida, e que eles passaram a integrar essa composição quando Mestre Joana assumiu a Nação. A narradora vislumbrou novos horizontes para a Nação Encanto do Pina na condução da Mestre:

⁸¹ Nas palavras da narradora, durante conversa de revisão da transcrição em abril de 2024, o ritual religioso de “saída” representou para ela o renascimento para o orixá e para a vida.

Minha família, meu filho, minha... minha profissão, minha vida pessoal, o maracatu, a religião, então são a junção de coisas que tornam a nossa vida, né, que acrescenta, que... que começa a construir, fazer parte dessa pirâmide da vida e aí, é... eu comecei a perceber a grandiosidade que teria o Encanto do Pina a partir do momento que ela assumiu, né? Eu via um pouco da história do Encanto do Pina antes dela e depois que ela assumiu, por ser uma pessoa mais nova, por ser uma pessoa que consegue unir a tradição e a modernidade, consegue centralizar e descentralizar, a ponto de sair da sua comunidade e avançar nos horizontes, é... ganhar novos mundos, né, participar de novas vidas e que essas novas vidas venham a participar também [...] (Bianchi, 2023).

Essa característica da Mestre de conseguir acompanhar os novos tempos, com os desafios sociais que se colocam, porém, sem perder de vista os fundamentos enraizados tradicionalmente, inspira e é inspirada também por Mariana, que preza por efetivar no projeto socioeducativo e na Nação como um todo um ambiente que acolha e valorize as diferenças e que seja um lugar onde tenha espaço para a subjetividade de cada pessoa aflorar:

[...] pra que as pessoas se reconheçam na sua subjetividade, não só na sua identidade, porque a identidade é muito superficial, ‘eu sou fulano’, ‘eu me tornei isso, isso’... é muito superficial, mas dentro da minha subjetividade, ‘o que é que eu estou fazendo aqui?’, ‘como eu me sinto?’, ‘isto realmente me representa?’, é... é mais, é mais embaixo da identidade, então, quando a gente vê os meninos tocando agbê, as mulheres tocando instrumentos que elas querem, os homens também tocando os instrumentos que eles querem, as mulheres dançando com as roupas que elas querem, e os homens também, seja de príncipe, princesa, não interessa seu gênero, não interessa nada, o que interessa é se sua subjetividade tá realmente interligada àquilo que você tá representando dentro daqui da Nação. Isso é o que é mais fundamental, né? (Bianchi, 2023).

Mariana acredita que, da forma como ocorrem os processos formativos no interior da Nação, cada integrante tem ali um espaço propício para fazer uma leitura de si próprio, “você com você conversa com você mesmo, porque quando você tem abertura, isso acontece, que é a abertura da modernidade do Encanto do Pina” (Bianchi, 2023). Para a narradora, estimular percepções de si é o ponto elementar, sendo algo que a Nação tem de muito positivo:

É... eu sempre costumo dizer, há muitos anos que o estímulo é a melhor saída pra tudo isso. Você estimula, você dá o ponto de gatilho e a pessoa começa a se perceber. Eu não posso afirmar ninguém aqui que: ‘olha, isso é um direito seu de cidadão’. Eu não quero impor, eu quero que ela se perceba cidadã. Eu não quero dizer que: ‘você é mulher, Ju, e você pode sair como príncipe’ Não. Eu quero que você se perceba se o que você quer é sair como príncipe. Pra isso a gente precisa estimular, porque como eu falei antes, a subjetividade é muito silenciosa, mas quando ela aflora, é quando você começa a botar pra fora o que te representa, né? O que você realmente é... é... tem o prazer de... de afirmar o que te representa em tudo na vida, né? Não só aqui, mas a gente tá conversando sobre o Encanto (Bianchi, 2023).

Mesmo ciente da dificuldade em se trabalhar aspectos que dizem respeito às estruturas opressoras arraigadas na sociedade nas diferentes gerações, ainda assim, a narradora tem a convicção de que todas as pessoas, independentemente da idade, podem formar-se e

aderirem a formas mais respeitosas de lidar com os demais, vencendo, pouco a pouco, as amarras legadas pelo colonialismo, que incutiu nas mentes crenças patriarcais, como a de que mulher não pode liderar, ainda mais quando as pessoas lideradas por ela são homens. Por ter acompanhado de perto o início da trajetória de maestria de Mestra Joana, Mariana presenciou cenas que hoje ficaram para trás no cotidiano da Nação, como a seguinte que compartilhou:

Eu lembro como se fosse hoje, nos primeiros anos, que não é fácil. Vários homens, quan... no primeiro ensaio, quando ela pegou o apito, o pai dela deu o apito a ela, no primeiro ensaio, na frente de todo mundo, apresentou ela como, como representante, é... à frente dele, que é a filha dele, né? Antes de tudo, é uma linha... é uma linha bem linear, assim, familiar, antes de... de religião, né? Existe a história da família de sangue e aí, vários, vários homens tiraram seus instrumentos e saíram. Então, eu lembro como se fosse hoje, eu tocando caixa, assim, só eu de mulher, sabe? Teve, tiveram homens que tocaram de costas, assim. Então, é muito difícil. E aí, no outro ano, esse mesmo homem, tocava junto, do lado: 'Bora, Mari! Bora! Puxa comigo, fulano!'. Sabe? Então, isso é que é muito legal. Claro que a gente tem um limite também, né, pra fazer essas percepções, pra aqueles que já estão no processo, não digo... a infância. (Por)que a infância a gente trabalha do zero. A criança só vem, né? E aí a gente começa a construir isso. Mas pra quem já estava no processo, pra quem já estava crescendo, pra quem já tinha passado também por outros tempos dentro da Nação, né... por outras épocas, não foi fácil, não foi fácil (Bianchi, 2023).

Como apontado por Mariana, mesmo os adultos que cresceram em contextos nos quais o patriarcado e o machismo ditaram regras e modelaram condutas, ao se depararem com situações em um espaço onde isso não é normalizado, mas tensionado, rasurado, confrontado com a força da suposta minoridade que, nas brechas, reclama por seus espaços de direito, podem se abrir para fazer reconsiderações e questionarem também a imposição de postos subalternizados para as mulheres. Mariana pontua a importância desse constante olhar para si e para suas ações entre os integrantes da Nação, pois tais atitudes são formadoras para os mais novos que chegam.

[...] quando a gente olha e que hoje a gente, a criança aponta pra um mais velho e diz: 'Tá vendo que eu também posso?'. Por isso que, quando a gente conversa com o mais velho, a gente sempre tem o cuidado. A criança sempre vai aprontar e dizer que pode. Então, a gente precisa saber o que a gente tá fazendo, porque tanto ela aponta pra dizer que pode, pra uma coisa legal, tanto pra dizer que pode porque você tá fazendo, mas não vai ser legal porque ela tá na infância. Não é o momento dela ainda, né? Seja até pegar uma garrafa de cerveja e comprar uma cerveja. Se levanta e vai, não pede à criança, sabe? Então, isso tudo faz parte do processo da Nação. A Nação não é só vir, tocar, aprender, dançar, ajudar a fazer adereço... não é isso, não é só isso, porque se for só isso, não representa ninguém que tá aqui, não representa, não é só isso. A gente precisa pegar na mão de quem já está no processo e dizer: 'Olha, aquele que chegou hoje tá apontando e dizendo que quer fazer porque você tá sendo o espelho dele, não é?'. Então, assim, a gente precisa muito pensar, ser muito cuidadoso no olhar, muito cuidadoso no pensar, antes de agir e muito cuidadoso quando for agir, né? Porque são várias vertentes envolvem uma única situação. Então a gente não pode é... estimular pra... pra o que tem que acontecer naturalmente na vida dessas crianças e até na vida de quem já está no processo e estimular quando você tem que dar o primeiro gatilho,

pra que ela trilhe e que quando ela venha à você, ela... você sirva como um ponto de apoio, pra justamente ter essa escuta, pra justamente surgir o momento da escuta, o momento da fala, o momento da reflexão (Bianchi, 2023).

A narradora destaca em sua emissão o olhar cuidadoso que tem ao observar as singularidades de cada pessoa que chega ao espaço, bem como a preocupação em contribuir para que a Nação se configure como um lugar de acolhimento às diferenças, onde as pessoas se sintam confortáveis para receber escuta em processos nos quais extrapolem o aprender a tocar maracatu, que vinculem o aprendizado musical dessa prática cultural à criação de elos. Em sua partilha, lembra de um diálogo ocorrido recentemente, com adolescentes da Nação que há mais de dez anos são frequentadoras do espaço:

Então, assim, é muito bom quando aquela que cresceu⁸², diz assim: ‘Como é bom ainda continuar conversando a gente, né, Tia Mari, nossos assuntos’. Eu disse: ‘É ótimo!’. Então, esse é o processo, né? Como é que você planta pra você saber sua colheita? A gente precisa ser muito cuidadoso com isso. Eu não posso chegar aqui e alguém afirmar: ‘Ah, foi tia Mari quem me ensinou a tocar caixa’. Não, mas não é só isso. Eu quero saber que troca foi essa, antes de chegar, tocar caixa. Sabe? Como foi esse vínculo, como é esse vínculo? (Bianchi, 2023).

E ainda:

Então, a gente precisa dessa instituição diferente de outra. Cada instituição tem sua realidade, tem sua... tem seu cotidiano, tem sua dinâmica, mesmo... mesmo estando, é... mesmo na situação de vulnerabilidade, mesmo estando, mas as pessoas são diferentes, os costumes da comunidade são diferentes (Bianchi, 2023).

O fenômeno da educação, que é efetivado na Nação, transcende a escolarização, implica-se a responsabilidade com o outro e apresenta-se como um complexo que articula vida, conhecimento e arte. O individualismo e a compartimentalização das esferas da vida disseminados a partir da invasão dos colonizadores mostram-se ineficazes para as culturas de terreiro, nas quais o cotidiano é significado pelas sociabilidades e laços comunitários.

A ampliação da oferta de possibilidades da Nação para as crianças e para as mulheres também foi ocorrendo à medida que Mestra Joana, Mariana e outras mulheres foram assumindo funções e ocupando lugares antes inimaginados, mostrando-nos que partilhar vivências em um espaço de coexistência, de fortalecimento mútuo, predispõe as pessoas a levarem outras consigo ao ascenderem:

82 Mariana se refere a duas adolescentes, de 17 e 18 anos, que chegaram à Nação quando tinham 6 e 7 anos, respectivamente.

[...] as crianças só dançavam no maracatu, assim como as mulheres, que têm os seus trabalhos sem avançar muito, né? É costura, é comida, enfim... as crianças também tinham esse bloqueio. A criança era somente pra dançar, que era bonitinho a criança dançar. E aí, surgiu a necessidade de que toda vez que a gente ensaiava, aglomerava muita criança, que a criança tinha vontade de aprender a tocar porque ela sabia que o amanhã aquele espaço era dela, porque ela vai crescer, a criança tem consciência que ela vai crescer, ela sabe que não vai ficar criança pra sempre, então, quando ela olha o grande tocando, ela quer tocar porque sabe que amanhã ela vai estar ali, e o grande já vai ter outra responsabilidade. Então, isso é muito massa, sabe? Isso é muito massa. E aí, surgiu a ideia: eu, Mãe Joana, Jhayanna e Tenily, de fazer, de reunir as crianças e fazer o Encantinho. Porque a criança, ela tinha a necessidade de aprender a tocar, ela gostava de dançar, não perdeu o gosto, tanto é que muitas crianças dançam na passarela e elas têm o momento delas no outro dia, né, que é a Noite dos Tambores Mirins, mas elas... elas dançam com prazer porque sabem que elas têm o lugar de toque, tem o lugar pra tocar, que antes elas só dançavam. Se a gente pega uns vídeos, a gente vê que as crianças não sorriam muito dançando antigamente, porque elas só dançavam, assim como as mulheres não tinham muito sorriso no rosto quando dançavam, porque elas só costuravam, costuravam, cozinhavam e dançavam. Hoje, vo... quando você vê alguém que dança na passarela e que toca nas apresentações e no outro dia, você vê o mesmo sorriso em qualquer momento. Então, hoje você percebe a criança dançando, sorrindo e no outro dia, a criança dançando, tocando e sorrindo (Bianchi, 2023).

Parte das crianças que compõe o batuque mirim do Encantinho, toca também junto aos adultos. “Então, o prazer, o resgate da infância, da primeira infância, daquela criança que vem com a chupeta, que toca porque ela tá se sentindo bem, ao redor de todo mundo, porque ela tá incluída entre os mais... mais velhos” (Bianchi, 2023). As pessoas integrantes da Nação transitam entre a condição de estar aprendiz e estar ensinante, imersos em uma perspectiva de saberes que circulam ininterruptamente. Não é preciso aulas ou oficinas — embora elas também aconteçam com frequência —, mas o partilhar dos afazeres e o convívio nos ensaios, nas festas pós-ensaio e nos eventos religiosos propiciam ensinamentos e aprendizados valiosos, basta estar atento. A convivência entre gerações — característica bastante presente nas culturas afrodiaspóricas de terreiro — faz-se presente na Nação Encanto do Pina também (Figura 24). A educação circula entre todas as pessoas envolvidas, ora colocando-as na posição de quem ensina, ora na de quem aprende e, ainda, na posição de quem aprende ao ensinar (Freire, 1996).

Figura 24 — Diversas gerações juntas durante ensaio



Fonte: Autoria própria.

Oferecer possibilidades. Para a Dama do Paço e coordenadora pedagógica, esse é o objetivo fundamental expresso nas atividades cotidianas desse território educativo-formativo. Sendo assim, mesmo após a definição de sua função na Nação, a partir do que se identifica e nutre desejo em praticar, cada integrante tem a possibilidade de envolver-se em outras tarefas necessárias para a constituição da Nação:

É, é a possibilidade, que a partir do momento que ele só dança, ele escolhe só dançar, porque ele gosta, ele se identifica, ele sente bem, ele se percebe ali, ele começa a perceber que a dança dele precisa de vestimenta, precisa de adereço e ele precisa aprender, ele sente essa necessidade de aprender a fazer, sabe? E se aprende fazendo. Quem já tá aqui: ‘Olha, eu fiz esse, faz igual?’ Então, o lance de colocar a mão na prática e depois ele usufruir dessa prática, seja nele e olhando ao redor dele e que ele colaborou, sabe? Vol... realmente, é o sorriso quando volta no rosto, sabe? ‘Eu não toco, mas eu me sinto tão realizada dançando’. Hoje, eu não toco mais, quando eu toco, eu toco por brincar, com... interagir numa festa, num... sabe? Mas o compromisso de tocar, não, porque assumi outras responsabilidades, mas a... o meu prazer em dançar, sabe? É o mesmo prazer que tem um jovem, uma jovem que escolheu também dançar e se dedicar a aprender a fazer, sabe? É muito massa quando uma pessoa que faz parte do batuque, quer aprender também a fazer um pouco de tudo, seja de corte, mas aprender a fazer o seu próprio instrumento. A importância disso, faz parte da importância de se perceber, é... é... peça-chave dessa história. Até porque ninguém faz nada sozinho. Então, é muito, muito, muito satisfatório isso, sabe? (Bianchi, 2023).

A afirmação da vida passa coletivamente pela busca de uma educação que confronte a racionalidade hegemônica. Rufino (2019, p. 75) nos diz que

a luta por outras educações, experiências, linguagens e gramática é uma luta pela vida. A educação como um fenômeno radicalizado na condição humana trata diretamente

da emergência e do exercício dos seres como construtores dos tempos e das possibilidades.

Os diálogos travados durante o campo de pesquisa revelam a longa permanência dos integrantes que encontram na Nação um espaço familiar, como esse que tive com a Estefany⁸³, hoje adolescente: “Tia, a senhora lembra de quando eu era pequeninha e ficava pedindo para a senhora me mostrar seus braços fortes?”. Lembrei-me, claro. Os músculos ganhos com o toque frequente do agbê, aliado aos treinos de modalidades circenses aéreas, eram a surpresa para as crianças de ontem e ainda o são para as crianças de hoje. Estefany, que me trouxe essa lembrança alegre, tentava, por meio dessa ação, animar-me em um momento triste que vivi. Meu agbê, companheiro de tantos carnavais, havia se partido naquele dia. Aconteceu durante um ensaio, a baqueta de um batuqueiro que fazia a viração bateu no meu instrumento enquanto eu girava dançando e tocando. A angústia de sentir como se parte do meu corpo tivesse ido ao chão foi aliviada pelas palavras de consolo de vários integrantes e, também, pelo amparo da Belinha⁸⁴, que sendo artesã, levou meu agbê quebrado para seu ateliê, consertando-o a tempo do ensaio seguinte.

Sobre a presença das crianças por várias horas e por muitos anos na Nação, Mariana faz uma reflexão acerca da reverberação do trabalho feito com base nos direitos da infância, o qual é realizado no projeto socioeducativo Encantinho do Pina. Salienta que muitos jovens enfrentam situações conflituosas no interior de suas famílias, nas quais não recebem atenção satisfatória, sem contar a precariedade de recursos — fruto das desigualdades sociais, que as expõem a um cenário de privações, não tendo seus direitos assistidos. No entanto, a Nação abre permanentemente suas portas não só para alimentar corpos, mas também os sonhos de quem, desde cedo, empenha-se em escapar da escassez da vida produzida pelo sistema excludente. Alimentando esses sonhos, a Nação faz tentativas de criar outras realidades possíveis:

[...] o que eles não acham em casa, eles acham aqui. Não é só pela comida, e olhe, que tem situações que a primeira refeição é aqui, mas não é só pela comida, é por encontrar sua família, sabe? E saber que o sangue, pra eles, não... não é o importante, sabe? É se sentir acolhido, se sentir escutado, se sentir ouvido, se sentir chamado a atenção, sentir, se sentir, se sentir, se sentir. Por isso que eles ficam aqui, porque aqui eles acham. Esse é o motivo de ficar aqui por tanto tempo, porque aqui eles encontram a parte do direito violado (Bianchi, 2023).

83 É integrante da Nação, compondo, atualmente, a ala do instrumento chamado “mineiro”. Não participa da pesquisa, mas permitiu a menção.

84 Isabelle Caldas faz parte do coral e, também, compõe loas para o repertório da Nação. Não é participante da pesquisa, mas teve sua menção permitida.

Muitas crianças da Nação atravessam fases de crescimento permanecendo com esse coletivo. Algumas vão vivenciar a experiência de outros espaços, como as que acompanham seus familiares nas igrejas nas quais o maracatu não é bem-visto e, posteriormente, retornam à Nação. Outras, não voltam mais. Há, ainda, aquelas crianças cujos familiares são evangélicos, mas devido ao laço de respeito construído pela Nação com a comunidade ao entorno, elas têm a permissão de suas famílias para frequentarem as atividades educativas do Encantinho do Pina. Essa informação eu obtive, com surpresa, durante reunião on-line com Mestra Joana, realizada em 2 de agosto de 2023, para revisão da transcrição da *entrevistaconversa*. Surpreendeu-me, pois é possível notar o quanto todas as crianças ficam à vontade, circulando pelo espaço da Nação e partilhando dos valores civilizatórios próprios dessas epistemes, de modo que eu imaginava serem todas de famílias de religiões afro-brasileiras, sem religião ou, no máximo, de famílias católicas. Isso dá mostras de como a convivência calcada pela inclusão e respeito às diferenças pode ser posta em prática em espaços formativos e o quanto traz benefícios para quem partilha dessas relações. De acordo com a narradora, essas famílias dão o retorno de que preferem que suas crianças estejam acolhidas em um terreiro de candomblé, do que na rua, e que percebem com essa inclusão que não estão sozinhas nas tentativas de superação das dificuldades sociais. Assim, mesmo sendo de religiões distintas, podem apoiar-se. Adolescentes, pessoas adultas e idosas também chegam, permanecem, vão e voltam e trazem seus descendentes. No cotidiano significado coletivamente por essas centenas de pessoas, também a força dos ancestrais é vitalizada, a barbárie da supremacia eurocêntrica é rasurada e a vida é defendida e reinventada.

4 CONSOLIDANDO A TRAVESSIA: A CORTE REAL

O instrumento para batuqueiras/batuqueiros/batuqueiras é, ao mesmo tempo, a materialidade por onde percutem os sons e, também, a ferramenta empunhada para a preservação do legado afrodiaspórico. É chegada a hora dessa ala — que permaneceu recuada na passarela, na frente da comissão julgadora, para que desfilassem todos os demais integrantes, na cadência ritmada do maracatu — sair do recuo e encerrar o desfile, mas não sem antes apreciar a exuberância da corte real, incluindo rainha e rei (Figura 25). A opulência dos vestidos, mantos e coroas, ricamente bordados, trajados por eles associa-se à profusão de conhecimentos aportados em solo brasileiro, a partir da dispersão forçada no continente africano. Os valiosos contributos do povo negro ensejam perspectivas inclusivas para toda a sociedade.

Figura 25 — Rei e rainha



Fonte: Redes sociais da Nação (2024).

Dos fios que tramados com barbante e macarrão em uma embalagem, em um espaço-tempo no qual a ancestralidade me valia, aos enredamentos dos fios que atam pertencas e memórias com quem comigo experiencia o maracatu, este trabalho pretendeu desvelar a potente sabedoria batucada daqueles que lutam e festejam, buscando, pelas frestas, afirmar que o mundo é mais do que a monologia que o imperativo colonial nos quis fazer acreditar.

A complexidade das relações tecidas no maracatu não poderia ser refletida em um único trabalho. O maracatu é campo polissêmico; no entanto, tentei, junto às demais pessoas

narradoras, traduzir em palavras nossas maneiras de significarmos o mundo, tão cheias de afetos e sensibilidades.

Não é intento concluir, visto que o percurso com os encontros da vida partilhada no maracatu são tão ou mais importantes e ainda estão acontecendo, em permanente reelaboração. Portanto, trago alguns fios que, entrelaçados aos outros, produzem uma tessitura indicadora de sinais que levam a algumas compreensões.

Na história de vida de cada pessoa narradora, temos a possibilidade de perceber como tecem suas atuações na sociedade, no sistema hegemônico, opressor e excludente.

Com o desejo de manter viva a cultura do maracatu, trazendo-a sempre à memória, expressando-a e projetando-a para o futuro, mas sem perder o olhar na Mãe África, o movimento das maracatuzeiras e do maracatuzeiro, participantes deste estudo, em torno da comunidade-sede faz com que essas pessoas formulem suas próprias narrativas, em contraposição às narrativas colonizadoras (Bicicletas [...], 2011). É nesse sentido que esses indivíduos narradores, por terem clareza acerca da necessidade de romper com os padrões hegemônicos eurocêntricos, acreditam que podem colaborar para um amanhã diferente, com possibilidades alargadas para quem se envolve em processos formativos na Nação Encanto do Pina, partilhando experiências pluriversais em um espaço que contesta a sociedade racista, classista, patriarcal e cisheteronormativa. As ações são feitas mesmo com inúmeras adversidades que assolam o povo pobre da comunidade do Bode, no bairro do Pina — e não diferente de outras comunidades periféricas no país, alijadas do acesso às condições dignas de vida. As crianças pobres e, em sua maioria, negras, com o auxílio das positivas afetações proporcionadas pelo maracatu, podem vislumbrar melhores perspectivas, diferentes daquelas que tiveram as gerações de familiares que as precederam. Por meio do maracatu, o encantamento do mundo vai sendo tecido. “[...] Encantamento como ato de desobediência, transgressão, invenção e reconexão: afirmação da vida, em suma” (Simas; Rufino, 2020, p. 6).

Em diversos espaços por onde circulam, as pessoas participantes da pesquisa protagonizam ações que transgridem a normatividade colocada pela lógica monocultural da colonialidade, extrapolando os limites geográficos da comunidade do Bode, como no caso de Mestra Joana, que ganhou projeção nacional e até internacional, tendo sua luta reconhecida enquanto guardiã da cultura e tornando-se referência de comprometimento com as causas feministas e antirracistas para uma legião. Assim como o batuqueiro Ogan Deivson Santana, que tem sua atuação com crianças e adolescentes dos projetos sociais e com indivíduos integrantes dos grupos percussivos por onde passa, atividade essa marcada pelo compromisso ético e político de valorizar os saberes oriundos do povo negro. Na trajetória da Dama do Paço

Mariana Bianchi, seu olhar atento para a inclusão é revelado, manifestado com nitidez em suas relações com as demais pessoas integrantes da Nação. Seja acompanhando dezenas de crianças e adolescentes ao longo desses anos no Encantinho ou exercendo as demais (e variadas) atividades no espaço, Mariana demonstra que o acolhimento e valorização das diferenças são condições essenciais para a constituição de um território educativo.

Os processos formativos vividos e/ou oportunizados por cada entrevistado, seja na infância, juventude ou atualidade, trazem entrelaçadas variadas dimensões das trajetórias pessoais, artísticas e profissionais. Os narradores desta pesquisa mantêm suas singularidades ao mesmo tempo que se constituem social e culturalmente. Dessa forma, também criam os outros nas relações que estabelecem. Reconhecidas e credibilizadas (por nós) as atuações de quem nos antecedeu, temos que a resiliência e a transgressão não se inauguram nos tempos atuais, mas estamos cientes da responsabilidade pela perpetuação do legado afrodiaspórico. O movimento destas e deste narradoras/e é contínuo, forjando um novo projeto de sociedade, mais “poético/político/ético” (Rufino, 2019).

Partilhadas narrativamente pelas/os integrantes do maracatu, as memórias e práticas culturais permitiram desdobramentos reflexivos e formativos, incluindo a mim. A *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica possibilitou às narradoras e ao narrador a apropriação de suas histórias, adentrando o universo subjetivo, o que os consentiu melhor nitidez sobre o que as/o fazem movimentar-se como sujeitos nos processos para constituírem-se como pessoas, como partícipes que integram a Nação e como cidadãos(os) que agem no mundo.

Mestra Joana, Deivson e Mariana falam dos processos formativos de si próprios e como compreendem seus lugares no mundo. Ao fazerem isso, falam de outros também, na perspectiva de que esses processos, dentro da Nação, são mediados, cruzados e recebem a interlocução de outros. São construções individuais; no entanto, são impregnados de coletivo.

Pensar a educação implica pensar também na escola. As narrativas e a bibliografia apontam para a necessidade de uma urgente readequação dos currículos formais de ensino, de modo que a Lei 10.639/2003 (Brasil, 2003) seja efetivada em todos os segmentos da educação brasileira e promova o trato digno a que merece as contribuições histórico-culturais do povo africano e afrodescendente. É preciso que a diferença seja tomada como constituinte dos processos formativos, que seja abordada transversalmente, e não em momentos específicos ou em algumas disciplinas apenas. Nos espaços institucionais oficiais de educação, a tradicional compartimentalização de saberes (exclusivamente eurocentrados, diga-se de passagem) em caixinhas de conhecimentos dificulta a apreensão de sentidos pela/os educandas/os, que veem

atenuadas suas possibilidades de perceberem-se como seres integrais e dotados de muitas capacidades.

Enquanto a escola não se configura, de modo institucional, como um espaço que acolhe e valoriza as diferenças, assim como permanece dando eco somente às narrativas monológicas, as propostas formativas de outros espaços, como a da Nação, vêm dando pistas de como superar a colonialidade, dando a ver possíveis mundos outros que coexistem com aquele projetado para ser exclusivo. A abordagem na escola de manifestações culturais afro-brasileiras, como o maracatu, pode favorecer a compreensão dos educandos acerca da importância da população africana e afrodescendente na sociedade brasileira, independentemente da etnia a qual pertençam, visto que a população de pessoas pretas e pardas no país, mesmo sendo a maioria (55,5%)⁸⁵, tem suas heranças, suas práticas e seus conhecimentos sub-representados nesses espaços. Dessa forma, por meio do estudo afrodiaspórico, há o envolvimento das pessoas negras no processo educativo, como alunas/os, professoras/es e toda a comunidade escolar, efetivando nesse ambiente práticas antirracistas, bem como a possibilidade de conexão com a própria ancestralidade.

A Nação Encanto do Pina informa símbolos e valores, configurando-se como um espaço por onde circulam proposições enaltecidas acerca das epistemes afrodiaspóricas de matrizes e matizes africanas, ressemantizadas no Brasil, no qual as crianças, ora como observadoras, ora como produtoras de cultura que são, vão apreendendo e elaborando sentidos e significados para suas experiências. Faz-se oportuno ponderar que as pessoas que constroem o dia a dia na Nação são também — como não poderia deixar de ser — atravessadas pela colonialidade, o que as fazem, em alguns momentos, reproduzir palavras e ações que gostariam de transpor, mas o fato de movimentarem-se em prol de um espaço inclusivo e valorativo das diferenças representa um consistente caminho rumo às práticas antiadulocêntricas, antissexistas, antirracistas e descolonizadoras.

Além de serem atravessadas por distintas relações de gênero, classe, procedência étnica e por circularem em diversos espaços, em várias redes educativas, não se pode afirmar que a *cosmopercepção* das pessoas participantes forma-se exclusivamente através dos percursos formativos na Nação. Contudo, diante do exposto, pode-se compreender que os modos de ação e significação partilhados são fundamentais para a constituição das pessoas da Nação. Variados elementos associados, tais como a percussão, a dança, o canto, a integração comunitária, as relações com a natureza, o respeito aos saberes da experiência das anciãs e dos anciãos, a

85 Dados do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (BRASIL [...], 2022).

valorização da ancestralidade, a atenção às diferenças, a resistência ao apagamento das tradições e da história, reafirmam princípios que ancoram essa manifestação (Caciatori; Ferreira, 2022b), aos quais os frequentadores do espaço estão imersos cotidianamente, revelando o caráter educativo-formativo desse território.

O maracatu na Nação Encanto do Pina apresenta-se como um território-terreiro que minimiza os ciclos de subalternização do povo negro e periférico. Cada baquetada no tambor é um fio que se cruza a outro e expande as possibilidades; cada “xiquexá” do agbê é um ponto enlaçado que une sonhos coletivos; cada giro da baiana movimentava as rígidas estruturas coloniais. A cada refeição partilhada pós-ensaio, a cada roda de conversa no Encantinho, a cada leitura do livro *Sementes de Joana*, retirado espontaneamente da prateleira por uma criança, o projeto colonial de morte se enfraquece e os saberes ancestrais são revitalizados.

Como as ondas da morada de Yemanjá que vêm e vão, a Nação Encanto do Pina, nestas linhas, diz o seu “até breve”. Tal qual o encerramento de um desfile oficial (Figura 26), banhado por águas de suor e emoção que escorrem pelos olhos, agradeço a companhia na travessia desta passarela. É momento de inundarmo-nos pela alegria de ter colocado o maracatu na rua, de reafirmarmos nossas vidas cheias de dores, sim, mas também repleta de cores, sons, amores, encantos afinal. A escritura da tessitura se encerra; porém, os enredos de percursos formativos que afirmam a vida e seus encantamentos seguem sendo tramados, visíveis e exuberantes a olhos nus, bem como miudinhos pelas frestas.

Figura 26 — Final de desfile oficial



Fonte: Correia (2020a).

No romper da aurora
Colofé, Odoyá
É o Encanto do Pina
Que já vai embora
No luar que clareia
No balanço do mar
Sou Encanto do Pina
Salve, mãe Yemanjá (No Romper [...], 2012)⁸⁶

86 Loa *No Romper da Aurora*, composta por Mestra Joana em 2012.

REFERÊNCIAS

A BATIDA do coração. Compositora: Mestra Joana Cavalcante. Intérprete: Nação do Maracatu Encanto do Pina, 2009.

A FORÇA que herdei. Compositor: Igor de Ogum. Intérprete: Nação do Maracatu Encanto do Pina, 2024.

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. As relações étnico-raciais e a sociologia da infância no Brasil: alguns aportes. *In*: BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade**: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades — CEERT, 2012. p. 47-64.

ALENCAR, Alexandra Eliza Vieira. **“É de Nação Nagô”**: o maracatu como patrimônio imaterial nacional. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

ALVES, Cleide. No Pina, todo dia, há briga por terra. Um bairro com muitos donos. **Diário de Pernambuco**. Recife, ano 163, n. 246, 05 set. 1988, Caderno Cidade, p. A-4.

ANSELMO, Tatyana Rodrigues. **O Baque Mulher**: batucando o empoderamento feminino com a tradição sociocultural do maracatu de Recife/PE a Ribeirão Preto/SP. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) — Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2020.

ARAÚJO, Héveny Daniele Silva. **Maracatu pelas mãos de mulheres**: Histórias e Memórias encruzadas pelo Axé, Resistência e Militâncias no Baque Mulher. 2020. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) — Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2020.

AS MULHERES da minha Nação. Compositora: Tenily Guian. Intérprete: Movimento de Empoderamento Feminino Baque Mulher, 2008. Loas Baque Mulher. Disponível em: <https://baquemulher.com.br/loas/>. Acesso em: 19 dez. 2023.

AUDOIN-ROUZEAU, Stéphane *et al.* As mutações do olhar. O século XX. *In*: CORBIN, Alian; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). **História do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 50-82.

BERNARDES, Júlia de Araújo. **Expressões culturais e experiências sociais urbanas no Recife**: a Nação do Maracatu Encanto do Pina e o Movimento Baque Mulher. 2020. Dissertação (Mestrado em Antropologia) — Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson e GROSGOUEL, Ramón (org.). Introdução. *In*: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 9-30.

BIANCHI, Mariana. **Orientação pedagógica do Encantinho do Pina**. Turma da infância encantada. 2021. Álbum virtual. Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/CVYlZQ4Fy5B/?igsh=ejY3NnAzcTA5bWF2>. Acesso em: 06 set. 2024.

BICICLETAS de Nhanderú. Direção: Patrícia Ferreira e Ariel Duarte Ortega. São Miguel das Missões (RS): Vídeo nas Aldeias, 2011. 1 vídeo (48 min). Disponível em: <https://vimeo.com/ondemand/bicicletasdenhanderu/216505519>. Acesso em: 16 out. 2020.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. *Pesquisa formação* narrativa (auto)biográfica: trajetórias e tessituras teórico-metodológicas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; CUNHA, Jorge Luiz da; VILLAS BÔAS, Lúcia. (org.). **Pesquisa (Auto)Biográfica: diálogos Epistêmicos-Metodológicos**. Curitiba: Editora CRV, 2018. p. 65-81.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; PRADO, Guilherme do Val Toledo; ARAÚJO, Mairce da Silva. Sobre *pesquisa formação*, itinerários e diálogos. **Educação Unisinos**, São Leopoldo (RS), v. 25, p. 1-17, dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.4013/edu.2021.251.37>. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/22262/60748864>. Acesso em: 21 set. 2022.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 2004.

BRASIL. IBGE. Censo Demográfico 2022. Panorama. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama>. Acesso em: 18 ago. 2024.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2003]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 17 jan. 2024.

BRASIL. Lei nº 14.519, de 5 de janeiro de 2023. Institui o Dia Nacional das Tradições das Raízes de Matrizes Africanas e Nações do Candomblé. **Diário Oficial da União**: República Federativa do Brasil: seção 1, Brasília, DF, ano CLXI, n. 5, p. 1, 6 jan. 2023.

CACIATORI, Eduarda Gava; FERREIRA, Dulcinéia de Fátima. Culturas Populares: uma visita aos cantos de trabalho como resistência ao apagamento da vida. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 29, n. 4, p. 351–374, out./dez. 2022a. DOI: <https://doi.org/10.18764/2178-2229v29n4.2022.70>. Disponível em: <https://periodicoseltronicos.ufma.br/index.php/cadernosdespesquisa/article/view/16307>. Acesso em: 20 abr. 2024.

CACIATORI, Eduarda Gava; FERREIRA, Dulcinéia de Fátima. Na Gira da Roda entre Educação Popular e Culturas Populares. **Web Revista Sociodialeto**, [S. l.], v. 12, n. 36, p. 1–16, 2022b. DOI: 10.48211/sociodialeto.v12i36.454. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/sociodialeto/article/view/8149>. Acesso em: 20 abr. 2024.

CALIXTO, Guida. **Territórios Negros: nossos passos vêm de longe**. HQ (Mandato da vereadora Guida Calixto). Campinas: [s. n.], 2021.

CAPUTO, Stella Guedes. “As crianças de terreiros somos nós, as importantes”: mais algumas questões sobre os Estudos com Crianças de Terreiros. **Revista Educação e Cultura**

Contemporânea, Rio de Janeiro, v. 17, n. 48, p. 381-405, fev. 2020. DOI:

<http://dx.doi.org/10.5935/2238-1279.20200040>. Disponível em:

<https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/7603>. Acesso em: 06 jun. 2023.

CONRADO, Margarete de Souza. **Percursos de resistência e aprendizagem nos cortejos de maracatu**. 2013. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

CONTAGEM, Tayza; MENDES, Marcelo Canuto. **Concurso de Agremiações**

Carnavalescas 2024. Regulamento. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2023.

Disponível em:

https://www.culturarecife.com.br/public/documentos/regulamento_consursos_2024/Regulamento%20do%20Concurso%20de%20Agremiacoes%20Carnavalescas%202024.pdf. Acesso em: 27 abr. 2024.

COROOU, no Encanto Coroou. Compositora: Tenily Guian. Intérprete: Nação Encanto do Pina, 7 set. 2023. *Vídeo*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=OxauRu_vK-w&ab_channel=na%C3%A7%C3%A3o+maracatu+encantodopina-Topic. Acesso em: 08 set. 2023.

CORREIA, Ismaela. **Ano que nossa Nação Encantada completou 40 anos**. 2020a. Álbum virtual. Disponível em:

<https://www.facebook.com/media/set/?set=oa.2818280088254056&type=3>. Acesso em: 06 set. 2024.

CORREIA, Ismaela. **Na companhia de outros batuqueiros, durante a Noite dos Tambores Silenciosos**. 2020b. Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/CWtqFrKvVPA/?igsh=MWNtdHUyMW12MWNqag==>. Acesso em: 06 set. 2024.

D'OLIVEIRA, Fernanda. Mulheres assumem o comando de agremiações carnavalescas. **Diário de Pernambuco**. Recife, n. 57, 27 fev. 1987, Caderno Viver, p. 1.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica.

Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 17, n. 51, p. 523-536, set-dez. 2012.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/5JPSdp5W75LB3cZW9C3Bk9c/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2023.

DO LUGAR: Encantamento e Disponibilidade. Entrevistado: Luiz Antonio Simas. [S. l.]:

Spotify, 24 jun. 2022. *Podcast*. Disponível em:

https://open.spotify.com/episode/7tNbgDjBcsTg7o32CTi8Yx?si=vuVnqcUZQTecr_2RWzGBnw. Acesso em: 03 maio 2023.

ENCANTO do Pina na passarela. Carnaval 2020. [S. l.: s. n.]. 2020. 1 vídeo (36 min 02 seg.).

Publicado pelo canal Mestra Joana Cavalcante. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=taK94XU8BRQ&list=PLlu-icLHDhmnP6LMaSa67OGUNvQVjg01S>. Acesso em: 30 mar. 2024.

ENTREMARES. Direção: Anna Andrade. Recife: Tarrafa Produtora, 2018. 1 vídeo (20 min). Publicado pelo canal Meteoro Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-9ihARXp0Gw>. Acesso em: 02 maio 2023.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; MACEDO, Elina Elias de; SANTOS, Solange Estanislau dos. Educação Infantil e Diversidade Cultural: Para uma Pedagogia Macunaímica. In: ABRAMOWICZ, Anete; VANDENBROECK, Michel (org.). **Educação Infantil e diferença**. Campinas: Papirus, 2013. p. 49-70.

FERREIRA, Eliene Martins. **A construção da memória afro-brasileira na manifestação dos Tambores Mirins**. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) — Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. Raça e Educação Infantil: à procura de justiça. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 1015-1044, jul./set. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.23925/1809-3876.2019v17i3p1015-1044>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/44232/29876>. Acesso em: 02 maio 2023.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GROSFOGUEL, Ramón. Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 62-88.

GUERRA PEIXE, César. **Maracatus do Recife**. São Paulo: Ricordi, [195-?].

GUIAN, Tenily. **A força maior**. Vó Quixaba e as Calungas. 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C3SjLtVuZ2g/?igsh=dmo2NWw2MDF5a3M=>. Acesso em: 06 set. 2024.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Rainhas coroadas: história e ritual nos maracatus-nação do Recife. **Cadernos de Estudos Sociais**, Recife, v. 20, n. 1, p. 39-52, jan./jun. 2004. Disponível em: <https://fundaj.emnuvens.com.br/CAD/article/view/1325>. Acesso em: 10 set. 2023.

GUIMARÃES, Valkiria Maria de Souza; LIMA, Maria das Graças Freitas. Pina. In: MELLO, Nadja Tenório Pernambucano de; SANTOS, Venonilda Barbosa dos (org.). **Para ler o seu bairro**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2018. p. 141-198.

HALL, Stuart. Pensando a Diáspora: Reflexões sobre a terra no exterior. In: HALL, Stuart; SOVIK, Liv (org.). **Da Diáspora**: Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 25-50.

HINO DO YLÊ AXÉ OXUM DEYM. Compositor: César Fernandes, com adaptações de Mestra Joana Cavalcante. Intérprete: Nação do Maracatu Encanto do Pina, 2014.

HISTÓRICO. **Funase**. Institucional, Recife, s. d. Disponível em: <https://www.funase.pe.gov.br/institucional/historico>. Acesso em: 4 maio 2023.

IBEJI, Ibejinho. Compositora: Tenily Guian. Intérprete: Nação do Maracatu Encanto do Pina, s.d.

INSTITUTO do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). **Plano de salvaguarda: maracatu nação**. Brasília: Iphan, 2023. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/planodesalvaguardamaracatunacaoweb.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2023.

INSTITUTO Marielle Franco. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://www.institutomariellefranco.org/>. Acesso em: 30 mar. 2024.

JULIO, Michele Távora. Contribuições do Maracatu de Baque Virado na Educação Antirracista. **Revista Sustinere**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 160-183, jan./jun. 2021. DOI: <https://doi.org/10.12957/sustinere.2021.51038>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/sustinere/article/view/51038>. Acesso em: 26 nov. 2022.

KOSLINSKI, Anna Beatriz Zanine. “**A minha nação é nagô. A vocês eu vou apresentar**”: mito, simbolismo e identidade na nação do maracatu Porto Rico. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia) — Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 25 mar. 2023.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. As “origens” dos Maracatus-Nação do Recife: uma história linear e sem transformações? **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 11, n. 27, p. 255-282, maio/ago. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/2175180311272019255>. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180311272019255>. Acesso em: 10 set. 2023.

LIMA, Mariana Semião de; LIMA, Norma Silvia Trindade de. A Menina de Oyá: contribuições decoloniais e inclusivas ao ambiente escolar. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisul Poiesis**, Tubarão (SC), v. 16, n. 29, p. 183-201, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Poiesis/article/view/12723>. DOI: <https://doi.org/10.59306/poiesis.v16e292022183-201>. Acesso em: 18 jul. 2023.

LIMA, Norma Silvia Trindade de. Capoeira em diáspora: capturas, insurgências e (re)existências por uma educação decolonial e inclusiva. **Perspectiva** — Revista do Centro de Ciências da Educação, Florianópolis (SC), v. 39, n. 4, p. 1-17, out./dez. 2021a. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2021.e67913>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/67913>. Acesso em: 10 set. 2023.

LIMA, Norma Silvia Trindade de. Inclusão escolar e pertencimento, cruzos a partir da experiência: capoeira e decolonialidade. In: MANTOAN, Maria Teresa Egler; LANUTI, José Eduardo de Oliveira Evangelista (org.). **Todos pela inclusão** — Dos fundamentos às práticas. Curitiba: CRV, 2021b. p. 121-129.

LIMA, Norma Silvia Trindade de; LIMA, Mariana Semião de. Rasuras e perspectivas macumbísticas para uma educação infantil inclusiva e antirracista. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 25, n. 47, p. 409-428, jan./jun., 2023. DOI: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2023.e90781>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/90781>. Acesso em: 25 jul. 2023.

LIMA, Norma Sílvia Trindade de; MENDES, Jackeline Rodrigues; FERNANDES, Renata Sieiro. Capoeira e Educação: pelo movimento, pelas narrativas e pela experiência. **Revista de Educação, Ciência e Cultura**, Canoas, v. 25, n. 2, p. 319-334, jul. 2020. DOI: <https://doi.org/10.18316/recc.v25i2.5499>. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/5499>. Acesso em: 10 set. 2021.

LUGONES, María. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 50-83.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 356-377.

LUIZ. Amanpe: Associação dos Maracatus Nação de Pernambuco. **Maracatu**, [S. l.], 01 nov. 2017. Disponível em: <https://maracatu.org.br/2017/11/01/amanpe-associacao-dos-maracatus-nacao-de-pernambuco/>. Acesso em: 26 mar. 2023.

MADURO, Otto. **Mapas para a festa: reflexões latino-americanas sobre a crise e o conhecimento**. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

MÃES do Pina. Direção: Leo Falcão. Produção: Alcir Lacerda Filho. Recife: Urso Filmes, 2015.

MAIA, Nanda. Mestra Joana. **Revista Continente Multicultural**, Recife, ano XXIII, ed. 273, p. 50-56, 11 set. 2023.

MAIOR Carnaval da história: Recife bate recorde de público com 2 milhões de foliões. *Prefeitura de Recife*, Agenda do Prefeito, 26 fev. 2020, Recife. Disponível em: <http://site.carnavalrecife.com/2020/02/26/recife-faz-o-maior-carnaval-da-historia-com-recorde-de-2-milhoes-de-folhoes/>. Acesso em: 26 out. 2020.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 31-61.

MARIA Padilha é mojobá. Compositora: Tenily Guian. Intérprete: Nação do Maracatu Encanto do Pina, 2021.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo (SP), v. 32, n. 94, p. 1-18, jun. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.17666/329402/2017>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 07 set. 2021.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade *em* política. Tradução de Ângela Lopes Norte. **Cadernos de Letras da UFF**. Dossiê: Literatura, língua e identidade, Niterói, n. 34, p. 287-324, 2008. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4251728/mod_resource/content/0/op%C3%A7%C3%A3o%20descolonial%20walter%20mignolo.pdf. Acesso em: 17 jul. 2023.

MORAES, Katarina. Prefeitura do Recife lança projeto de urbanização para área ribeirinha do Pina. **JC**, Urbanismo, 01 jan. 2023, Pernambuco. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/pernambuco/2023/01/15148870-prefeitura-do-recife-lanca-projeto-de-urbanizacao-para-area-ribeirinha-do-pina.html>. Acesso em: 23 abr. 2023.

MORAES, Marcelo José Derzi. Becos, Ruas, Marquises e Esquinas. *In*: BORGES-ROSARIO, Fábio; MORAES, Marcelo José Derzi; HADDOCK-LOBO, Rafael. **Encruzilhadas Filosóficas**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2020. p. 62-80.

MORAIS, Joelson de Sousa; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Conhecimentos, experiências e afetos em narrativas (auto)biográficas compartilhadas em uma *pesquisaformação*. **Revista Cocar**, Belém (PA), v. 15, n. 32, p. 1-20, jul. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4264>. Acesso em: 18 jul. 2023.

MOTTA, Thais da Costa; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. *Pesquisaformação*: uma opção teórico-metodológica de abordagem narrativa (auto)biográfica. Artes de *Dizerfazerdizer* os saberes da experiência. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 04, n. 12, p. 1034-1049, set/dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2019.v4.n12.p1034-1049>. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/6191>. Acesso em: 10 set. 2023.

MOVIMENTO de Empoderamento Feminino. Baque Mulher Feministas do Baque Virado, s. d. Disponível em: <https://baquemulher.com.br/>. Acesso em 09 jan. 2024.

NEGRO Drama. Intérprete: Racionais MC's. Compositores: Edi Rock e Mano Brown. *In*: NADA como um dia após o outro dia. Intérprete: Racionais MC's. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 2002. CD duplo, faixa 5.

NO ROMPER da Aurora. Compositora: Mestra Joana D'Arc da Silva Cavalcante. Intérprete: Nação Encanto do Pina, 2012. Disponível em: <https://nacaoencantodopina.maracatu.org.br/loas-do-encanto/>. Acesso em: 20 abril 2024.

O ENCANTO chegou, ôô, ôôô. Compositor: Ryan Oliveira. Intérprete: Nação Encanto do Pina, 2020. Disponível em: <https://nacaoencantodopina.maracatu.org.br/files/2020/01/EP-Loas-31-JAN-2020.pdf>. Acesso em: 08 set. 2023.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da Ancestralidade**: corpo e mito na filosofia da Educação Brasileira. 2005. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

OLIVEIRA, Eduardo. **Epistemologia da Ancestralidade**. [S. l.: s. n.], 2012. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/eduardo_oliveira_-_epistemologia_da_ancestralidade.pdf. Acesso em: 30 mar. 2024.

OLIVEIRA, Jailma Maria. **Rainhas, mestres e tambores**: gênero, corpo e artefatos no maracatu-nação pernambucano. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia) — Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. Visualizando o corpo: teorias ocidentais e sujeitos africanos. *In*: OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. 1 ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. p. 39-53.

PASSEGGI, Maria; NASCIMENTO, Gilcilene; OLIVEIRA, Roberta de. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, v. 33, n. 33, p. 111-125, dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/5682>. Acesso em: 9 maio 2023.

PERNAMBUCO. **Comissão de Segurança Pública e combate ao crime organizado**. Pernambuco: Câmara dos Deputados, 2013. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=F3AC47641C70CDD7F00CFF64CBE2265C.node1?codteor=1065406&filename=REQ+201/2013+CSPCCO. Acesso em: 23 maio 2023.

PRAZERES, George Demetrio Alves dos. **Maracatu**: faces e interfaces de uma experiência religiosa. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) — Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2007.

PREFEITURA de Recife. **Catálogo de Agremiações Carnavalescas do Recife e Região Metropolitana**. Recife: Associação dos Maracatus de Baque Solto de Pernambuco. Prefeitura do Recife, 2009. 260 p.

PREFEITURA do Recife. **Concurso de Agremiações Carnavalescas**. Anexo I — Critérios de Julgamento 2015. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife: Secretaria de Cultura, 2015. Disponível em: <https://www2.recife.pe.gov.br/wp-content/uploads/Crit%C3%A9rios-de-julgamento-Concurso-Agremia%C3%A7%C3%B5es-Carnavalescas-20151.doc>. Acesso em: 16 abr 2024.

PROJETO Encantinho do Pina. **Atividade socioeducativa no Encantinho do Pina**. Recife, 2021a. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CNpe__LDazQ/. Acesso em: 14 abr. 2021.

PROJETO Encantinho do Pina. **Roda de conversa no Encantinho do Pina**. Recife, 2021b. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CWroz_Dra3n/?img_index=1. Acesso em: 24 nov. 2021.

QUEIROZ, Mariana. **Sementes de Joana: a primeira mestra de maracatu**. São Paulo: Mocho Edições, 2021.

RIBEIRO, Fabiana. **10 Anos do Baque Mulher Campinas** — Prévia. 2024. Álbum virtual. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C5henrnRrtF/?igsh=MW91dWUyNDNwODQzdg==>. Acesso em: 6 set. 2024.

ROCHA, Vinícius. **Fachada da Nação antes da reforma**. Recife, 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=715475805236960&set=a.252239371560608>. Acesso em: 05 mar. 2015.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SECRETARIA de Controle e Desenvolvimento Urbano e Obras. Recife, [2012?]. Disponível em: <https://www2.recife.pe.gov.br/servico/pina>. Acesso em: 23 abr. 2023.

SILVA, Charles Raimundo da. **O Mestre apitou: mestres, apitos, nações de maracatu e suas ações religiosas, culturais e políticas**. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Encantamento: sobre política de vida**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. Imago; Salvador (BA): Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

VASSOLER, Kadu. **Mestra Joana na Noite dos Tambores Silenciosos**. Recife, 2023. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Co99Cj_Ojzk/. Acesso em: 22 fev. 2023.

VIANA, Juliana Aline Gomes. **Educação não-formal e cultura popular: o trabalho do Projeto Gente Nova**. 2006. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

APÊNDICE A — Levantamento das pesquisas selecionadas

Quadro 1 — Levantamento de pesquisas selecionadas

Autor/a	Título	Categoria do trabalho	Área	Instituição	Ano	Plataforma
GUERRA PEIXE, César	Maracatus do Recife	Livro	Música		195-?	SBU
GUILLEN, Isabel Cristina Martins	Rainhas Coroadas: história e ritual nos Maracatus-Nação do Recife	Artigo	Ciências Sociais		2004	Capes
PRAZERES, George Demetrio Alves dos	Maracatu: faces e interfaces de uma experiência religiosa	Dissertação	Ciências da Religião	Universidade Católica de Pernambuco	2007	Ibict
KOSLINSKI, Anna Beatriz Zanine	“A minha nação é nagô. A vocês eu vou apresentar”: mito, simbolismo e identidade na Nação do Maracatu Porto Rico	Dissertação	Antropologia	Universidade Federal de Pernambuco	2011	Ibict
OLIVEIRA, Jailma Maria	Rainhas, mestres e tambores: Gênero, corpo e artefatos no maracatu-nação pernambucano	Dissertação	Antropologia	Universidade Federal de Pernambuco	2011	Ibict
CONRADO, Margarete de Souza.	Percursos de resistência e aprendizagem nos cortejos de maracatu	Tese	Educação	Universidade Federal da Bahia	2013	Ibict
FERREIRA, Eliane Martins	A construção da memória afro-brasileira na manifestação dos Tambores Mirins	Dissertação	Ciências da Religião	Universidade Católica de Pernambuco	2013	Ibict
ALENCAR, Alexandra Eliza Vieira	“É de Nação Nagô”: o maracatu como patrimônio imaterial nacional.	Tese	Antropologia Social	Universidade Federal de Santa Catarina	2015	Ibict
SILVA, Charles Raimundo da	O Mestre apitou: Mestres, apitos, nações de	Tese	Antropologia Social	Universidade Federal de	2018	Capes

	maracatu e suas ações religiosas, culturais e políticas			Santa Catarina		
LIMA, Ivaldo Marciano de França	As “origens” dos Maracatus-Nação do Recife: uma história linear e sem transformações?	Artigo	História		2019	Capes
ANSELMO, Tatyana Rodrigues	O Baque Mulher: Batucando o empoderamento feminino com a tradição sociocultural do maracatu de Recife/PE a Ribeirão Preto/SP.	Dissertação	Educação Sexual	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	2020	Capes
ARAÚJO, Héveny Daniele Silva	Maracatu pelas mãos de mulheres: histórias e memórias encruzadas pelo Axé, Resistência e Militâncias no Baque Mulher	Dissertação	Cultura e Sociedade	Universidade Federal do Maranhão	2020	Ibict
BERNARDES, Júlia de Araújo	Expressões Culturais e Experiências Sociais Urbanas no Recife: a Nação do Maracatu Encanto do Pina e o Movimento Baque Mulher	Dissertação	Antropologia	Universidade Federal de Pernambuco	2020	Capes
JULIO, Michele Távora	Contribuições do Maracatu de Baque Virado na Educação Antirracista	Artigo	Educação		2021	Capes

Fonte: Autoria própria.

ANEXO A — Termos de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TESSITURAS ENTRE MARACATU E EDUCAÇÃO: PERCURSOS FORMATIVOS DE INTEGRANTES DA NAÇÃO ENCANTO DO PINA

Nome das responsáveis:

Juliana Aline Gomes Viana (Pesquisadora)

Norma Silvia Trindade de Lima (Orientadora)

Número do CAAE: 59564122.0.0000.8142

Você está sendo convidada a participar de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante da pesquisa e é elaborado em duas vias, assinadas e rubricadas pela pesquisadora e pela participante, sendo que uma via deverá ficar com você e outra com a pesquisadora.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com a pesquisadora. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Justificativa e objetivos:

A pesquisa pretende analisar as relações entre maracatu e educação na Nação do Maracatu Encanto do Pina. Levando em conta que as pessoas adultas que participam da Nação desde a infância ou há pelo menos 10 anos têm clareza acerca das opressões sociais sofridas por essa manifestação afro-brasileira e, por isso, resistem, permanecem no maracatu e o consideram como um espaço importante para a formação humana, o estudo visa investigar como as pessoas participantes constroem seus sentimentos de pertencimento étnico, racial e comunitário e como atuam na sociedade a partir dos ensinamentos obtidos com a experiência no maracatu.

Procedimentos:

Participando do estudo você está sendo convidada a: participar de uma entrevista na sede da Nação Encanto do Pina que será gravada em áudio, com duração máxima de 2 horas e sem questionário fixo. A gravação poderá ser interrompida sempre que você julgar necessário. Ela será descartada (excluída) cinco anos após o término da pesquisa. Durante esse período, a gravação permanecerá em posse da pesquisadora e somente ela terá acesso. Você também será convidada a partilhar fotos, vídeos, cartazes, certificados e honrarias de seu acervo pessoal, para que compoñham a pesquisa. Não há a intenção de utilizar a gravação e os registros para outros projetos, mas caso surjam, você será comunicada, sua autorização será pedida e a utilização só ocorrerá caso a permissão seja concedida. A pesquisadora utilizará, ainda, imagens e mencionará nomes de pessoas que não são participantes do estudo, mas que, de alguma forma, integram a Nação, tendo atuação importante para a investigação que se pretende fazer.

A pesquisa será iniciada somente após aprovação do protocolo de pesquisa no Comitê de Ética em Pesquisa.

Você não deve participar deste estudo se fizer parte há menos de 10 anos da Nação do Maracatu Encanto do Pina.

Desconfortos e riscos:

A pesquisa não apresenta riscos previsíveis, no entanto, você pode deixar de participar a qualquer momento, caso se sinta desconfortável, sem qualquer ônus.

Rubrica da pesquisadora: 

Rubrica da participante: 

Benefícios:

A pesquisa não traz benefícios diretos, mas como benefícios indiretos, a pesquisa traz a possibilidade de divulgação de seus saberes e seu trabalho para a universidade e a possibilidade de reflexão sobre sua prática ao rememorar sua trajetória.

Sigilo e privacidade:

O sigilo e a privacidade não podem ser garantidos nesta pesquisa, já que o estudo visa divulgar os seus saberes e suas percepções de si e do mundo.

Ressarcimento e Indenização:

A entrevista será feita durante o seu momento de permanência na Nação Encanto do Pina, não gerando qualquer ônus para você, mas caso você tenha gastos para participar da pesquisa fora da sua rotina, haverá o ressarcimento integral de suas despesas. Você terá a garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa, quando comprovados nos termos da legislação vigente.

Acompanhamento e assistência:

Você tem o direito à assistência integral e gratuita devido a danos diretos e indiretos, imediatos e tardios, pelo tempo que for necessário. Caso sejam detectadas situações que indiquem a necessidade de uma intervenção pedagógica, esta será prestada gratuitamente pela pesquisadora. Você terá direito ao acesso aos resultados parciais da pesquisa sempre que solicitado e aos resultados finais assim que a pesquisa for publicada. Não havendo interesse em continuar a participar da pesquisa, a qualquer momento, você terá sua participação cancelada.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, se precisar consultar esse registro de consentimento ou quaisquer outras questões, você poderá entrar em contato com as pesquisadoras:

Juliana Aline Gomes Viana

Mestranda da Faculdade de Educação da Unicamp.

Endereço profissional: Universidade Estadual de Campinas.

Faculdade de Educação da Unicamp. Departamento de Ensino e Práticas Culturais – DEPRAC - Grupo PHALA.

Avenida Bertrand Russell – Cidade Universitária

CEP: 13083-865 – Campinas, SP – Brasil

Telefones: (19) 3521-5638 Ramal: 15638 e (19) 99227-0800.

Norma Silvia Trindade de Lima (Orientadora)

Professora da Faculdade de Educação da Unicamp

Endereço profissional: Universidade Estadual de Campinas

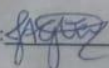
Faculdade de Educação da Unicamp. Departamento de Ensino e Práticas Culturais – DEPRAC - Grupo PHALA.

Avenida Bertrand Russell – Cidade Universitária

CEP: 13083-865 – Campinas, SP – Brasil

Telefones: (19) 3521-5638 Ramal: 15638

Rubrica da pesquisadora:



Rubrica da participante:



Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP-CHS) da UNICAMP das 08h30 às 11h30 e das 13h00 às 17h00 na Rua Bertrand Russell, 801, Bloco C, 2º piso, sala 05, CEP 13083-865, Campinas – SP; telefone (19) 3521-6836; e-mail: cepchs@unicamp.br.

Havendo a necessidade de intermediação da comunicação em Libras você pode fazer contato com a Central TILS da Unicamp no site <https://www.prg.unicamp.br/tils/>.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas.

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar:

Nome da participante: Adma Rêve da Silva Cordeiro
 (Assinatura da participante) _____ Data: 04/01/2024

Termo de autorização para gravação da pesquisa e divulgação de fotos, vídeos, cartazes, certificados e honorários:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a gravação da entrevista e sobre a divulgação de fotos, vídeos, cartazes, certificados e honorários, aceito que a entrevista seja gravada e que os registros iconográficos sejam divulgados na pesquisa:

Nome da participante: Adma Rêve da Silva Cordeiro
 (Assinatura da participante) _____ Data: 04/01/2024

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 510/2016 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento à participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado e pela CONEP, quando pertinente. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pela participante.

Juliana Aline Gomes Viana Data: 04/01/24
 (Assinatura da pesquisadora)

Rubrica da pesquisadora: [Assinatura] Rubrica da participante: [Assinatura]

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TESSITURAS ENTRE MARACATU E EDUCAÇÃO: PERCURSOS FORMATIVOS DE INTEGRANTES DA NAÇÃO ENCANTO DO PINA

Nome das responsáveis:

Juliana Aline Gomes Viana (Pesquisadora)
Norma Sílvia Trindade de Lima (Orientadora)

Número do CAAE: 59564122.0.0000.8142

Você está sendo convidada a participar de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante da pesquisa e é elaborado em duas vias, assinadas e rubricadas pela pesquisadora e pela participante, sendo que uma via deverá ficar com você e outra com a pesquisadora.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com a pesquisadora. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Justificativa e objetivos:

A pesquisa pretende analisar as relações entre maracatu e educação na Nação do Maracatu Encanto do Pina. Levando em conta que as pessoas adultas que participam da Nação desde a infância ou há pelo menos 10 anos têm clareza acerca das opressões sociais sofridas por essa manifestação afro-brasileira e, por isso; resistem, permanecem no maracatu e o consideram como um espaço importante para a formação humana, o estudo visa investigar como as pessoas participantes constroem seus sentimentos de pertencimento étnico, racial e comunitário e como atuam na sociedade a partir dos ensinamentos obtidos com a experiência no maracatu.

Procedimentos:

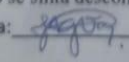
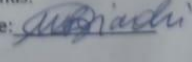
Participando do estudo você está sendo convidada a: participar de uma entrevista na sede da Nação Encanto do Pina que será gravada em áudio, com duração máxima de 2 horas e sem questionário fixo. A gravação poderá ser interrompida sempre que você julgar necessário. Ela será descartada (excluída) cinco anos após o término da pesquisa. Durante esse período, a gravação permanecerá em posse da pesquisadora e somente ela terá acesso. Você também será convidada a partilhar fotos, vídeos, cartazes, certificados e honrarias de seu acervo pessoal, para que compoñham a pesquisa. Não há a intenção de utilizar a gravação e os registros para outros projetos, mas caso surjam, você será comunicada, sua autorização será pedida e a utilização só ocorrerá caso a permissão seja concedida. A pesquisadora utilizará, ainda, imagens e mencionará nomes de pessoas que não são participantes do estudo, mas que, de alguma forma, integram a Nação, tendo atuação importante para a investigação que se pretende fazer.

A pesquisa será iniciada somente após aprovação do protocolo de pesquisa no Comitê de Ética em Pesquisa.

Você não deve participar deste estudo se fizer parte há menos de 10 anos da Nação do Maracatu Encanto do Pina.

Desconfortos e riscos:

A pesquisa não apresenta riscos previsíveis, no entanto, você pode deixar de participar a qualquer momento, caso se sinta desconfortável, sem qualquer ônus.

Rubrica da pesquisadora:  Rubrica da participante: 

Benefícios:

A pesquisa não traz benefícios diretos, mas como benefícios indiretos, a pesquisa traz a possibilidade de divulgação de seus saberes e seu trabalho para a universidade e a possibilidade de reflexão sobre sua prática ao rememorar sua trajetória.

Sigilo e privacidade:

O sigilo e a privacidade não podem ser garantidos nesta pesquisa, já que o estudo visa divulgar os seus saberes e suas percepções de si e do mundo.

Ressarcimento e indenização:

A entrevista será feita durante o seu momento de permanência na Nação Encanto do Pina, não gerando qualquer ônus para você, mas caso você tenha gastos para participar da pesquisa fora da sua rotina, haverá o ressarcimento integral de suas despesas. Você terá a garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa, quando comprovados nos termos da legislação vigente.

Acompanhamento e assistência:

Você tem o direito à assistência integral e gratuita devido a danos diretos e indiretos, imediatos e tardios, pelo tempo que for necessário. Caso sejam detectadas situações que indiquem a necessidade de uma intervenção pedagógica, esta será prestada gratuitamente pela pesquisadora. Você terá direito ao acesso aos resultados parciais da pesquisa sempre que solicitado e aos resultados finais assim que a pesquisa for publicada. Não havendo interesse em continuar a participar da pesquisa, a qualquer momento, você terá sua participação cancelada.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, se precisar consultar esse registro de consentimento ou quaisquer outras questões, você poderá entrar em contato com as pesquisadoras:

Juliana Aline Gomes Viana

Mestranda da Faculdade de Educação da Unicamp.

Endereço profissional: Universidade Estadual de Campinas.

Faculdade de Educação da Unicamp. Departamento de Ensino e Práticas Culturais – DEPRAC - Grupo PHALA.

Avenida Bertrand Russell – Cidade Universitária

CEP: 13083-865 – Campinas, SP – Brasil

Telefones: (19) 3521-5638 Ramal: 15638 e (19) 99227-0800.

Norma Sílvia Trindade de Lima (Orientadora)

Professora da Faculdade de Educação da Unicamp

Endereço profissional: Universidade Estadual de Campinas

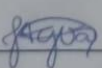
Faculdade de Educação da Unicamp. Departamento de Ensino e Práticas Culturais – DEPRAC - Grupo PHALA.

Avenida Bertrand Russell – Cidade Universitária

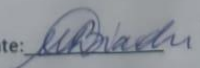
CEP: 13083-865 – Campinas, SP – Brasil

Telefones: (19) 3521-5638 Ramal: 15638

Rubrica da pesquisadora:



Rubrica da participante:



Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP-CHS) da UNICAMP das 08h30 às 11h30 e das 13h00 às 17h00 na Rua Bertrand Russell, 801, Bloco C, 2º piso, sala 05, CEP 13083-865, Campinas – SP; telefone (19) 3521-6836; e-mail: cepchs@unicamp.br.

Havendo a necessidade de intermediação da comunicação em Libras você pode fazer contato com a Central TILS da Unicamp no site <https://www.prg.unicamp.br/tils/>.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas.

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar:

Nome da participante: MARIANA BIANCHI

Mariana Bianchi Data: 19/01/24
(Assinatura da participante)

Termo de autorização para gravação da pesquisa e divulgação de fotos, vídeos, cartazes, certificados e honorarias:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a gravação da entrevista e sobre a divulgação de fotos, vídeos, cartazes, certificados e honorarias, aceito que a entrevista seja gravada e que os registros iconográficos sejam divulgados na pesquisa:

Nome da participante: MARIANA BIANCHI

Mariana Bianchi Data: 19/01/24
(Assinatura da participante)

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 510/2016 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento à participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado e pela CONEP, quando pertinente. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pela participante.

Juliana Aline Gomes Diana Data: 19/01/24
(Assinatura da pesquisadora)

Rubrica da pesquisadora: [assinatura] Rubrica da participante: [assinatura]

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TESSITURAS ENTRE MARACATU E EDUCAÇÃO: PERCURSOS FORMATIVOS DE INTEGRANTES DA NAÇÃO ENCANTO DO PINA

Nome das responsáveis:

Juliana Aline Gomes Viana (Pesquisadora)
Norma Silvia Trindade de Lima (Orientadora)

Número do CAAE: 59564122.0.0000.8142

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante da pesquisa e é elaborado em duas vias, assinadas e rubricadas pela pesquisadora e pelo participante, sendo que uma via deverá ficar com você e outra com a pesquisadora.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com a pesquisadora. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Justificativa e objetivos:

A pesquisa pretende analisar as relações entre maracatu e educação na Nação do Maracatu Encanto do Pina. Levando em conta que as pessoas adultas que participam da Nação desde a infância ou há pelo menos 10 anos têm clareza acerca das opressões sociais sofridas por essa manifestação afro-brasileira e, por isso; resistem, permanecem no maracatu e o consideram como um espaço importante para a formação humana, o estudo visa investigar como as pessoas participantes constroem seus sentimentos de pertencimento étnico, racial e comunitário e como atuam na sociedade a partir dos ensinamentos obtidos com a experiência no maracatu.

Procedimentos:

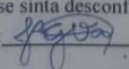
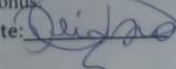
Participando do estudo você está sendo convidado a: participar de uma entrevista na sede da Nação Encanto do Pina que será gravada em áudio, com duração máxima de 2 horas e sem questionário fixo. A gravação poderá ser interrompida sempre que você julgar necessário. Ela será descartada (excluída) cinco anos após o término da pesquisa. Durante esse período, a gravação permanecerá em posse da pesquisadora e somente ela terá acesso. Você também será convidado a partilhar fotos, vídeos, cartazes, certificados e honrarias de seu acervo pessoal, para que compoñham a pesquisa. Não há a intenção de utilizar a gravação e os registros para outros projetos, mas caso surjam, você será comunicado, sua autorização será pedida e a utilização só ocorrerá caso a permissão seja concedida. A pesquisadora utilizará, ainda, imagens e mencionará nomes de pessoas que não são participantes do estudo, mas que, de alguma forma, integram a Nação, tendo atuação importante para a investigação que se pretende fazer.

A pesquisa será iniciada somente após aprovação do protocolo de pesquisa no Comitê de Ética em Pesquisa.

Você não deve participar deste estudo se fizer parte há menos de 10 anos da Nação do Maracatu Encanto do Pina.

Desconfortos e riscos:

A pesquisa não apresenta riscos previsíveis, no entanto, você pode deixar de participar a qualquer momento, caso se sinta desconfortável, sem qualquer ônus.

Rubrica da pesquisadora:  Rubrica do participante: 

Benefícios:

A pesquisa não traz benefícios diretos, mas como benefícios indiretos, a pesquisa traz a possibilidade de divulgação de seus saberes e seu trabalho para a universidade e a possibilidade de reflexão sobre sua prática ao rememorar sua trajetória.

Sigilo e privacidade:

O sigilo e a privacidade não podem ser garantidos nesta pesquisa, já que o estudo visa divulgar os seus saberes e suas percepções de si e do mundo.

Ressarcimento e indenização:

A entrevista será feita durante o seu momento de permanência na Nação Encanto do Pina, não gerando qualquer ônus para você, mas caso você tenha gastos para participar da pesquisa fora da sua rotina, haverá o ressarcimento integral de suas despesas. Você terá a garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa, quando comprovados nos termos da legislação vigente.

Acompanhamento e assistência:

Você tem o direito à assistência integral e gratuita devido a danos diretos e indiretos, imediatos e tardios, pelo tempo que for necessário. Caso sejam detectadas situações que indiquem a necessidade de uma intervenção pedagógica, esta será prestada gratuitamente pela pesquisadora. Você terá direito ao acesso aos resultados parciais da pesquisa sempre que solicitado e aos resultados finais assim que a pesquisa for publicada. Não havendo interesse em continuar a participar da pesquisa, a qualquer momento, você terá sua participação cancelada.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, se precisar consultar esse registro de consentimento ou quaisquer outras questões, você poderá entrar em contato com as pesquisadoras:

Juliana Aline Gomes Viana

Mestranda da Faculdade de Educação da Unicamp.

Endereço profissional: Universidade Estadual de Campinas.

Faculdade de Educação da Unicamp. Departamento de Ensino e Práticas Culturais – DEPRAC - Grupo PHALA.

Avenida Bertrand Russell – Cidade Universitária

CEP: 13083-865 – Campinas, SP – Brasil

Telefones: (19) 3521-5638 Ramal: 15638 e (19) 99227-0800.

Norma Silvia Trindade de Lima (Orientadora)

Professora da Faculdade de Educação da Unicamp

Endereço profissional: Universidade Estadual de Campinas

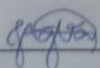
Faculdade de Educação da Unicamp. Departamento de Ensino e Práticas Culturais – DEPRAC - Grupo PHALA.

Avenida Bertrand Russell – Cidade Universitária

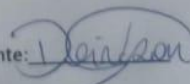
CEP: 13083-865 – Campinas, SP – Brasil

Telefones: (19) 3521-5638 Ramal: 15638

Rubrica da pesquisadora:



Rubrica do participante:



Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP-CHS) da UNICAMP das 08h30 às 11h30 e das 13h00 às 17h00 na Rua Bertrand Russell, 801, Bloco C, 2º piso, sala 05, CEP 13083-865, Campinas – SP; telefone (19) 3521-6836; e-mail: cepchs@unicamp.br.

Havendo a necessidade de intermediação da comunicação em Libras você pode fazer contato com a Central TILS da Unicamp no site <https://www.prg.unicamp.br/tils/>.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas.

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar:

Nome do participante: Deilson Lima de Santana
 (Assinatura do participante) [Assinatura] Data: 19/01/24

Termo de autorização para gravação da pesquisa e divulgação de fotos, vídeos, cartazes, certificados e honorários:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a gravação da entrevista e sobre a divulgação de fotos, vídeos, cartazes, certificados e honorários, aceito que a entrevista seja gravada e que os registros iconográficos sejam divulgados na pesquisa:

Nome do participante: Deilson Lima de Santana
 (Assinatura do participante) [Assinatura] Data: 19/01/24

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 510/2016 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguo, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado e pela CONEP, quando pertinente. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

Juliana Aline Gomes Viana Data: 19/01/24
 (Assinatura da pesquisadora)

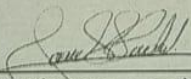
Rubrica da pesquisadora: [Rubrica] Rubrica do participante: [Rubrica]

ANEXO B — Autorização da Instituição para Pesquisa de Campo

Nação do Maracatu Encanto do Pina
Fundado em 3 de março de 1980

Autorização para Coleta de Dados

Eu, **Joana Darc da Silva Cavalcante**, responsável pela instituição **Nação Encanto do Pina**, Rua Osvaldo Machado, 504, Bairro Pina, CEP nº 51011-60, Recife/ PE, declaro estar ciente dos requisitos da Resolução CNS/MS 466/12 e suas complementares e declaro que tenho conhecimento dos procedimentos/instrumentos aos quais os participantes da presente pesquisa serão submetidos. Assim autorizo a coleta de dados do projeto de pesquisa intitulado “**Tessituras entre maracatu, educação e infância: A constituição de integrantes da Nação Encanto do Pina**”, sob-responsabilidade da pesquisadora **Juliana Aline Gomes Viana** após a aprovação do referido projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa-Unicamp.


Assinatura e carimbo

Data: 09/05/2022.